



Pertence

ao Sr Alberto Affonso  
Ferreira

~~Jo~~  
~~suba~~  
Vicente Themudo Lessa,

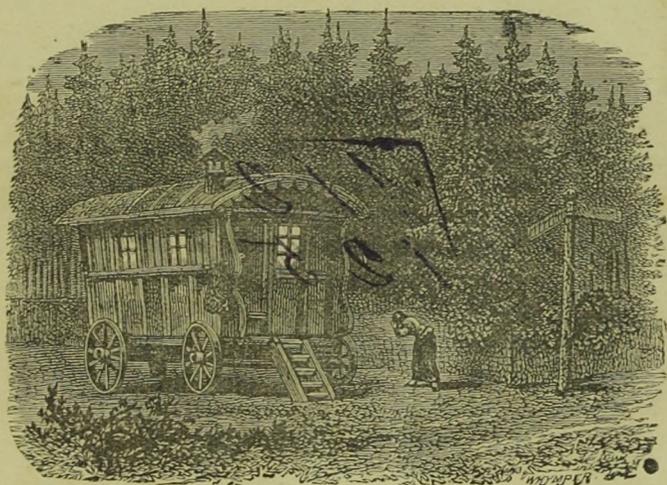
~~de 1870~~

112
125
142

Recife 5 de Abril  
1890

Alberto Affonso

A VIDA  
ATRAZ DOS BASTIDORES



---

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---

LISBOA  
TYP. E LIT. DE ADOLPHO MODESTO & C.<sup>a</sup>  
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43  
1887

N.º 22

Vicente or Rego Almeida Seca

1 de Novembro de 1890

Recife

## CAPITULO I

### Rosalia

Chuva, chuva, chuva! Como ella caia implacavel sobre o campo da feira n'aquelle domingo á tarde!

As poças augmentavam a cada instante, e a lama cada vez se tornava mais alta. E que triste aspecto o da feira!

No sabbado á noite tinha estado deslumbrante com illuminações a giorno, e na parte mais aristocrata do campo estiveram os theatros brilhantemente illuminados de cruces, de estrellas, e de ancoras de todos os feitios.

Mas agora entre as diversas barracas só se estendia um turvo e negro mar de lodo, que um velhinho de cara rosada e jovial procurava a grande custo transpor. Tinha porém determinado visitar n'aquelle dia a feira, e resolveu não deixar o logar sem primeiro dar cumprimento á sua resolução.

Com este intuito atravessou um sitio quasi intransitavel, e, subindo ligeiro os degraus que conduziam a umas caravanas, foi bater a uma pequena porta.

E como ella era curiosa! a parte superior, fazendo as vezes de janella, era composta de uma vidraça quadrada, atravez da qual se divisavam duas alvas cortinas de cambráia, apanhadas com fitas côr de rosa.

Ao bater do velho não acudiu ninguem; dispunha-se portanto elle a retirar quando um dos muitos rapazitos que estavam ali, lhe disse:

—Torne a bater, senhor, está lá dentro uma menina que entrou ainda ha pouco.

—Não gostavas de ser ella? perguntou um dos pequenos para outro.

—Oh se gostava!—respondeu o interrogado,—eu só quizerá que a nossa casa assim fosse, e que tivesse janellinhas iguaes a estas, com cortinas brancas e fitas côr de rosa.

Riu-se o velho com gosto da conversa das creanças e tornou a bater.

D'esta vez appareceu entre as cortinas uma cara que espreitou cautelosamente. Era meiga e bonita; tão bonita que o velho ao vel-a, suspirou.

Era uma menina de cerca de doze annos de idade, de apparencia franzina e delicada. O cabello de um castanho dourado, pendia-lhe até á cintura, e os olhos expressivos, pareceram ao velho os mais bonitos que elle tinha visto.

Vestia mui pobremente, e ao contacto do ar humido e frio que entrou pela porta quando abriu, estremeceu.

—Boa tarde, minha menina, disse-lhe o velho, cumprimentando-a.

Ia a responder-lhe, quando a fez voltar um ataque violento de tosse, e pouco depois ouviu-se uma voz debil e queixosa que dizia apressada:

—Fecha a porta, Rosalia, faz tanto frio; e pede a quem quer que seja, que entre.

Não esperou o ancião que lhe fizessem segundo convite; entrou dentro da caravana, e a creança fechou a porta.

O interior era acanhado e misero, não havia quasi logar em que se podesse estar de pé. Ao fundo achava-se uma cama estreita semelhante aos beliches a bordo dos navios, e ahi deitada estava uma mulher evidentemente bastante enferma.

—Não pôde deixar de ser a mãe da criança,—dizia consigo o velho.—Olhos igualmente bellos e cabello tambem da mesma côr, apesar do rosto ser macerado e abatido.

A caravana não offerecia espaço para muita mobilia; enchia-a completamente um fogãozinho, cuja chaminé ia romper os tabiques do tecto, algumas panellas, uma prateleira com chavenas e pires, e duas arcas que substituiam cadeiras; até o lume, tão perto estava do velho, que ao voltar-

se elle, teria de certo corrido risco de morrer queimado.

Rosalia entretanto tinha ido sentar-se n'uma das arcas, junto á cama de sua mãe.

—Peço desculpa de vir importunal-a, minha senhora. — disse o velho, cumprimentando-a com delicadeza. — Gosto tanto de creanças, que me lembrei de trazer á sua filhinha uma pequena gravura que desde já lhe peço que aceite.

O rosto da menina brilhou de alegria, ao tirar elle da algibeira o mimo promettido. Recebeu-o avidamente, e segurando o quadro entre as mãos, contemplou-o com alegria, enquanto sua mãe tambem se ergueu um pouco, para poder contemplal-o.

Representava a gravura um pastor de aspecto bondoso e compassivo, levando no seio para casa um cordeirinho desgarrado e ferido em varios logares, e tinha nas costas manchas de sangue, como mostra de que havia sido maltratado por algum animal cruel, em conflicto recente.

O pastor porém parecia ter soffrido mais do que o cordeiro; estava muito ferido, e caia-lhe o sangue no chão em grandes gotas. Mas elle parecia não se importar com o seu soffrimento; no semblante só lhe transluzia amor e satisfação por ter achado o seu cordeiro. Tinha olvidado a sua magoa toda, com a alegria d'elle estar salvo. Na distancia viam-se alguns amigos que vinham ao seu encontro, e por baixo estavam escriptas estas palavras em grandes caracteres:

«Alegrae-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido. Ha alegria diante dos anjos de Deus sobre um só peccador que se arrepende.»

A menina leu estas palavras com voz clara e distincta; e os olhos da mãe marejaram-se de lagrimas ao contemplarem a pintura.

—São tão doces estas palavras, pois não são? disse o velho.

—São sim,—respondeu a mulher, suspirando,—já as tenho ouvido muitas vezes.

—E o Bom Pastor já as empregou no vosso caso, mi-

nha senhora? Já convocou os seus anjos refulgentes e lhes disse de vós: «Alegrae-vos comigo porque achei a minha ovelha, que se havia perdido?»

A mulher não poudo fallar; sobreveiu-lhe um ataque de tosse, e o velho ficou a olhar para ella com expressão de magoa.

—Receio que a senhora esteja muito doente, disse elle por fim.

—Estou muito doente, estou,—atalhou amargamente a mulher;—todos veem isso menos o Augusto.

—O meu pae, explicou a menina.

—Não; não o vê,—continuou a mulher;—julga que devo levantar-me e desempenhar o meu papel como de costume. Assim tentei fazer, no ultimo logar em que estivemos; mas logo depois de ter acabado desmaiei, e desde então tenho estado sempre de cama.

—Deve já estar cansada de tanto viajar? tornou o velho compassivo.

—Cansada! se lhe parece! mas eu não fui sempre acostumada a isto. A minha educação foi diversa, bem diversa, —e dizendo isto, suspirou profundamente,— que vida tão afadigada a minha, que vida tão afadigada!

—E estão sempre em marcha, minha senhora? proseguiu elle.

—Durante o verão todo, porém no inverno procuramos algumas vezes alojamento, e contractamo-nos então com alguns dos theatros inferiores da capital; o resto do anno passamos nós de festa em festa, e de feira em feira; não temos nunca um momento de descanso ou de socego!

—Coitada! coitada! disse o velho que parecia tomado de uma sensação suffocante, que o impedia de continuar.

A menina tinha já subido a cima d'uma das malas, e tirado da prateleira uma pregadeira vermelha d'onde tirou dois alfinetes e foi pregar o quadro na parede, n'um sitio onde sua mãe o podesse ver, quando mesmo estivesse deitada.

—Ai como está bem,—exclamou ella;—olhe minha querida mãe, aqui poderá vel-o perfeitamente.

—Sim, minha senhora,—atalhou o velho, dispondo se a

partir,—e ao contemplal-o, lembra-se tambem do Bom Pastor que a está procurando. Elle deseja encontral-a, tomal-a nos braços e leval-a para casa; pouco se importará dos ferimentos que isso deverá custar-lhe. E agora adeus, talvez não torne mais a vel-a; mas folgaria muito que o Bom Pastor podesse, com referencia á senhora, dizer essas palavras.

Em seguida, desceu cuidadosamente os degrus da caravana, e Rosalia da janella seguiu-o com a vista, emquanto pelo meio da lama atravessava ás outras barracas para levar ahi a sua mensagem de paz.

Ella espreitou pelas cortinas até de todo o perder de vista, e então, voltando-se para sua mãe, exclamou alegremente:

—Não é muito lindo, o meu quadro, mãesinha querida?

Mas da cama resposta alguma lhe veiu. Julgou Rosalia que sua mãe estivesse dormindo, e approximou-se d'ella pé ante pé com medo de a acordar.

Mas o rosto estava escondido na almofada, e sobre ella caiam em fio grossas lagrimas.

Sentou-se então a menina ao seu lado, e ao mesmo tempo que a procurava consolar, afagava-lhe meigamente a mão, dizendo:

—Minha mãe, minha querida mãe, porque chora? O que tem, querida mamã?

Mas ella só redobrava de pranto, e por fim de tanto soluçar foi tomada de um acesso tão violento de tosse, que Rosalia assustada, apressou-se em ir buscar uma caneca de agua, que estava em uma prateleira junto á porta. Por fim serenou a mãe um pouco, tornou-se menos frequente o seu soluçar, e com grande alegria da filhinha, adormeceu.

Rosalia permaneceu ao seu lado sem se mexer, para que ella não despertasse, e contentou-se em mirar tanto o seu quadro, até que aprendeu as palavras todas de côr. E a primeira coisa que a mãe ouviu ao acordar foi a voz de Rosalia que murmurava suavemente:

«Alegrae-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido. Ha alegria diante dos anjos de Deus sobre um só peccador que se arrepende.»

## CAPITULO II

### o theatrinho

O pae de Rosalia tinha estado fóra todo o dia, passeiando nas ruas da cidade, mas voltava agora a tempo de fazer os preparativos necessarios para o espectaculo da tarde.

—Leonor!—bradou o marido, intruduzindo a cabeça pela abertura da porta;—tencionas de certo reassumir esta noite o teu papel?

—Não posso, Augusto, bem o verias, se te demorasses mais tempo connosco; tenho estado a tossir o dia inteiro.

—Então vê lá se trataes de restabelecer-te; é aborrecidissimo ter de preencher todas as noites a tua falta. Conrado é quem tem de substituir-te, e pelos seus modos grosseiros e pouco geitosos, se vê claramente o pouco acostumado que está a isso.

—Hei de voltar, o mais breve possivel,— respondeu a pobre mulher, arrancando um suspiro.

—E' de esperar que sim,—tornou o marido.—Estas mulheres estão sempre a imaginarem-se doentes; quando um homem já estaria de pé e a trabalhar, estão ellas ainda de cama, scismando na sua doença, e curando-se d'ella; é perfeita mandrice, é o que é!—tornou o Augusto brutalmente.

—Se estivesses tão doente como eu, Augusto, não trabalharias de certo.

—Cala a bôca, já te disse!—continuou o marido;—vê lá se me apromptas a Rosalia a horas, tencionamos começar hoje mais cedo.

Mas ás palavras asperas do pae, já Rosalia se tinha aconchegado á mãe e chorava silenciosa.

—Cala-te já, rapariga, enxuga os olhos! Como has de ap-

parecer no palco com elles vermelhos e inchados de chorar? Ouviste-me? Cala-te já, ou senão eu te ensinarei,—ajuntou elle, cerrando apoz si a porta da caravana.

—Rosalia, minha filha, não chores,—segredou-lhe a pobre mãe.—Olha que fazes zangar teu pae, e já é tempo de te ires vestir. Que bulha que fazem na feira!—murmurou a pobre mulher, levando as mãos á cabeça que parecia despedaçar-se.

Rosalia enxugou os olhos, e depois de ter lavado a cara foi a uma das arcas buscar o vestido com que devia apparecer aquella noite. Era de cambraia branca, apanhado com rosas escarlates e brancas, e junto havia uma grinalda de rosas de papel para lhe enfeitar a cabeça.

Vestiu-se a menina diante do espelho pequeno, e foi em seguida ter com sua mãe para que lhe prendesse a grinalda.

A mãe sentou-se na cama, e dispoz-se a arranjar as bastas e compridas tranças da sua filhinha. Que contraste apresentava Rosalia com o resto da caravana! A mobilia rustica, a mãe gasta e transparente, o vestidinho esfarrapado e sujo que acabava de despir, em nada harmonisavam com a mimosa criança vestida de branco á cabeceira da cama.

N'isto ouviu-se a voz do pae que a chamava, e Rosalia dando a sua mãe o ultimo beijo, foi buscar uma caneca de agua que collocou a seu lado em cima da caixa, para ella tomar no caso de sobrevir-lhe novo ataque de tosse; feito isto, desceu apressada a escada da caravana e precipitou-se para dentro do theatro brilhantemente illuminado. A turba do povo toda se voltou para a vêr quando ella passou rapidamente, desaparecendo logo pela porta do fundo do theatro.

O auditorio ainda não estava reunido, e portanto Rosalia passou ao quarto contiguo ao palco para ajuntar-se á companhia de seu pae. Todos estavam fatigados e de mau humor; pois era a ultima noite de feira, e elles pouco ou nada tinham dormido enquanto ella durou.

Por fim annunciou Augusto que era tempo de começar e saíram todos para uma especie de plataforma erecta a

meio do exterior do theatro, e onde, illuminados por tres ordens de estrellas de gaz, começaram a dançar, a cantar, e a tocar pandeiros, para chamar a attenção do povo.

Em seguida entraram, e a multidão de avidos espectadores transpoz os degraus, pagaram o dinheiro da entrada, e foram tomar os seus logares no theatro.

Havia ali muitas raparigas novas, algumas creadas de casas respeitaveis, onde tinham todas as commodidades, e que olhavam para a pequena Rosalia com olhos de admiração e de inveja.

Julgavam a sua vida muito mais feliz do que a d'ellas, e consideravam invejavel a sua sorte.

Admiravam-lhe o vestido branco e as rosas escarlates, comparavam-o com as suas roupagens quentes, mas despretenciosas; e contemplando a linda creança que desempenhava tão graciosa e facilmente o seu papel, achavam que contrastava com a sua tarefa d'ellas. Em lugar de esfregar, de lavar roupa, ou de tratar de creanças, pensavam ellas, como deveria ser cheia de interesse, e de encantos, uma vida assim!

Nada sabiam da vida particular, da mãe doente, do lar rustico, da comida escassa e insufficiente, do vestido immundo e cheio de rasgões. Nada sabiam das amargas lagrimas que ella acabava de enxugar, nem do canção extremo dos pésinhos doridos, que dançavam no palco tão ligeiros.

E quanto mais crescia a noite, tanto mais cançados se tornavam aquelles pésinhos, porque após um espectáculo seguia-se outro, e o theatro enchia-se, e tornava a encher-se, ainda depois da torre visinha ter assignalado a meia noite.

Por fim acabou, e Rosalia poudo voltar para sua mãe, mas tão exhausta e prostrada, que a custo poudo subir os degraus da caravana.

Abriu de mansinho a porta, para não acordar sua mãe e procurou em seguida despir-se. Mas doiam-lhe os membros todos, e sentando-se na caixa, junto ao leito de sua mãe e pousando a cabecinha fatigada na mesma almofada, adormeceu.

Pobre mulhersinha! Ha já bastante tempo que ella devia

descançar no seu leito, em vez de ter estado exposta todas as horas d'aquella noite trabalhosa, ao ar abafadiço, oppressivo, e suffocante do theatro.

D'ali a uma hora acordou então a mãe, e achou a sua filhinha a dormir n'aquella posição tão pouco commoda, o vestido branco desabotoado, e as rosas escarlates cahidas no chão. Fraca como estava, lá se arrastou a pobre mãe para fóra da cama, e ajudou a creança abatida a despir-se.

— Querida Rosalia, — dizia ella meigamente, — acorda. — Mas Rosalia não se mechia, e só depois de sua mãe a sacudir brandamente, é que ella se levantou e disse ainda a dormir:

— Alegrae-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido.

— Sonha com o seu quadro, pobre criança! — disse a mãe lá comsigo.

Quando Rosalia acordou tremia ao sentir nas espaduas e nos braços nús o sopro frio da noite. E a pobre mãe tão debil, ajudou-a com ternura a despir o vestidinho branco e as leves sainhas, depois é que a menina se enroscou na cama, procurando o abrigo dos braços maternos.

— Meu pobre cordeirinho fatigado! — murmurou a mãe, ao abraçar a filhinha extenuada.

— O cordeiro sou eu? perguntou ainda Rosalia.

A mãe pode responder-lhe beijando-a apaixonadamente, e depois acordada a seu lado, passou a noite chorando e tossindo alternadamente até raiar a manhã.

## CAPITULO III

### ● dia seguinte

No dia seguinte acordou Rosalia ao ouvir uma pancada á porta da caravana. Desceu da cama, e deitando o vestido sobre os hombros, foi espreitar por entre as cortinas de cambraia.

— É o Tobias, minha mãe, — disse ella ;—vou vêr o que elle quer.

Abriu então uma greta da porta, e Tobias collocando n'ella a sua hôca segredou-lhe:

— Menina Rosinha, partimos dentro em meia hora. O patrão mandou-me agora buscar os cavallos; tem estado toda a noite a empacotar; tres das carroças já estão carregadas, e só falta embrulhar o scenario.

— Para onde vamos nós? perguntou a creança.

— Vamos para uma cidade bem distante — tornou Tobias — Nunca lá estivemos, diz o patrão, e gastaremos uma semana para lá chegarmos.

— Não estás muito cansado, Tobias?

Em resposta o rapaz encolheu os hombros, e disse com um sorriso ironico:

— Gostava de saber o dia em que os empregados n'este negocio encontrarão descanço!

E depois poz-se a andar em direcção da villa para ir buscar os cavallos, que estavam abrigados na cavallariça, estabulo d'uma hospedaria, e Rosalia voltou para junto de sua mãe.

Antes de partir havia muito que fazer; tinha de tirar a loiça toda da prateleira, e arrecadal-a em lugar seguro, para que se não quebrasse com os solavancos do caminho

desigual e escabroso. Além d'isso faltava ainda vestir-se, e preparar o almoço da mãe, para que ella o podesse comer socegado antes de começar o balanço da caravana.

Terminada a sua tarefa, poz-se Rosalia á janella admirando o differente aspecto que tomava o logar da feira, á proporção que enfiavam os artigos de que ella era formada. Afinal partiram.

Alegrava-se Rosalia em deixar a cidade, e sentir o ar fresco do campo, bafejar-lhe o rosto. Era tão agradável essa frescura depois do calor abafadiço e oppressivo da feira! Abriu a parte superior da porta, e em pé no limiar, entreteve-se a olhar para Tobias que guiava a caravana, conversando com elle de vez em quando sobre os diversos objectos que encontravam no caminho, e que eram desconhecidos para ella e sua mãe.

Por fim, cerca do meio dia, chegaram a uma pequena aldeia, onde pararam por alguns minutos, para descansar os cavalloos antes de proseguirem na derrota. A caravana foi estacionar-se ao pé de uma pequena cabana de tecto colmado, em frente da qual havia um pequeno quintal, cheio das flores mais odoríferas.

Abriu-se a porta d'esta habitação, e saiu uma creancinha de pouco mais de seis annos, levando na mão uma bola que começou a rolar pela vereda que conduzia ao portão. Pouco depois, saiu tambem uma mulher ainda joven, e muito aceiada, de vestido de chita e de avental branco, que foi sentar-se a trabalhar n'um banco junto á porta da cabana, olhando de vez em quando com ternura maternal para o seu filho que brincava. Tinha nas mãos uma meiasinha vermelha, que estava completando para aquelles pequeninos pésinhos.

Zás! zás! zás! As agulhas não tinham descanso; mas ella não desviava os olhos da creança, prompta a soccorrel-a se acontecesse alguma coisa, a apanhal-a se cahisse, a acaricial-a pelo minimo desgosto. Algumas vezes olhava tambem para a caravana parada á porta do seu quintal, e lançava um olhar de compaixão para a pobre mulher tão fraca e tão magra, cuja tosse tanto a apoquentava. Em seguida, começou a cantar enquanto trabalhava; segundo o

seu costume. Tinha uma voz clara e melodiosa; a doente, e Rosalia pozeram-se a escutal-a.

As palavras do canto eram estas:

Vinde meninos

Depois d'ella acabar, tornou tudo a cahir em silencio, interrompido apenas pelo sapatear dos pésinhos inquietos sobre os passeios. Mas dentro em pouco começa o pequenito a chorar, e a mãe cuidadosa correu logo para elle para descobrir o que assim o poderia ter magoado.

Era a bola, que a tinha deitado tão alta que tinha ido cahir do outro lado da sebe, e que á sua imaginação infantil se lhe figurava perdida para sempre. Só uma bola! E todavia para aquelle pequeno espirito era de mais valor do que os nossos thesouros mais preciosos.

Bem o sabia a mãe, e por isso para tranquilisar os temores do seu filhinho, partiu immediatamente a recuperar o brinquedo.

Mas Rosalia levava lhe a dianteira. Tinha visto a bola cahir, e ouvido chorar o menino, e quando a mãe chegou ao portão, viu a creança da caravana voltar da sua corrida atraz da bola, que tinha rollado com impetuosidade pela ingreme encosta abaixo. Agradeceu a joven mulher a sua bondade, e ao receber a bola das mãos de Rosalia, contemplou com certa ternura aquelle rosto de creança.

Era mãe, e pensou que vida ditosa não era a de seu filho comparada com a d'esta pobre vagabunda. Impressionada com esta idéa, entrou em casa depois de ter restituído a bola á creança, que de novo satisfeita, começou a brincar, e ella em pouco voltou com uma caneca de leite e uma fatia de pão com manteiga fresca, que pediu a Rosalia acceitasse e comesse.

— Muito agradecida, minha senhora—disse então a menina,—mas permitta-me que o dê a minha mãe. Eu, já comi pão e queijo, mas ella não o poudo tragar por estar tão doente, e isto havia de fazer-lhe muito bem.

— Pois de certo,—redarguiu logo a mulher,—pôde levar-lhe essa fatia, que eu vou já buscar outra para si.

Emquanto Rosalia e sua mãe saboreavam este pequeno banquete, sentadas nos degraus da caravana, demorou-se ao pé d'ellas a boa mulher, conversando, e lançando os olhos de vez em quando para o outro lado da sébe, afim de vigiar que nenhum mal acontecesse ao seu filhinho.

—Gosto muito de a ouvir cantar, disse a mãe de Rosalia.

—Devéras! tornou a mulher, é costume meu cantar sempre em quanto estou fazendo meia; o meu pequenito gosta muito de ouvir-me, e já quasi sabe este hymno de cór. Oiço-o frequentemente em quanto brinca estar cantando, «Vinde, vinde,» etc., só a gracinha que elle tem, o meu querido filhinho! accrescentou ella, com os olhos razos de lagrimas.

—Tambem eu gostaria muito de saber esses versos, disse Rosalia.

—Nada mais facil, vou já dar-lhe um bilhete em que o nosso ministro os mandou imprimir, nós temos dois.

E dizendo isto entrou a mulher em casa, d'onde regressou pouco depois com um bocado de cartão em que se via o hymno escripto em typo grande e distincto. Na parte superior tinha dois buracos, onde ia entrar uma fitinha azul, rematando em laço.

Rosalia agarrou-o avidamente e começou logo a lel-o.

—Temos aqui um ministro tão bom, continuou a joven mulher, só cá está ha alguns mezes e tem-nos ajudado tanto! Chama-se Alexandre Leal, e sua esposa tem todas as semanas uma classe de leitura n'uma das cabanas aqui perto; e todos nós lá vamos ouvil-a, uma vez por semana. Tem fallas tão sublimes da Biblia; faz-me sempre bem lá ir ouvil-a.

De repente parou, e fitou a mãe de Rosalia. Tinha-se tornado mortalmente pallida, e encostada para traz, não movia d'ella os olhos.

—O que tem, minha senhora? Deve estar muito fraca; e como treme! dizia ella muito assustada, permitta-me que a ajude a entrar, será melhor deitar-se um bocadinho, não acha?

E apoiando-a no braço, com o auxilio de Rosalia, lá a

levou para dentro da caravana e deitou-a sobre a cama. Mas só um instante mais se poudé demorar; o pequenito trepava já o portão do quintal, e ella receiava que elle caísse.

N'isto appareceu Tobias, conduzindo os cavallos.

Disse que o patrão lhe tinha dado ordens para partir, e que elle seguiria dentro em pouco com o resto das carroças. Apparelhou os cavallos, e dispunha-se a partir, quando viram a mulher a correr do quintal, trazendo nas mãos um lindo ramo de flores que entregou a Rosalia, dizendo:

—Tome lá, é para a sua mãe, ponha-as n'agua, a vista d'ellas talvez lhe faça bem. Aprenda o hymno, senhora. Adeus, Deus as abençoe!

—Enxergas a igreja, Rosalia? perguntou apressadamente sua mãe.

—Vejo-a perfeitamente, respondeu a menina; lá está no fim d'esta rua. E' uma igreja tão bonita, rodeada d'arvores!

—E junto d'ella ha algumas casas? perguntou sua mãe.

—Ha só uma, querida mãesinha; é uma casa grande com um jardim, mas não a posso distinguir muito bem, está encoberta pelas arvores.

—Corre lá n'um instante a vel-a quando passarmos.

E Rosalia assim fez, foi espreitar pela cancella da casa do pastor, enquanto sua mãe se sentou na cama afim de tambem vêr alguma coisa por entre a janella aberta.

Mas só poudé divisar a torre da igreja, e as chaminés das habitações; estava muito exhausta para levantar-se.

D'ali a pouco voltou Rosalia, cançada de correr.

—Então o que viste, minha filha? perguntou a mãe quando Rosalia se foi sentar na caixa junto ao seu leito.

—Ai! o que eu vi era tão lindo, mãesinha querida; havia uma relva tão macia, umas rosas tão lindas, e o passeio que conduzia até á porta, era largo e coberto de cascalho, e no jardim estava uma senhora tão bonita e que parecia ser tão boa: ella e mais uma menina, entretinham-se em colher flores.

—Viram-te, Rosalia?

—Viram, sim mãesinha, estava eu a espreitar pela cancella quando a menina me viu e disse:—Mamã, que menina é aquella? Nunca a vi aqui— E a mãe olhou para cima e sorriu-se; vinha mesmo para fallar-me quando eu me voltei e tive susto, porque a caravana já se tinha perdido de vista; desatei então a correr, e continuei sempre correndo até que a alcancei.

## CAPITULO IV

### A historia da actriz

Na manhã do dia seguinte e com a ajuda de Rosalia, já a doente se poude levantar; sentou-se n'uma das arcas ao pé do leito, e encostando a cabeça á almofada, entregou-se por largo espaço á contemplação dos campos verdejantes, e do ceu azul e limpido. As brizas suaves e embalsamadas entrando pela porta aberta de par em par, vinham acariciar docemente o rosto abatido da pobre enferma, e da creança, seu todo junto a ella.

—Rosalia, disse a mãe subitamente, gostarias de ouvir alguma coisa do tempo em que tua mãe era ainda pequena?

—Muito, querida mãesinha, respondeu Rosalia, aconchegando-se mais a ella; nunca me contou nada da sua infancia.

—Não, minha filhinha, não te contei ainda nada, de uma historia muito triste, e nunca até aqui eu quiz que a minha filha a soubesse; porém hoje parece-me que não terei de viver muito tempo, e seria melhor t'a contar eu, do que qualquer outra pessoa. E já vaes crescendo, Rosalia, comprehenderás agora muitas coisas que d'antes teriam sido para ti incompreensiveis. E teem acontecido coisas estes ultimos dias que me teem avivado o passado de tal fôrma que só penso n'elle de dia, emquanto que sonho com elle de noite.

Estou quasi arrependida de t'o haver promettido, creança, peza-me a historia da minha vida, mas emfim, é

mister que a saibas, e quero que seja eu quem t'a conte. Rosalia, tua mãe nasceu de boa familia.

Sim, — proseguiu a pobre mulher, vendo que sua filha guardava silencio, — não nasci para esta vida de miseria, fui eu quem decretei o meu fadario. Fui eu quem o escolhi, — proseguiu ella amargamente ; — colho agora o fructo do que eu propria semeiei.

Dizendo isto tornou-se mortalmente pallida e estremeceu toda. Rosalia chegou-se ainda mais para ella, e tomou entre as suas mãos quentes, a mão gelada da mãe. Conteve-se a pobre mulher por um esforço supremo, e continuou :

— Por isso, meu amor, vou agora narrar-te tudo como se houvesse succedido com outra qualquer pessoa que não fosse comigo, só assim eu terei animo para proseguir. Imaginarei que estou no palco, e que refiro as magoas e os pezares de alguém para mim desconhecido, e de quem nunca tornarei a lembrar-me, terminado que seja o meu papel.

Nasci no campo em certa aldeia, distante d'aqui algumas leguas.

Habitavamos um grande palacio, situado no centro de um outeiro arborisado ; dava entrada para a nossa habitação, uma bella avenida de arvores frondosas.

De um lado havia uma grande estufa, repleta das flôres mais raras, e n'um canto recondito e sombrio do jardim, tinha a minha mãe uma especie de gruta, cheia dos fetos mais lindos, pelo meio dos quaes corria limpido um regato de agua perenne.

Este fétal constituia o grande deleite de minha mãe, e aqui passava ella grande parte do seu tempo. Era uma mulher muito mundana, e pouco caso fazia dos seus filhos ; quando não estivesse no jardim, lia romances deitada no sofá de uma das salas.

O meu pae era inteiramente differente ; era amigo do socego, e amigo de seus filhos, mas como os seus affazeres lhe não permittissem estar muito tempo em casa, nós pouco o viamos. Eu tinha um irmão e uma irmã. O meu irmão era muito mais velho do que eu, entre nós tinha havido varias creanças que morreram na infancia, de maneira que,

emquanto nós duas eramos ainda pequenas, elle estava já na primeira classe de um grande collegio publico.

A minha irmã Luzia era um anno mais nova do que eu. Era uma creança muito linda e de character extremamente meigo. Emquanto pequenas, eramos muito amigas, partilhavamos nossos prazeres, bem como todos os nossos pezares. Meu pae comprou-nos um garrano branco; e montado n'elle percorriamos alternadamente o parque, seguidas da nossa aia, que vigiava não nos acontecesse mal algum.

Esta nossa aia era uma velhinha muito boa; ensinou-nos a orar pela manhã e á noite; ao domingo sentava-se connosco á sombra de uma arvore, e mostrava-nos estampas da Escriptura, ou contava-nos historias da Biblia.

Havia uma pintura do pastor, muito parecida com a tua, Rosalia, lembrei-me logo d'ella no dia em que o velho t'a deu; só com a differença de que o pastor tirava o cordeiro de um lodaçal muito fundo, e tinha por baixo inscripto este texto:—O Filho do homem veio buscar e salvar o que tinha perecido (Lucas 19-10). Costumavamos decorar estes textos e repetiamol-os á nossa aia, emquanto viamos as estampas; se não errassemos, deixava-nos levar o chá para o parque e tomal-o debaixo de uma arvore. Depois, cantavamos então os nossos hymnozinhos, faziamos oração e ella ia-nos deitar. Quantas vezes não me tenho eu lembrado d'esses domingos socegados e felizes, emquanto escuto o borborinho e o tumulto da feira!

Nesse tempo reflectia eu muito sobre o que nos dizia a nossa aia. Lembra-me um domingo contar-nos ella o dia do Juizo, e dizer-nos que Deus tinha um livro em que escrevia todas as maldades que nós faziamos. E n'essa tarde mesmo houve um grande temporal; os relampagos entravam pela janella, e os trovões ribombavam medonhos. Fez-me lembrar o Dia de Juizo, e o que a aia nos tinha dito. Ajoelhei, e pedi a Deus tomasse conta de mim, e não permittisse que os relampagos me matassem. Depois, fui esconder-me atraz d'um dos sophás no salão grande, toda tremula, e com medo que os livros se abrissem e que se lessem n'elles todos os meus peccados, implorei a Deus que os conservasse fechados ainda mais algum tempo.

Lembro-me tambem de um outro dia em que disse uma mentira, e não a quiz confessar, e minha aia não me deixou dormir com Luzia e mudou a minha cama para o quarto d'ella, afim de que a sós, eu podesse meditar no meu delicto. Era um quarto estranho, e estive muito tempo sem poder dormir, acordada, mas com os olhos fechados. Quando os tornei a abrir, vi por entre a janella o brilhar de uma estrella scintillante. Pareceu-me o olhar de Deus que me espreitava, e não me sahia esta idéa da cabeça. Fechava de novo os olhos; mas involuntariamente abria os outra vez para vêr se a estrella ainda lá estava: e quando a aia se deitou, encontrou-me banhada em pranto. Desde então, Rosalia, tenho visto muitas vezes a mesma estrella pela janella da caravana; e traz-me sempre essa noite á memoria, faz-me sempre lembrar o olhar do Omnipotente.

Mas eu sempre tive um genio muito forte, e mesmo em quanto creança, não admittia que me reprehendessem. E quando houvesse posto na minha imaginação uma coisa qualquer, não descançava até que a possuísse, e se alguem se oppozesse ao meu capricho, zangava-me muitissimo.

Queria muito á minha aia velhinha, mas quando tinha perto de oito annos teve ella de nos deixar para ir viver com a mãe, e tornei-me então de todo intratavel. A minha mãe tomou uma mestra para ensinar-nos de manhã, e sair comnosco de tarde. Porém ella era indolente de natureza, e não se dava a grande trabalho comnosco, além d'isso não havia ninguem que se incomodasse para ver o que nós faziamos. D'este modo pouco ou nada aprendemos, e tornámo-nos preguiçosas e desleixadas. A mestra sentava-se no parque enlevada na leitura de um livro, e nós, entretiamos-nos como nos approuvesse melhor.

A chegada do meu irmão Gerardo era sempre motivo para grande regosijo. Iamos esperal-o á estação, de carroagem, e traziamol-o para casa em triumpho.

Mas o que é isto, Rosalia? Pararam os carros?—Rosalia correu á porta para ver o que era.

— Sim, mãesinha, é o pae que volta, exclamou a creança.

— Então cautella não digas palavra;—recommendeu-lhe a mãe com voz baixa.

— Ora vivam! disse Augusto, entrando na caravana com modos theatraes, resolvi aproveitar a felicidade suprema da companhia amavel de minha senhora e filha!

E terminado este exordio, cumprimentou profundamente sua esposa e Rosalia.

— Muitissimo folgo vel-a já de tão boa saude, minha senhora, é caso singular; continuou elle, logo que acaba o seu trabalho, recupera a sua energia e a vitalidade perdida?

— Julgo que foi o ar fresco que me fez bem, Augusto, havia uma atmospherá tão oppressiva e abafadiça na feira, peiorei logo que lá chegámos.

— É então de esperar, continuou com um sorriso desagradavel, que logo que chegarmos á scena de movimento, sejas atacada d'essa doença sympathica, chamada o aborrecimento ao trabalho, e que te acharás outra vez obrigada a reassumir a occupação interessante e pathetica de enferma.

— Oh! Augusto! não me falles assim! dizia afflicta a pobre mulher.

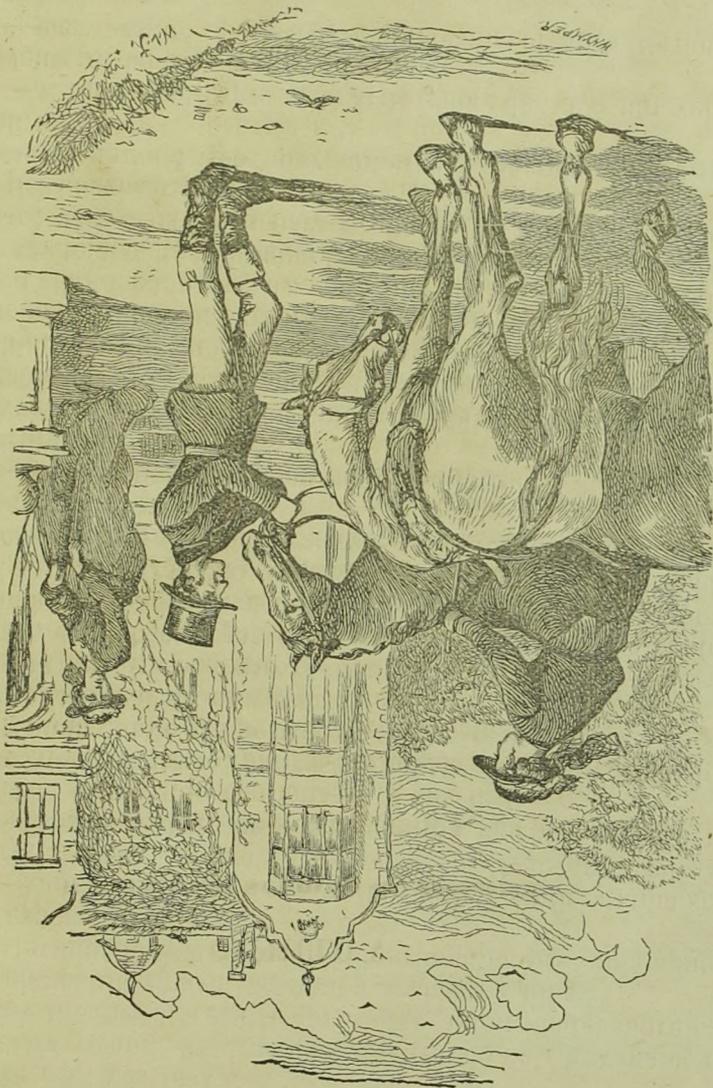
Augusto não lhe deu resposta, mas tirou da algibeira um bocado de papel, enrolou-o, deitou-lhe fogo, accendeu um cachimbo comprido e poz-se a fumar. O fumo do tabaco suscitou a tosse da pobre doente, mas elle nenhum caso fez d'ella, a não ser para perguntar-lhe de vez em quando, quanto tempo duraria aquelle som melodioso. Depois, por acaso, volveu os olhos para o quadro de Rosalia, pregado na parede da caravana.

— D'onde veiu isso? perguntou elle voltando-se para sua mulher.

— É meu, meu pae, atalhou Rosalia, deu-m'o um velho da feira; é bonito, não é?

— Serve muito bem para contentar uma creança, tornou o pae desdenhoso.

As duas irmãs



## CAPITULO V

### O primeiro sermão de Rosalia

No dia seguinte logo que começaram a sua jornada, pediu Rosalia á mãe que continuasse a sua historia.

—Estava-te contando, parece-me, a vida socegada que levava na minha casa campestre, não me lembro de ter succedido nada digno de menção até que se deu um acontecimento que veio transtornar o curso de toda a nossa vida.

Luzia e eu tínhamos passado uma tarde agradabilissima, passeiando no parque em bellos cavallos novos, que nosso pae nos tinha dado havia já alguns mezes.

Perto de casa apeámos-nos, entregámos os cavallos ao laçao que nos acompanhava, e recolhimos satisfeitas e alegres, quando nos encontrou um creado, branco de susto, e pediu-nos que subissemos de mansinho as escadas porque o pae estava muito doente, e o medico recommendava completo socego. Perguntámos-lhe simultaneamente, o que elle tinha, e disse-nos que, ao regressar da estação do caminho de ferro, montado n'um cavallo que elle havia comprado ainda ha pouco, e que era muito novo, tinha dado uma queda, tendo sido mister leval-o em braços para casa. Não nos sabia dar mais pormenores. N'aquella mesma tarde veio nossa mãe ter connosco ao quarto; e disse-nos com mais sensibilidade do que eu teria julgado possivel n'ella, que seu marido não tornaria a ver a luz do dia.

Nunca me hei de esquecer d'essa noite. Foi a primeira vez que me achei na presença da morte, e aterrou-me.

Deitei-me, mas não pude conciliar o somno de modo algum; ouvi as horas todas do relógio na casa de entrada. Por fim levantei-me e deitei a cabeça fóra da janella. Fazia uma noite carregada e escura, não corria aragem alguma. Estava inquieta por saber o que se passava no

quarto immediato, e atormentava-me a idéa de que talvez não tornasse a ver meu pae. Depois julguei ouvir um leve rumor, era Luzia que soluçava tendo a cabeça mettida de baixo da roupa da cama.

—Ai Luzia que noite tão comprida esta, disse-lhe eu, contente por achal-a ainda acordada.

—E' verdade Leonor, tornou-me ella; tenho tanto medo; porque não accendes uma luz?

Procurei os fosforos e accendi uma vella, mas entraram no quarto tres ou quatro enormes borboletas, e tive de fechar a janella.

E assim deitadas em nossas camasinhas, olhavamos, sem podermos dormir, para as borboletas agitando-se em torno da luz, e com os seus zumbidos não nos deixavam ouvir ruido algum do quarto do doente. Todas as vezes que uma porta se fechava, erguiamo-nos sobresaltadas na cama

—Não terias medo de morrer, Leonor? perguntou-me de mansinho Luzia.

—Teria sim, de certo.

—E se morresses, julgas que irias para o céu?

—Com toda a certeza, respondi apressada, porque me fazes tu essa pergunta?

—Porque parece-me, tenho quasi a certeza, de que eu não iria já ter.

Depois d'isto tivemos quasi meia hora sem nos mechermos, e por fim abriu-se a porta e entrou minha mãe. Tinha os olhos tapados com o lenço, e chorava copiosamente.

—Vosso pae pede para ver-vos, venham já.

Entrámos pé ante pé no quarto mortuario, e parámos junto ao leito de meu pae. Tinha o semblante tão mudado, que tivemos medo e tremiamos dos pés á cabeça, mas elle ainda nos estendeu a mão, Rosalia, como para que nós nos aproximássemos mais d'elle, e poude dizer-nos muito baixinho:

—Adeus! não se esqueçam de seu pae; e não esperem para a hora da morte, para se prepararem para o outro mundo.

Depois beijámol-o, e em seguida minha mãe mandou-nos outra vez para a cama. Foram estas as ultimas palavras de

meu pae, nunca me poderam esquecer; depois d'isso tenho muitas vezes scismado no que o teria levado a dizel-as.

No dia seguinte annunciaram-nos o fallecimento de meu pae. Gerardo não chegou a tempo de o ver, estava então no collegio, e preparava-se para o ultimo exame.

Minha mãe ao principio pareceu ter-se ressentido muito da morte de meu pae; fechou-se no quarto, e não quiz apparecer a ninguem. O funeral, a que assistiu toda a gente da visinhança, foi muito apparatuso. Luzia e eu podêmos observal-o atravez d'uma das janellas do ultimo andar. Depois de tudo concluido, Gerardo, voltou para o collegio, e minha mãe aos seus romances. Parece-me, que a sua idéa, Rosalia, era que tudo continuaria como até ali. Mas Gerardo, apenas acabou o seu exame, escreveu-lhe immediatamente, participando-lhe que dentro em poucos mezes tencionava casar-se, e vir habitar o palacio com a sua noiva. Então é que pela primeira vez sentiu minha mãe que ali já nada lhe pertencia, e que seria obrigada a procurar abrigo em algum outro logar. Irritou-se muito ao principio contra Gerardo por casar tão cedo; mas não podia allegar nada contra o consorcio projectado; a senhora que elle havia escolhido era titular, e em todo o sentido digna da posição que deveria occupar.

Por fim decidiu-se a ir morar n'uma cidade proxima onde depois de acabado o lucto da viuvez, acharia divertimentos em abundancia, e muita convivencia. A mim e a Luzia contristou-nos muito termos de deixar a velha casa paterna. Na vespera da nossa partida, corremos juntas o parque todo, apanhámos por lembrança algumas folhas das arvores nossas predilectas, e dêmos uma ultima revista a tudo quanto nos era tão caro.

Em seguida entrámos dentro de casa, percorremos os quartos todos, e com os olhos razos de lagrimas, contemplámos ainda uma vez, atravez das janellas, os outeiros arborizados. Nunca mais os tornei a ver, nem nunca mais os verei muitas vezes ao atravessarmos o campo verdejante, vem-me á memoria a casa da minha infancia, e afigura-se-me eu estar ainda mais uma vez passeiando sobre os extensos terraços alcatifados de relva, ou vagueando á som-

bra silenciosa das arvores do parque. Mas, escuta Rosalia, o que foi aquillo? — disse a mãe com o ouvido á escuta, — seria musica?

—São os sinos, mãesinha, respondeu a menina, são os sinos da igreja, não os ouve?

—E' verdade, tornou a pobre mulher, era assim que tocavam os sinos da minha terra, até o ouvil-os me dá vontade de chorar.

—Oh minha querida mãesinha, deixe-me ir até á igreja, só espreitar um instantinho!

—Vae, vae, minha filha; mas olha não faças barulho se acaso estiver alguém lá dentro.

Rosalia não esperou segunda permissão, deitou a correr pela rua abaixo, e abriu cautelosamente o portão da igreja. Era a hora em que o horisonte se toldava de sombras, e os sepulchros, á luz desvanecida da tarde, alvejavam sinistros. Rosalia nem sequer lhes tributou um olhar, passou-os rapidamente, e foi deslizar-se ao longo da parede da igreja para chegar a uma janella. Do interior brilhantemente illuminado ninguem a poderia ter distinguido na penumbra do cemiterio, e assim invisivel, poude mirar tudo, e ver todos. Aos seus olhos vivos e penetrantes nada escapou. Viu o ministro ajoelhar-se, e apoz elle toda a gente. O numero dos devotos era grande, com quanto o edificio ainda não estivesse repleto, porque o serviço, além de ser ao dia de semana, era á noite. Demorou-se a menina immovel no seu posto até que a gente se poz outra vez de pé, e o ministro entoou um hymno que logo todos começaram a cantar. Rosalia, a quem a musica arrebatára, abandonou então a janella e foi em procura da porta, que achou aberta porque fazia muito calor. Quasi insensivelmente entrou a creança e foi sentar-se no banco mais proximo. O ministro em seguida passou ao sermão, e Rosalia toda ella era ouvidos. Era a primeira pratica a que assistia, e as palavras do texto eram Luc. xix, 10. «O Filho do homem veiu buscar e salvar o que tinha perecido.»

Logo que o sermão acabou, Rosalia saiu apressada, e atravessou o escuro cemiterio. Antes da primeira pessoa transpor o limiar da igreja, já ella tinha descido a rua to-



Rosalia ouvindo á janella da Egreja

da, e estava parada junto á caravana. Foi com bastante alegria que soube que seu pae ainda não tinha voltado, porque tinha achado irresistivel a sociedade na taberna da aldeia. A mãe de Rosalia levantou a cabeça quando ella entrou.

—Onde estiveste todo este tempo, minha filha?

Rosalia contou-lhe tudo quanto tinha visto e ouvido, e a maneira por que havia entrado pela porta da igreja.

—E o que disse o pastor? perguntou a mãe.

—Repetiu o seu texto, minha mãe, o texto era annexo ao meu quadro. O filho do homem veio buscar e salvar o que tinha perecido.

—E como o desenvolveu elle?

—Disse-nos que Jesus corria tudo em busca dos cordeiros desgarrados; e que esses cordeiros eramos nós, e que era á nossa procura que Jesus andava. Julga que Elle tambem a procura a si e a mim, mãesinha querida?

—Não sei, minha filha, mas supponho que sim, receio porém que antes de achar-me, terá de procurar muito tempo.

—Mas tambem disse, mãesinha, que se nós desejassemos, elle certamente nos salvaria embora lhe custasse muito.

A mãe de Rosalia ficou em silencio por longo tempo.

Rosalia foi por-se á porta da caravana, a contemplar as estrellas que iam gradualmente apparecendo no firmamento.

—Minha querida mãesinha, disse ella por fim, será ali que Elle habita?

—Elle quem, minha filha? perguntou a mãe.

—O Salvador; é n'uma d'aquellas estrellas que Elle reside?

—Será; o céu é por ali algures, Rosalia, superior ainda além do firmamento.

—Serviria de alguma coisa, dizer-lh'o, mãesinha?

—Dizer-lhe o que, minha querida?

—Dizer-lhe que a minha mãe e eu, precisamos de que elle nos procure e que nos ache.

—Não sei, Rosalia, o mais que podes fazer é experimentar, disse tristemente sua mãe.

E Rosalia, com os olhos fitos nas estrellas, começou a orar.

—Meu Bom Pastor, vinde procurar-me a mim e á minha querida mãesinha; achae-nos bem depressa e levae-nos com aquelle cuidado que representa o cordeiro na estampa.

—Está assim bem, minha mãe?

—Supponho que sim, respondeu a mãe.

## CAPITULO VI

### Um segredo de familia

Que risonha e socegada se offerecia a aldeia aos olhos de Rosalia, no dia seguinte quando ella acordou! Sentia-se pezarosa por ter de a deixar, mas não havia socego para estes pobres viajantes, era mister proseguirem sempre até chegarem á cidade em que tinham de representar. E emquanto a caravana seguia o seu caminho, retomou a mãe de Rosalia, o fio da sua triste narrativa.

—Contava-te, querida, que minha mãe tinha tomado uma casa na cidade, e que nos tinhamos mudado, afim de nosso irmão Gerardo poder tomar posse da nossa antiga residencia.

Depois do fallecimento de meu pae, Luzia tornou-se inteiramente outra. Sempre callada e tão quieta, que cheguei a imaginar que talvez estivesse doente. Passava o dia quasi todo nas aguas-furtadas a ler na Biblia. Isto ignorava eu, até que um dia me foi preciso ir buscar uma coisa que tinha lá guardada n'uma caixa, e fui dar com ella a ler no seu livrinho querido. Perguntei-lhe o que elle continha de tão interessante, e ella respondeu-me:

—Oh Leonor, torna-me tão feliz esta leitura, não queres vir tambem ler comigo um bocadinho a Biblia? Abanei a cabeça, e limitei-me a dizer, que tinha muito a fazer para gastar o meu tempo d'aquella fórma, corri logo para baixo, e procurei esquecer o que tinha visto; sabia perfeitamente que minha irmã tinha razão. Depois d'isso tenho muitas vezes pensado, Rosalia, que se eu houvesse escu-

tado esse dia minha irmã, teria levado uma vida bem diferente d'esta!

Mas, prosigamos; cheguei á parte mais triste da minha narrativa, e quero passal-a o mais depressa possível.

Á maneira que fui crescendo, acostumei-me a ler romances. Tíhamos a casa cheia d'elles, porque eram a leitura escolhida de minha mãe. Li-os e reli-os até que só d'elles vivia, e só me achava satisfeita quando imaginava ser uma d'aquellas heroínas que lia nos meus livros. A minha existencia afigurava-se-me tediosa e monotona: anhelava por ver o mundo sob um aspecto mais vasto e grandioso, quizera que me acontecesse alguma coisa romantica.

Oh Rosalia, tornei-me tão desasocegada e descontente. Se acordava de noite, punha-me a meditar qual seria o meu destino, depois accendia a luz e prolongava a leitura do romance excitante que tinha começado a noite anterior, e não adormecia sem a ter concluído, porque sem saber qual o fim, não teria podido socegar. Puz as orações inteiramente de parte; quando estava a meio de um romance em mais coisa alguma podia pensar.

Foi por esta occasião que tomei conhecimento com uma familia muito rica, amiga de minha mãe. As duas filhas da casa, Georgina e Laura, eram raparigas elegantes, e que logo se affeiçoaram a mim, e nunca andavamos senão juntas, eram demasiadamente apaixonadas do theatro, e eu acompanhava-as noite após noite.

Já não pensava em outra coisa, Rosalia, o theatro era todos os meus sonhos. Tinha encantos para mim que nunca tiveram os romances, porque se me afigurava um romance verdadeiro. Admirava o scenario e os actores, admirava emfim tudo quanto eu via. E pensei que só no palco eu acharia a felicidade completa. A minha maior ambição n'este mundo era viver essa vida, segundo eu julgava, tão livre, tão ditosa, tão romantica. Invejava até as actrizes que eram recebidas com salvas de palmas. Como era tediosa a minha existencia comparada com a d'ellas. Eu costumava então n'esse tempo escrever n'um livro, Rosalia, tudo o que me acontecia diariamente e sempre terminava por esta phrase:

— Ainda a mesma monotonia, não tem variedade a minha vida, é sempre a mesma.

Deliberei que custasse o que custasse havia de operar n'ella uma mudança, e isto o mais cedo possível.

Pouco depois imaginaram as minhas amigas Laura e Georgina arranjar uma recita particular, em que eu tambem havia de tomar parte. Era isto exactamente o que eu mais desejava. Até que emfim, ponderava eu, posso julgar-me uma actriz!

Contrataram alguns artistas de profissão, para virem a casa dispor o scenario, e ensaiarem-nos, e ajudarem-nos n'aquillo que mais fosse preciso. E foi d'este modo, Rosalia, que eu cheguei a encontrar teu pae. Entrava no numero dos actores que ellas haviam empregado.

As consequencias, podes tu bem adivinhal-as, meu amor.

Teu pae notou o geito que eu tinha para o palco, e o amor que eu lhe tinha, e depois ouviu-me tambem dizer que nada havia de mais glorioso do que a carreira de uma actriz.

Encontrava-mo-nos frequentemente na rua, e não fallavamos n'outra coisa; por fim propoz-me eu ir na sua companhia, e disse-me que eu teria uma vida de prazeres, entusiastica, desconhecida dos pezares. Ficou combinado fugirmos ambos no dia seguinte ao da recita, e casarmos. Oh, meu amor, nunca poderei olvidar esse dia! Cheguei a casa cançadissima com os divertimentos da tarde. Tinha sido altamente admirado o meu modo de representar, e varios d'entre os espectadores declararam que eu daria uma actriz eminente, sem todavia imaginarem quão perto eu estava de o ser. Na minha volta de trem para casa tive vertigens de arrebatamento. Tinha chegado emfim o dia! E eu sentia-me feliz? Nem sei; quiz convencer-me de que o era; mas não sei que extranha magoa me confrangia o coração; e entregue a mil conflictos, subi a escada, abatida e desgraçada.

Minha mãe estava já recolhida, e nunca mais tornei a vel-a! Luzia dormia profunda e tranquilamente com a cabeça encostada sobre a mão. Parei um instante para a contemplar. Tinha junto de si a pequena Biblia aberta,

que tinha estado a ler pouco antes de adormecer. Oh Rosalia! teria dado tudo para poder estar no logar de Luzia!

Mas já vinha tarde o meu remorso: Augusto devia encontrar-me á porta da casa, e o nosso casamento havia de ter logar na egreja da aldeia aquella mesma manhã. Os banhos já haviam sido apregoados havia algumas semanas.

Em seguida voltei as costas a Luzia, e comecei a juntar algumas coisas que devia levar comigo, e que escondi debaixo do colchão com medo que ella accordasse e as visse. Teria sido escusado eu deitar-me, já tinham dado tres horas quando eu cheguei a casa, e d'ali a duas horas vinha Augusto buscar-me. Em vista d'isso escrevi á pressa um bilhetinho a minha mãe, dizendo-lhe, que quando ella o chegasse a receber já eu estaria casada, e que voltaria d'ali a poucos dias a fazer-lhe uma visita. Feito isto apaguei a luz cujo brilho teria despertado minha irmã e sentei-me ás escuras esperando a hora marcada. E aquella estrella, Rosinha, a mesma estrella que eu tinha visto na noite em que fallei a mentira, quando ainda era creança, veiu outra vez encontrar o meu olhar atravez da janella. Pareceu-me de novo o olhar de Deus que me vigiava.

Assustei-me tanto, que quasi deliberei não ir, e teria resolvido escrever uma carta a Augusto, renunciando os meus planos, se não me lembrasse de que elle de certo rir-se-ia á minha custa, e me chamaria covarde: formei novamente na imaginação o quadro risonho da vida de uma actriz verdadeira, festejada e applaudida.

Depois com mão firme desci a cortina, para fazer desaparecer á minha vista a estrella exprobatoria, e anciosa desejava o raiar da manhã que a fazia desvanecer e aproximar a chegada de Augusto.

Por fim deram cinco horas na torre da egreja, tirei debaixo da cama a mala de viagem, embrulhei-me n'um amplo chale, puz sobre o toucador o bilhete dirigido a minha mãe, e preparei tudo para a fuga. Porém ao chegar á porta voltei outra vez atraz para lançar um ultimo olhar a minha irmã Luzia. Ai Rosalia, os soluços suffocavam-me! Enxuguei os olhos, e desci a escada. O ranger de uma ta-boa era o bastante para sobresaltar-me, e fazer-me estre-

mecer toda, com o receio de ser descoberta; a cada volta que dava, figurava-se-me estar alguém á minha espreita.

Mas não appareceu viva alma; transpuz as escadas e desafortrolhando cautelosamente a porta da entrada, achei-me na rua. Augusto, que estava já á minha espera, pegou na mala e n'aquella manhã mesmo nos casámos.

Depois começaram os meus desgostos. A carreira de uma actriz não era tão agradável como eu a tinha imaginado, quando ainda nada sabia da sua vida particular, quando ignorava ainda o canção e a existencia sem conforto que me estavam reservados.

Oh! Rosalia, bem depressa me fartei! Eu teria dado tudo para me achar outra vez em casa. Teria tudo dado para viver de novo a vida antiga, socegada e tranquillã. No theatro, fui muito laureada; mas isso mesmo dentro em pouco me aborreceu, e tomava o meu papel cheio de tedio e enfasiada. Oh Rosalia, quantas vezes depois do espectaculo, não tenho adormecido de canção, sem forças mesmo para despir-me; e quantas vezes não tenho desejado, e tornado a desejar que nunca eu tivesse visto o interior de um theatro, nunca tivesse conhecido a sorte desgraçada de uma actriz.

Tivemos de demorar-nos na cidade onde morava minha mãe, porque Augusto tinha-se ali contractado, e alcançou tambem no mesmo theatro uma vagatura para mim. A nossa hospedagem era mesquinha, e viviamos miseravelmente. Poucos dias depois de casada fui uma vez a casa de minha mãe, mas o creado fechou-me a porta na cara, dizendo-me que minha mãe desejava não tornar a ver-me nem ouvir nunca mais o meu nome.

Passeiava ás vezes ao longo da rua na esperanza de ver por um instante a minha irmã Luzia; mas nunca a deixavam sahir sôsinha, e não pude obter ensejo de fallar-lhe.

As minhas antigas amigas passavam junto de mim, mas nem sequer me tributavam um olhar.

Mais tarde, nasceu o teu irmãozinho. Era uma creança tão bonita e tão esperta, puz-lhe a nome de meu pae,—chamava-se Arthur. Quando elle nasceu eramos nós muitissimo pobres, e eu nem sequer fato tinha com que co-

bril-o, mas, oh minha querida Rosalia, eu amava-o muito, muito! Escrevi a minha mãe participando-lhe o seu nascimento, e constando-lhe que se chamava Arthur como o avô, devolveram-me a carta fechada, e eu não tornei a escrever-lhe. Um dia, pegando no jornal, encontrei a noticia do fallecimento de minha mãe; e só depois é que eu soube ter ella dito quando estava doente que não m'ocontassem senão depois d'ella estar enterrada, porque eu havia sido a desgraça e a vergonha da familia. Disseram me que foi essa a unica vez que ella mencionou o meu nome, depois da semana em que eu tinha fugido.

Depois do seu passamento, escreveu-me minha irmã Luzia uma carta muito affectuosa, e mandou-me tambem alguns presentes, o que eu senti muito, pois depois d'isso teu pae escrevia-lhe constantemente, pedindo-lhe dinheiro, contando-lhe historias exaggeradas ácerca da desgraça em que eu me achava, para que ella redobrasse de generosidade.

E minha irmã mandava-nos sempre dinheiro; o qual eu recebia cheia de magoa. Escrevia-me tambem cartas tão lindas,— pedindo-me que viesse a Jesus, e que me lembrasse do que meu pae nos disse quando estava a morrer. Dizia-me que Jesus tinha-a tornado feliz, e que me faria tambem ditosa a mim.

Algum tempo depois, constou-me que Luzia havia casado com um clerigo, e teu pae tambem o soube, e continuou sempre a escrever-lhe, pedindo-lhe dinheiro, até que o marido de minha irmã nos mandou dizer que sentia muito ter de dizer-nos que sua mulher nada mais podia fazer em nosso auxilio; e que toda a carta que lhe fosse dirigida sobre o mesmo assumpto, voltaria sem ter sido aberta.

Teu pae tornou a escrever-lhe; mas não obtive resposta; depois mudaram-se da terra onde estavam, e nunca mais os vimos. E o que espero, Rosalia querida, é que elle não torne mais a saber onde param, peza-me incomodar minha irmã, a minha querida irmã Luzia.

Emquanto a Gerardo, nenhum caso tem feito de nós. De vez em quando teu pae tem-lhe escripto, mas elle sempre tem devolvido as cartas.

E assim fomos andando, e cada vez mais pobres; offereceram a teu pae o logar de administrador do correio em uma pequena aldeia, e elle acceitou-o. Morava ahi uma senhora, qua se mostrou muito boa para nós.

Vinha algumas vezes visitar o meu Arthurinho, elle era muito franzino, e afinal apanhou uma horrivel constipação que lhe caiu no peito, e morreu o meu pobre cordeirinho. E quando o fui enterrar á sombra de um chorão no cemiterio, Rosalia, parecia que n'este mundo já não havia nada que me prendesse.

Mas não permanecemos muito tempo n'esse sitio; nem um nem outro entendiamos muito de contabilidade e só fizemos uma embrulhada. Tive de separar-me da campá do meu filho, e saímos da unica casa que jámais tivemos.

Depois d'isso encontrou então teu pae um actor ambulante que tinha por costume frequentar as feiras, entre ambos arranjaram algum dinheiro vendendo a mobilia, e quasi tudo quanto elles possuíam, compraram varios scenarios e uma caravana com que emprehenderam um theatro ambulante. E quando esse homem morreu, Rosalia, deixou a teu pae a sua parte.

Desde então para cá, minha querida, ha doze annos que vagueio de um lado para o outro, como agora. E foi n'esta caravana que tu nasceste, minha querida filhinha.

Depois d'isso estive então muito doente, sem poder continuar as minhas funcções no theatro, e por innumeraz razões, foi essa a parte mais desgraçada da minha desgraçadissima vida.

—E por agora, meu amor, já te contei tudo quanto era mister tu saberes, e talvez algum dia te possa dar mais alguns pormenores, mas por aqui já podes fazer uma idéa de quanto tenho sido infeliz.

—Sim inteiramente infeliz! proseguio a pobre mulher, não antevejo esperanças n'este mundo, nem no que ha de vir.

—Coitada, pobre mãesinha! dizia a Rosinha afagando-lhe de mansinho e muito carinhosamente as mãos, pobre mãesinha querida!

—A culpa é toda minha, filhinha, dizia-lhe a mãe, fui eu quem assim o quiz, sou eu só a culpada.

—Coitada, pobre mãesinha tornava, Rosalia.

E a doente sem falla nem movimento, esteve por largo tempo deitada sobre a cama completamente exausta de forças. Rosalia, sentada á porta da caravana, cantava baixinho.

CORO

Ha um feliz logar  
 Não longe está;  
 Lá santos vão morar.  
 Gloria ha lá;  
 Oh! como dão louvor  
 A seu Rei e Salvador  
 Cantando com amor  
 Sempre sem fim.  
 Vinde ao feliz logar,  
 Jesus póde salvar  
 Não demoreis!  
 Vinde! Vereis!  
 Vamos no Céu gosar  
 Paz, e com Jesus morar,  
 E nunca mais peccar,  
 Sempre, sem fim.  
 Os que no Céu estão  
 Brilham na luz:  
 Salvos pela forte mão  
 Do bom Jesus  
 Todos que n'Elle crêm  
 Ao paiz dos santos veem  
 E muita gloria teem

J. L. C.

—Oh Rosalia! disse de repente a mãe, voltando-se, eu é que não o procurei emquanto fui nova, oxalá que assim tivesse feito! Mas procura-o tu, Rosinha; ser-te-ha muito mais facil agora, do que quando fores velha e peccadora como eu.

— É essa a significação do verso, mãesinha querida?

—Sim Rosalia; quer dizer, que o devemos procurar emquanto somos novas

—Porque não vem agora ter com Elle, mãesinha querida?

—Não sei; provavelmente porque Elle agora me não acceitaria; ai! tenho sido tão grande peccadora! muitas outras

coisas, filha, que eu não te contei, occorrem me agora. É singular, mas d'antes nunca me occorriam assim tão frequentemente.

— Talvez seja o Bom pastor que começa a andar em sua procura, mãesinha.

— Não sei, Rosalia quem me dêra que isso effectivamente assim fosse. Em todo o caso vœem-me agora claramente á idéa as minhas faltas, e lembra-me coisas que eu fiz quando ainda era bem pequenina n'aquella velha casa do campo; oh! quanto eu sou desditosa!

## CAPITULO VII

### A companhia do circo

Entraram n'uma grande cidade precedidos de uma nuvem de poeira, e de um concurso immenso de gente. Rosalia e sua mãe, chegaram á porta para ver o que havia de novo.

O que poderam distinguir primeiro, foi um carro dourado cheio de musicos, tocando umas arias estrondosas; apoz isto, cerca de uma duzia de homens a cavallo, e atraz outro carro grande, tambem dourado, em cujo centro se destacava um dragão dourado tendo em volta do pescoço umas redeas de côr, que um velho segurava.

Depois, duas meninas e um rapazinho, montados sobre pequenos cavallos. Fechava o cortejo ainda outro carro enorme, puchado por seis cavallos malhados, com as cabeças enfeitadas de bandeiras multicores. Sentada n'este carro, via-se uma rapariga vestida de branco, com uma facha escarlata atravessada aos hombros. Junto da caravana de Rosalia e de sua mãe, tinham-se agglomerado umas raparigas, commentando os que passavam, e completamente arrebatadas de tudo quanto viam.

— Daria tudo, dizia uma, para ver-me ali sentada, vestida de oiro e de prata, deve ser mais ditosa do que uma rainha aquella rapariga que ali vae.

— Ai! que bem depressa se havia de fartar, disse a mãe de Rosalia, inclinando-se e fallando-lhe em voz baixa.

—Qual historia! tornou a rapariga; quem me dêra a mim ter essa sorte!

A mãe de Rosalia, suspirou e acrescentou:

—Coitadas, mal sabem ellas o que desejam; não ponho duvida em que aquella rapariga seja pouco menos infeliz do que eu. Mas ha gente que não considera: julgam tudo pelas apparencias; para conhecerem que vida é esta, seria mister viverem atraz dos bastidores.

—Rosalia, disse a mãe um domingo de tarde, vou dar-te um presente.

—Um presente a mim, querida mãesinha!

—Sim, minha filha, tira debaixo da cama essa arca grande que abi está. Podes com ella, queridinha? E' algum tanto pesada.

—Já cá está, minha querida mãesinha.

A mãe de Rosalia sentou-se junto da arca, e começou a desempacotal-a. Por cima estava roupa d'ella e da filha; mas havia já muito tempo que ella não tirava nada do fundo da caixa. Por fim encontrou o que procurava, um pequeno embrulho pregado com alfinetes n'uma toalha; chamou para junto de si Rosalia, e começou a tirar os alfinetes. Dentro achava-se uma quantidade de pacotes. O primeiro continha um par de sapatinhos azues, e uma piurga vermelha.

—Eram do meu Arthurinho, Rosalia, disse a pobre mãe com os olhos razos de lagrimas; guardei-os no dia em que elle se enterrou, e nunca me pude desfazer d'elles; mas ninguem fará caso d'estas coisas, quando eu não existir, acrescentou ella com um suspiro.

—Oh minha querida mãesinha, não falle assim! exclamou Rosalia.

Outro embrulho continha uma caixinha quadrada, mas antes de abril-a, mandou a mãe que Rosalia fosse espreitar á porta. Depois como não houvesse ninguem ali perto, tocou n'uma mola, e do estojo forrado de veludo tirou uma pequena medalha. Tinha envolta um circulo de perolas e gravado no centro um monograma com as iniciaes Z. E. H. Abriu a medalha e mostrou a Rosalia o retrato de uma menina de rosto expressivo e meigo, e de grandes olhos

negros.—É a minha irmã Luzia, querida Rosalia.—A menina tomou a medalha na mão e poz-se a examinal-a attentosamente.

—É a minha irmã Luzia, a minha querida irmã, continuou a pobre mulher. Ha já bastante tempo que não vejo este retrato, e mesmo agora custa-me olhar para elle, sei que não tornarei mais a vel-a, nunca mais!

Nunca me pude separar d'esta medalha, foi-me offerecida por minha irmã no ultimo dia de meus annos que passei em casa de minha mãe. Lembro-me perfeitamente que tinha estado algum tempo amuada com Luzia; eu sabia muito bem que o meu proceder não era dos melhores, e acabrunhava-me o espirito um peso ao qual não podia subtrahir-me, e que me tornava zangada e irascivel.

Luzia, ao contrario, nunca mostrou para comigo máus modos; fallava-me amigavel e affectuosamente, e eu chegava até a desejar que ella se zangasse, porque assim teria eu desculpa para a minha irritabilidade.

Ora Rosalia, quando accordei pela manhã, a primeira cousa que encontrei sobre a minha almofada, foi esta caixinha, e um bilhete em que minha irmã me pedia que aceitasse esta dadiva insignificante, como lembrança d'ella! Quanto ella era boa para mim, Rosalia, e eu sempre tão má para ella era! Beijei-a repetidas vezes e agradecei-lhe muito, depois trouxe-a sempre ao pescoço até ao dia em que fugi, quando a metti na mala por segurança, e desde então tenho a tido sempre guardada. Teu pae, já ha muitos annos que a não vê, e provavelmente ter-se-ha d'ella esquecido. Quando eramos muito pobres, receiava algumas vezes que eile se lembrasse d'esta medalha, e que a quizesse vender como vendeu todas as minhas outras joias. Custou-me muito perder algumas; mas uma vez que conservasse esta, pouco me importava com as outras porque havia promettido n'aquella dia a Luzia de *nunca, nunca* d'ella me separar.

—É muito bonita querida mãesinha, disse Rosalia.

—É bonita é, minha filha; algum dia quando eu morrer será tua; lembra-te que é só para ti; mas não consintas nunca que a vendam, ou que a empenhem, Rosalia; com

essa idéa nunca me poderei conformar. E agora será melhor tornarmos a guardal-a; aqui não está segura, teu pae pôde voltar a cada instante.

—Ainda aqui está outro embrulho, mãesinha.

—Bem sei, esse pôdes tu guardar, minha filha, é o teu presente, disse a mãe. A medalha não posso ainda ceder-t'a porque quero guardal-a sempre até á minha morte, mas esta lembrança dou-t'a eu já hoje.

Desembrulhou o envolucro, e entregou a Rosalia um pequeno testamento de capa preta. A menina abriu o livro e viu escripto na primeira folha, «Á mulher do sr. Augusto, em memoria do Arthurinho, e com os votos de uma amiga, para que ella no céu possa afinal encontrar o seu filhinho.»

Prometti-lhe que o havia de ler, Rosalia; mas nunca tal fiz; na primeira semana que ella m'o deu ainda li alguns versos, mas desde então nunca mais lhe peguei. Oxalá que eu tivesse lido, oxalá que eu tivesse feito o que ella me pediu!

—Então permite-me que eu leia n'elle um bocado, mãesinha querida?

—Foi para isso mesmo que eu t'ó vim buscar, minha filha; poderás todos os dias ler-me n'elle algumas linhas. Já não sei se me servirá de coisa alguma, parece-me que já vem tarde, mas em todo o caso experimenta tu.

—Quer que comece já a ler, minha mãe?

—Espera um pouco, Rosalia, deixa-me primeiro aqui escrever o teu nome, para que tenhas alguma coisa que te faça lembrar tua mãe quando ella já cá não existir.

Cerreu Rosalia a ir buscar-lhe uma penna e o tinteiro, e a mãe escreveu no fim da primeira pagina: «Offerecido á minha querida Rosalia, por sua mãe, como prova de muito affecto»—E agora, minha filha, pôdes começar já a ler.

—O que quer que eu leia, minha mãe?

—Procura a historia que diz respeito ao teu quadro, querida; parece que junto ao texto explica onde se poderá encontral-a.

Foi a muito custo que Rosalia conseguiu achar o capitulo XV de S. Lucas, e começou a leitura:

—E fallava-lhes esta parabola, dizendo: Qual de vós outros tendo cem ovelhas, e perdendo uma d'ellas, não deixa no deserto as noventa e nove, e vae apoz a que se perdeu, até que a ache? E achando-a, a põe sobre seus hombros gozoso. E vindo a casa, convoca os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: «Alegrae-vos comigo, porque achei a minha ovelha, que se havia perdido.» Digo-vos, que assim haverá mais alegria no céu sobre um só peccador que se arrepende, do que sobre noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

—Eu necessito de arrependimento, Rosalia, minha filha, disse a mãe-

—O que é arrependimento, mãesinha querida?

—É sentirmos desgosto pelo mal que havemos feito, e odiarmo-nos a nós proprios, por havemol-o commettido, desejando nunca mais peccar.

—Então a minha mãe, se necessita de arrependimento, é como a ovelha unica, e não como as noventa e nove.

—É verdade, minha filha, estou nos mesmos casos do que a ovelha perdida,—não ha duvida,—errei para muito longe, para tão longe que perdi já a esperanza de voltar a pastos que conduzam ao caminho bom; é muito, muitissimo difficil tornar a achal-o: parece-me que escusado será eu tentar ainda voltar; tenho tanto ainda que andar.

—Mas, minha querida mãesinha, não é exactamente isso o que se está dando com a ovelha? perguntou Rosalia.

—O que queres tu dizer com isso, minha querida Rosalia?

—Ora então, não é verdade que a ovelha se perdeu no caminho e que não sabe para onde ha de ir; as ovelhas não sabem nunca o caminho que devem seguir, por isso esta tambem não se poz a andar, pois não? Deixou-se estar, e Elle o Bom pastor levou-a aos hombros, como mostra o meu quadro; e assim levada, parece-me que o caminho forçosamente não lhe pareceria demasiadamente comprido.

A mãe não respondeu nada a esta exposição de sua filha. Deixou se estar pensativa, sentada á janella, mas os pensamentos accumulavam-se-lhe na mente. Rosalia fechou o

testamento, tornou a embrulhal-o no mesmo papel que o havia resguardado tantos annos, e foi de novo escondel-o na caixa.

## CAPITULO VIII

### A mãesinha anã

A mãe de Rosalia estava apromptando-se para a representação da noite, e a filhinha ao seu lado ajustava-lhe as pregas do vestido branco, e ia buscar-lhe aquillo de que ella necessitava.

-- Oh minha querida mãesinha, dizia Rosalia, estou certa que não está hoje em estado de representar.

— Cala-te, querida! não falles n'isso agora; vem sentar-te aqui ao pé de mim, para que eu te possa pentear; e antes de partirmos canta o teu hymno, Rosalia.

A menina ainda fez um esforço, mas embargou-se-lhe a voz, e não pôde cantar com firmeza. No rosto de sua mãe havia uma tal expressão de tristeza, que Rosalia, no meio do hymno desatou a chorar, e lançou-lhe os braços em volta do pescoço.

— Não chores, meu amor, não chores, o que tens tu, minha querida Rosinha?

— Oh minha mãe, eu não quero que vá esta noite!

— Cala-te, filhinha, não chores! escuta Rosalia, quero que faças hoje um promettimento a tua mãe; quero que me promettas, que farás quanto fôr possível para escapar a esta vida de miseria; parece que se me estala o coração todas as vezes que n'ella tens de tomar parte. Quando possível fôr, renunciarás esta vida, não é assim minha Rosalia?

— Sim, minha querida mãesinha, se tambem comigo vier, respondeu a menina.

A pobre mulher só abanou tristemente a cabeça. — Já não pôde ser, minha filha. Já não deixarei mais esta caravana. Fui eu mesmo que escolhi esta vida, escolhi viver aqui, meu amor; e aqui hei de morrer, mas a ti não te pediram nunca o teu parecer; e rogo todos os dias a Deus te livre d'este viver pernicioso. Lembra-te da villa por onde

nós passámos, em que te deram o cartão com um hymno?  
— Sim, minha mãe, foi ali que nos deram tambem leite e pão.

— Lembras-te ainda tambem d'aquella casa que eu te mandei vêr?

— Se me lembra! mãesinha querida; era uma casa, que tinha um jardim muito bonito, em que uma senhora e a sua filha andavam apanhando flores.

— Rosalia, essa senhora era a minha irmã Luzia.

— A tia Luzia! será possível, minha querida mãesinha! mas então aquella menina era tambem a minha prima?

— Era sim, meu amor; logo que aquella mulher lhe mencionou o nome, conheci ser ella a tua tia Luzia que havia casado com um tal sr. Leal; e na cidade onde nós morámos, e de que eu te fallei, fazia exactamente a mesma coisa, ia ler passagens da Biblia ás cabanas da gente mais pobre.

— Então já eu vi a minha tia? perguntou Rosalia.

— Já sim, meu amor; e quero que me promettas, que tão depressa tiveres ensejo, irás ter com ella, sem teu pae saber. Eu escrevi-lhe uma carta que está escondida na arca dentro do mesmo estojo que contém a medalha. E se em tempo algum, te fôr possível ires ter com a tua tia Luzia, entregar-lhe-has essa carta, não é verdade? E mostrar-lhe-has igualmente essa medalha, ella ha de reconhecê-la logo que a vir;—e dize-lhe tambem que eu nunca me separei d'esta lembrança d'ella, mas que a tive sempre guardada cuidadosamente durante estes longos e tristes annos.

— Mas porque não ha de vir tambem comigo, a mãesinha?

— Não me perguntes isso agora, minha filha; são quasi horas de nós irmos para o theatro; mas primeiro, quero que me tornes a ler os versos que dizem respeito ao teu quadro; teremos para isso ainda o tempo necessario antes de vir teu pae.

Rosalia foi buscar o livrinho e leu pela segunda vez a parabola da ovelha perdida. Depois de ter acabado, disse-lhe a mãe:

— Desde que me leste essa historia pela primeira vez,

não me tem saído da cabeça quatro palavras que n'ella se encontram.

— Quaes são, minha querida mãe ?

— Até que a ache. Toda a noite estive accordada a tossir, e atormentou-me a idéa de que para mim não havia esperança, e de que seria excusado eu pedir ao Bom Pastor que olhasse por mim. De repente, sou-me aos ouvidos estas palavras, e ouvi, como se alguém as houvesse proferido: Até que a ache. Vae apoz a que se tem perdido, até que a ache. Segundo me parece, Deus nunca afrouxa nas suas pesquisas, mas continúa sempre em procura da que se havia perdido, até que a ache. E figurou-se-me então, não sei se acertadamente, nem mesmo sei se deva esperar tanto, — mas hontem á noite se me figurou, que em vista d'Elle se dar a tanto incommodo, e de procurar tão continuadamente, até que ache, talvez haja tambem para mim alguma probabilidade de ser encontrada.

— Estás prompta? interrompeu a voz de Augusto á porta da caravana; estás prompta? Nós vamos já começar.

Rosalia e sua mãe levantaram-se apressadas e escondendo o Testamento dentro da arca, desceram rapidamente os degraus da caravana e entraram no theatro. Ainda faltavam alguns minutos para o espectáculo começar, e Rosalia e sua mãe foram sentar-se n'um pequeno quarto que havia contiguo ao palco.

Varios d'entre os artistas da companhia entraram então para cumprimentarem a pobre mulher e perguntarem-lhe como se achava, em vozes, que, com quanto rudes, expressavam bondade e sympathia.

Rosalia observava-os entretanto attentamente, e o receio que transluzia no rosto de cada um, reverberando-se-lhe no coração, e confrangendo-o dolorosamente, veio ainda mais convencel-a de que sua mãe não estava á altura das fadigas da tarefa que lhe era destinada.

Todavia nunca se lembrára de a ter visto mais bella do que ao começo d'aquella representação; seus grandes olhos rasgados, brilhavam de uma maneira admiravel, e as faces geralmente tão desmaiadas, estavam agora côr de carmezim. «Minha mãe não pôde deixar de estar melhor,» pensou com-

sigo a menina, mas o olhar vago e a expressão de tristeza que transluzia no rosto da mãe, vinham desmentir as rissonhas esperanças da filhinha.

Repetia machinalmente, mas contrafeita, as palavras contidas no seu papel, e até o som de sua voz parecia desgostal-a. O olhar fixo e anhelante, parecia cravar-se n'algum objecto desejado e distante, afastado do rumor e do borborinho do theatro. Quando a acolhia uma explosão de applausos, no rosto impassivel não se divisava um sorriso, e de vez em quando percebia Rosalia que os olhos de sua mãe se inundavam de lagrimas.

Chegou-se logo para ella, acabado o primeiro acto, e tomando-lhe a mão que ardia de febre, sahiram ambas para a plataforma, onde o vento fresco e humido da noite fez estremecer a pobre mulher dos pés até á cabeça.

— Venha, minha querida mãesinha, dizia baixinho Rosalia, venha, será melhor voltar para a caravana.

Mas a mãe abanou a cabeça. Na peça seguinte houve um monologo, que, ensaiado toda a semana pelo pae, cabria á menina declamar. Já ia a meio da recitação quando por acaso relanceou os olhos para sua mãe, que do lado opposto do palco estava de pé, conservando-se n'uma posição tragica. A côr tinha-lhe fugido toda dos labios e das faces, e notou Rosalia que no rosto de sua mãe cada vez mais augmentava a mortal pallidez. Esqueceu-se completamente das palavras que tinha de proferir, perdeu inteiramente memoria do que havia aprendido, e de subito, parou. Seu pae, que era o ponto, debalde lhe repetia e tornava a repetir as phrases que se seguiam, Rosalia nada ouvia; nada via senão o semblante livido e cadaverico da mãe, que afinal cambaleou e cahiu.

Foi então grande e confuso, o rumor no theatro. Rosalia esquecida de tudo mais seguiu os actores que levavam do quarto em braços a mulher desmaiada, mas perto da escada deteve-a seu pae, que lhe exprobrou cruelmente ter enterrompido o spectaculo, e lhe ordenou que voltasse a retomar o seu papel, acompanhando o mandado das mais terriveis ameaças, quando ousasse desobedecer-lhe.

Voltou a pobre menina, e continuou na sua tarefa, ape-

zar de lhe agitar os membros todos um tremor convulsivo. O logar de sua mãe foi occupado por outra artista, e continuou a peça como se nada houvera acontecido.

Mas o coração de Rosalia não estava ali; entenebrecia-lhe o espirito uma angustia terrivel e suffocante. O que era feito de sua mãe? Quem lhe fazia companhia? Quem velava por ella? Inquietava-a o receio medonho de que sua mãe já estivesse morta, e de que ao entrar na caravana se lhe deparasse um corpo inanime estendido sobre o leito, e na imaginação febril figurou-se-lhe, que nunca mais tornaria a escutar-lhe a voz. Terminada a peça foi ter com seu pae, e um tanto envergonhada pediu-lhe encarecidamente que a dispensasse o resto d'aquella noite, e lhe permittisse voltar para junto de sua mãe. «Não, não,» disse o pae.

Como pareceram interminaveis a Rosalia as horas que se seguiram! Durante os intervallos entre os espectaculos, quando sahia para a plataforma, não retirava nunca os olhos da caravana. Pareceu-lhe enxergar no interior uma luz, mas nada mais poude distinguir. Quando finalmente lhe foi permittido voltar para casa, ousou a custo transpor o limiar. Que triste scena lhe estaria ainda ahí reservada? Estaria já morta sua mãe, e ter-lh'o-hia occultado seu pae enquanto durava a representação, afim de não interromper o andamento da peça?

De vagarinho, muito de vagarinho abriu a porta. A' luz frouxa de uma vèlla que ardia sobre a mesa poude então ver sua mãe deitada na cama, com os olhos fechados. Mas respirava, portanto estava viva. Foi tão grande o alivio que Rosalia não poude reprimir-se, e desatou a chorar.

Quando primeiro entrou na caravana, julgou que sua mãe estava só, mas veiu desenganal-a uma voz rouca e baixa, que partindo de um canto, lhe dizia:—Não te assustes, menina, sou só eu. O Tobias contou-me o que havia succedido, e eu apressei-me em vir logo para aqui fazer companhia a tua mãe.

Encaminhou-se Rosalia para junto da cabeceira do leito, e viu sentada sobre a caixa uma creaturinha, cujo rosto

rugado dava mostras de idade, mas que não podia ter mais em altura do que tres pés.

— Mas quem é vocemecê? lhe perguntou a menina.

— Pertença á barraca dos anões, meu amor, respondeu a velhinha. Somos quatro, e nenhuma de nós na altura excede tres pés.

— Mas então hoje não funciona? perguntou Rosalia.

— Pois não, minha menina, a Companhia Real dos Anões trabalha todas as noites, porém eu, que já sou caduca e feia, como vês, nenhuma falta lá faço, e mais facilmente me dispensam a mim, do que aos outros. Eu só entro lá de tempos a tempos; a velhice, bem vês, reserva para si certos privilegios.

— Agradeço-lhe muito o cuidado que teve com minha mãe, disse Rosalia, ella já lhe fallou?

— Já me fallou uma vez, disse a velha, mas não pude muito bem perceber o que ella dizia. Tentei pôr-me á altura dos seus labios, para assim escutar melhor; mas bem vês, que tenho só tres pés de altura, e foi por isso que eu o não pude conseguir. Pareceu-me (é verdade) ouvil-a fallar n'um cordeiro, mas de certo foi engano, minha querida; pois aqui não ha cordeiros!

— Ai, bem sei! exclamou Rosalia, foi isso, foi, tinha-lhe estado a ler a historia de um cordeiro, pouco antes de partirmos para o theatro.

N'isto ouviu-se um ruido á porta da caravana, e entrou Augusto. Approximou-se de sua mulher, tomou-lhe o pulso, e disse:

— Isto não é nada, deixa-a dormir, Rosalia, que é tudo de quanto ella precisa.

E em seguida olhando com curiosidade para a anã, saiu da caravana e fechou a porta.

— Ficarei contigo esta noite, se quizeres, disse a velhinha para Rosalia.

E a menina ao mesmo tempo que lhe manifestava os seus agradecimentos, sentiu-se tomada de grande contentamento. Como lhe custariam a passar as solitarias e tristes horas da noite, sosinha junto ao leito de sua mãe desmaiada!

— Sim, ficarei contigo, continuou a anãsinha, porém é mister que tu o vás dizer aos companheiros da minha barraca. Julgas que serás capaz de acertar com ella?

— Para que lado fica? perguntou Rosalia.

Descreveu-lhe a mulhersinha minuciosamente a direcção, e Rosalia, deitando um chale por cima da cabeça, partiu nas suas pesquisas. A tenda não tardou ella a encontrar, porém não conseguiu com igual facilidade acertar com a entrada da barraca. Dava-lhe voltas innumeradas, puchava pela lona em partes diversas, mas tudo sem resultado algum. Por fim, quando se dispunha a retirar, ouviu um murmurio confuso de vozes que partia do interior, e assim guiada applicou a bocca a um buraco pequeno que ella descobrira, e bradou:

— Deixem-me entrar, façam favor!

A isto seguiu-se um grande borbórinho, entre o qual se ouvia distinctamente o tinir e retinir de dinheiro; depois levantaram uma ponta do toldo, e uma voz fina e aflautada pediu a Rosalia que entrasse.

— O que pretendeis minha querida? lhe perguntou magestosamente um grande gigante, que se destacava entre um grupo variado de pigmeus.

— Venho da parte de uma senhora pertencente a esta companhia, trazer-vos um recado.

— Vens da parte da mãe pequena, explicou uma das anãs.

— Minha mãe está muito doente, e ella promptificou-se a tratar d'ella, e disse-me que viesse prevenil-os de que ficaria lá toda a noite.

— Está bom, está bom! exclamaram todos á uma, e Rosalia voltou para a caravana, e depois de informar a bondosa anã de que estavam cumpridas as suas ordens, foi de novo tomar logar junto de sua mãe.

A mãe pequena esmerava-se em prodigalisar-lhe carinhos, e com fina perspicacia parecia adivinhar exactamente aquillo de que necessitava a doente, que toda a noite hesitou entre o somno e a vigilia, ora abrindo os olhos para tentar alegrar com um triste sorriso a filhinha sentada immovel aos pés da cama, ora tornando a cair de novo em

um estado de torpor. No meio d'este quadro era a figura da mãe pequena a unica em movimento.

Evidentemente era enfermeira bastante perita, e que conhecia os meios mais efficazes para assegurar o repouso d'aquelles em quem cuidava. De vez em quando trepava tambem a uma cadeira, e dispunha as almofadas, da maneira que mais convinha á respiração exausta da enferma. Por fim, vendo quanto a creança estava fatigada, obrigou-a a despir o vestidinho de cambraia, e a deitar-se aos pés do leito, embrulhada n'um grande chale de lã.

D'ali a poucos minutos estava Rosalia immersa n'um somno profundo.

Quando tornou a acordar, já se descortinava por entre as janellas da caravana o alvejar da madrugada. Poz-se em pé e olhou em redor de si. Ao principio julgou estar ainda sonhando, mas logo lhe occorreu a lembrança da noite passada.

Sua mãe dormia socegradamente, emquanto a anãsinha infatigavel, velava sentada ainda no posto que tinha occupado toda a noite.

—Ai, quanto sois boa, mãe pequena! exclamou Rosalia, lançando-lhe os braços em volta do pescoço.

—Cala-te menina! exclamou a anãsinha; olha que accordas tua mãe, vê como dorme socegada, ha perto de uma hora que descança assim tranquilla.

—Quanto me alegre! exclamou Rosalia, diga-me mãe pequena, é certo ella restabelecer-se dentro em pouco?

—Isso não posso eu dizer te filhinha; fallemos n'outra coisa. Dize-me que significa aquelle quadro que ali está pendurado? Tenho estado toda a noite a miral-o.

—E' o meu quadro, respondeu Rosalia, o pastor que ali vêdes, tem andado por toda a parte em busca d'aquelle cordeiro, mas por fim sempre o encontrou, e lá o vae levando aos hombros para o aprisco, apezar de estar tão ensanguentado e ferido; vê-se bem a alegria que elle sente por haver achado o seu cordeiro.

—E o que dizem aquellas letras que ali vejo escriptas? Bem vêes que não sei ler, minha querida, os meus conhecimentos são poucos.

— «Alegrae-vos comigo porque achei a minha ovelha que se havia perdido. Ha alegria diante dos anjos de Deus sobre um só peccador que se arrepende.»

—O que quer isso dizer? perguntou a velhinha.

—Quer dizer que Jesus é semelhante ao bom pastor, e que Elle nos está procurando, mãe pequena; não imagina quanto Elle se alegra quando nos acha. Nós, a minha mãesinha e eu, pedimos-lhes todos os dias que nos venha encontrar; e a historia conta que elle nos ha de buscar sempre até que nos ache. Quer vocemecê tambem ouvil-a? Antes de irmos para o theatro estivemos nós ainda a ler, eu e a mãe.

E indo Rosalia á arca, tirou de lá o livrinho da capa preta, e sentando-se aos pés da mãe pequena começou a sua leitura predilecta ácerca da ovelha perdida.

—Tambem já a achou a si, mãe pequena? perguntou ella, fechando o livro.

A anãsinha poz a cabeça a um lado, alisou o cabellino annelado e já branco, porém nada disse. Receiu então Rosalia havel-a offendido, e calou-se. Mas, depois de uma grande pausa, em que Rosalia já tinha tido tempo de reflectir em mil coisas diversas, a mãe pequena respondeu á pergunta que a menina lhe havia dirigido, e disse em voz rouca:

—Não, elle ainda não me achou.

—Mas peça-lhe, mãe pequena, acudiu Rosalia.

—Pois bem, começarei hoje, principiarei desde já, se diseres por mim as palavras que se devem empregar.

Rosalia desceu do banquinho, e ajoelhando, proferiu em voz alta a seguinte oração: O' meu Bom Pastor, que andaes á procura da minha querida mãesinha e de mim, buscae tambem a mãe pequena, vos peço, e levae-a sobre os hombros para o aprisco. Amen.

—Amen! exclamou a mãe pequena, na sua voz guttural. Depois d'isso ficou outra vez em silencio.

Perto das seis horas, ouviu-se uma pancada á porta da caravana, e appareceu uma mulher, embuçada n'uma capa muito comprida, e que perguntou se era ali que a mãe pequena estava: pertencia á Companhia Real dos Anões,

e vinha buscar a velhinha, antes de se abrir o mercado. Já alguns homens iam passando para o trabalho; embrulhou portanto a mãe pequena n'um chale, e levou-a para casa como se fosse uma creança, tendo todavia o cuidado de a cobrir toda com a capa, de maneira que ninguem a pudesse ver.

Rosalia agradeceu-lhe a sua bondade, com os olhos raios de lagrimas, e a anãsinha prometeu voltar dentro em pouco para se informar do estado de saude da doente.

## CAPITULO IX

### A visita do medico

Não ficou Rosalia muito tempo só, depois da mãe pequena a deixar. Sentiu bater á porta, e indo abri-la, deparou com Tobias.

—Como vae ella, menina Rosinha!

—Parece-me que dorme socegada.

—Teria cá vindo mais cedo, mas receiei incommodal-a. Toda a noite levei a pensar n'ella, e não pude conciliar o somno!

—Foste tu Tobias quem chamaste a mãe pequena?

—Fui eu, sim, menina Rosinha, pertenci já em tempos áquella companhia, e quando tive um ataque de febre, foi a mãe pequena quem de mim tratou, por isso tinha a certeza de que ella, melhor do que ninguem, estaria nos casos de vir aqui ajudal-a.

—E' realmente uma excellente mulher, exclamou Rosalia.

—Diz bem, menina: o corpo é pequeno, mas é grande e bom o coração que elle encerra. Ainda ha uma coisa, menina Rosinha, que eu lhe queria dizer; vou buscar um medico para ver sua mãe.

—O' Tobias! O que não dirá meu pae!

—Foi elle quem me mandou, menina; parece que se envergonhou de si mesmo. Queria que visse hontem os homens quando estavam fechando o theatro depois da menina ter sahido. Foram ter com o patrão, e disseram-lhe re-

dondamente o juizo que d'elle faziam, por consentir que sua mulher, estando tão doente, pisasse o palco. Disseram-lhe que era um peccado e uma vergonha tratá-la d'aquella maneira, e que menos cuidado tinha n'ella do que n'um dos seus peiores cavallos (pelos quaes, eu affianço, não é elle tambem nada extremoso.) E depois, menina Rosinha, parece-me que ao patrão não lhe agradou ouvir as verdadees, e zangou-se muito n'aquella occasião, porém esta manhã logo ao romper do dia ordenou-me que me levantasse ás sete e fosse buscar um medico para vir immediatamente ver a senhora. Lembrei-me de vir cá primeiro avisal-a, porque talvez queira pôr algumas coisas em ordem antes de elle cá chegar.

Apenas Tobias saiu, tratou Rosalia logo de arrumar a caravana, e depois com bastante anciedade aguardou a vinda do medico. Em pouco tempo entrou elle com Augusto, e demorou-se só o tempo necessario para tomar o pulso da pobre mulher, e dirigir á menina varias perguntas sobre a tosse, que tanto a miudo affligia a doente. Retiraram-se em seguida juntos, deixando Rosalia entregue á incerteza. Não ousou na presença do pae perguntar ao medico a sua opinião sobre o estado de saude da doente, e o coração parecia estalar-lhe de receio.

Pouco depois tornou o pae a entrar, e Rosalia chegando-se para elle, perguntou-lhe o que o medico havia dito.

— Diz que está muito doente, foi tudo quanto o pae se dignou communicar-lhe, e Rosalia conheceu-lhe pela voz que seria melhor não proseguir no seu interrogatorio. Depois sentou-se Augusto ao pé do leito, e deixou-se ali ficar alguns momentos. Nunca a filhinha o tinha visto tão preocupado. Teve então a certeza de que o medico lhe houvera dito que a doença de sua mãe era grave. E o pae continuava taciturno e pensativo, apenas se ouvia na caravana o bater regular da pendula segura n'um prego ao canto, e de vez em quando a queda das cinzas no brazeiro. Augusto, impressionado pelas palavras do facultativo, que lhe declarara não veria nunca mais as melhoras de sua mulher, entregou-se a mil pensamentos contrariados e inquietos. Era só questão de tempo; esperanças

não as havia nenhuma, e á memoria d'elle, occorriam de tropel todos os máus tratos a que a tinha sujeitado. As palavras bruscas que lhe havia dirigido, o mal que tinha dito d'ella, e acima de tudo a maneira barbara pela qual a tinha tratado, obrigando-a a apparecer no palco ainda, na vespera á noite, quando já estava tão aggravada a sua doença, que ella mal se tinha de pé. Tudo isto, e muito mais, lhe tumultuava no cerebro, e por instantes sentiu remorsos, que o obrigaram, contra o seu costume, a entrar na caravana, e a sentar-se ao lado de sua mulher. Por fim tornaram-se as suas meditações tão desagradaveis que as não poude aturar por mais tempo; não poude ali continuar sentado, encarando as accusações da sua consciencia, levantou-se apressadamente, e sem dizer uma palavra a Rosalia, atirou com a porta da caravana, e foi passear para o largo da feira. Abi encontrou-se com alguns dos seus amigos, e estes mettendo a ridiculo o seu ar melancholico, offereceram-se a pagar-lhe as despezas na taverna mais proxima. E enquanto Augusto bebia, esquecia-se de sua mulher, e abafava o brado pertinaz e accusador da consciencia.

Quando regressou ao theatro para jantar, estava de máu humor e egoista como sempre, e antes de sentar-se para comer, nem ao menos teve a lembrança de perguntar como estava sua mulher. Talvez temesse a resposta a semelhante pergunta.

N'essa mesma noite teve Rosalia de entrar de novo na peça; era seu pae quem a isso a obrigava, dizendo-lhe que lhe não era possivel preencher tanto o papel da mãe como o da filha. Pediu-lhe a menina muito encarecidamente que a dispensasse aquella vez, mas tudo foi inutil, e com o coração pezaroso foi ter com a mãe pequena á Companhia Real dos Anões. A boa mulhersinha ficou muito indignada quando Rosalia lhe contou, que seu pae não permittia que ella ficasse velando junto de sua mãe, e prometteu ir immediatamente e ficar com ella durante a ausencia da menina. «Onde está a Suzana?» gritou a anã.

— Aqui estou minha senhora, disse, apparecendo a mesma mulher que a tinha ido buscar pela manhã.

— Leva-me á caravana do Mendes, ordenou a velhinha, saltando para cima de uma cadeira, e estendendo os braços.

Suzana embrulhou-se na sua capa, e partiu rapidamente na direcção do theatro, acompanhada por Rosalia. Depois a velhinha ajudou-a a vestir, alizando-lhe as dobras do vestido branco, e penteou-a. A creança já vestida poz-se a contemplar tristemente o rosto pallido de sua mãe. Emquanto assim olhava, descerraram-se-lhe os olhos, e a doente fitando Rosalia, com amor e ternura, disse, com grande regosijo da menina :

— Minha querida Rosalia ! sinto-me hoje melhor. Dá-me um beijo, minha filhinha !

Curvou-se a menina, e imprimiu-lhe um osculo no rosto desmaiado, enquanto que seus bastos e negros cabellos cobriam as almofadas de sua mãe.

— Quem está tratando de mim, Rosalia ?

— Uma senhora pequenina que Tobias conhece, minha querida mãesinha ; não imagina quanto ella é boa, enquanto eu estiver fóra vae ficar todo o tempo com a minha mãesinha. Ai, eu não a queria deixar ! Eu desejava tanto ficar, mas o pae diz que me não dispensa !

— Deixa lá, meu amor, sinto-me esta noite muito melhor. Apetece-me uma chavena de chá.

Foi um instante enquanto a mãe pequena a apromptou; nunca Rosalia vira ninguem mais desembaraçado; e todavia eram tão rapidos e serenos os seus movimentos que em nada incommodavam a doente.

— Que bondade ! exclamou a mãe de Rosalia, quando a anãzinha subiu a uma cadeira para poder entregar-lhe a chicara.

— Não ha nada como o chá, dizia a velhinha, abanando a cabeça, deem-me uma chavena de chá, que eu já me não importa mais coisa alguma ! olhe que a senhora hoje está muito melhor.

— Estou, já posso conversar. Mas mesmo quando não podia fallar, ouvia quasi tudo quanto diziam, e ouvi fallar no quadro da Rosalia.

— Ora vejam lá isto ! exclamou alegremente a mãe pe-

quena. Ora vê tu lá, Rosalia ; olha que ouviu tudo quanto nós estivemos a dizer, ora vamos lá que já não pôde estar tão doente.

— Fez-me bem, disse a pobre mulher, ouvir Rosalia orar.

— Por mim, coitadinha, disse a mãe pequena ; nunca eu d'isso me poderei esquecer.

Mas como a doente parecesse cansada, não lhe permittiu a enfermeira desvelada que continuasse a fallar, mas constrangeu-a a deitar-se, e não fazer mais movimento. Quando Rosalia partiu para o theatro já a sua mãe estava immersa em somno profundo, e a boa anãzinha occupava o seu posto junto á cabeceira. E quando alta noite Rosalia regressou para a caravana, ainda a mãe pequena estava no mesmo lugar, e como notasse quanto a menina vinha cansada da fadiga e do ar abafado do theatro, obrigou-a a despir-se, e insistiu para que se deitasse na cama da mãe, afim de poder recuperar as forças.

No dia seguinte a doente dava mostras de ter experimentado leves melhoras ; já pode tomar algum alimento e de vez em quando fallava baixo com a filha.

— Lembra-me Rosalia, de um verso que me veiu á memoria, porém, n'aquella noite em que estive doente, accordei dizendo-o.

— O que é minha mãe ?

« Todos nós andamos errantes como um rebanho, virámo-nos cada um para o seu caminho, e o Senhor fez encontrar sobre Elle a iniquidade de todos nós. » (Isaias LIII.)

— Bem me disse a anã que a minha mãe tinha fallado em cordeiros ou rebanhos, exclamou Rosalia.

— Foi então isto, tornou a pobre mulher ; como o verso é lindo !

— Todos nós andamos errantes como um rebanho ; é um caso parecido com o meu, Rosalia. Tenho andado errante, errante para bem longe. Virámo-nos cada um para o seu caminho, assim tem succedido comigo ; exactamente, foi sempre assim, virei-me sempre para o meu caminho, Rosalia, estou nos mesmos casos que os do rebanho errante.

— E o remate do verso, qual é, minha mãe?

— O senhor fez encontrar sobre Elle a iniquidade de nós todos. Sobre Elle, isto é sobre Jesus; quando morreu pendurado sobre uma cruz, fez o Senhor encontrar sobre Elle a iniquidade de nós todos.

— E as suas iniquidades, também as fez Deus encontrar todas sobre Jesus, querida mãesinha?

— Creio que sim; pois falla na iniquidade de nós todos, portanto parece-me que também lá entram as minhas. E esta palavra, todos, creio se estenderá até mim, pelo menos eu assim o espero, minha filha. Tenho estado a rogar que Deus não me queira excluir, porque, vês tu, Rosalia, se a iniquidade se houver de encontrar sobre Elle, então já não terei fardo tão pesado sobre mim.

Dito isto ficaram exaustas as forças da pobre mulher, e Rosalia apressou-se em ir buscar-lhe uma chavena de caldo preparado pela mãe pequena. Poucos minutos depois entrou Augusto na caravana dizendo a Rosalia que lhes permittia se demorassem ali mais dois dias ainda, contando que no sablado de manhã partissem sem falta, pois contava chegar ao seu destino no domingo á noite infallivelmente.

— Nem por tudo quanto ha n'este mundo, prescindo de ti Rosalia, na peça que tencionamos levar. A nossa paragem, d'esta vez é n'uma praia de banhos muitissimo concorrida, e se todos desempenharem o seu dever como teem obrigação, ainda n'estes dias espero juntar alguns vintens.

— Augusto, interrompeu a voz tremula da doente, podes conceder-me cinco minutos antes de te retirares?

— Vá lá isso, respondeu o marido, puxando pelo relógio, talvez ainda cinco minutos eu possa attender-te, mas olha, despacha-te, que eu não tenho tempo a perder.

— Rosalia deixa-me sós com teu pae.

E a menina desceu os degraus da caravana, tendo primeiro o cuidado de fechar de mansinho a porta. Depois poz-se a olhar com attenção para os empregados de seu pae, que punham os cavallos aos carros, e que amarravam

grossas cordas em diversos fardos, para não incorrerem no risco de caírem pelo caminho.

A mãe, esperou que sua filhinha saísse e depois pondo a mão no braço do marido, disse-lhe :

-- Augusto, desejo pedir-te duas coisas, antes de morrer.

— Vamos lá a ouvil-as, disse o homem com indiferença, recostando-se na cadeira e traçando a perna.

— A primeira, Augusto, é que tão depressa eu morra tu procures casa para a minha Rosalia. Não a leves de feira em feira, já não terá então mãe, que olhe por ella, e péza-me a idéa de que ha de ficar aqui sósinha depois de eu morrer.

— Qual sósinha, interrompeu Augusto irado, então não me tem aqui a mim; não lhe acontece mal nenhum comigo; agora quando a creança me começa a fazer arranjo, é que eu a não posso dispensar; além d'isso, para onde pretendes tu que ella vá?

Não proferiu a mãe de Rosalia a esperança secreta que nutria no coração, mas disse simplesmente :

— Julguei, que talvez te fosse facil encontrar no campo alguma alma bondosa que em troca de uma pequena remuneração, se encarregasse de a mandar com regularidade a algum collegio, onde a educassem com carinho.

— Qual historia! deixa-te d'isso, ha de ficar comigo, não quero perder do palco uma creança tão bonita; olha que metade da gente só vem ao theatro para vêr a linda actrizinha, como elles lhe chamam : — não serei eu quem lhe cortarei a carreira e a vá melter n'algun desterro campestre. Bom, e lá se foram já os taes cinco minutos, disse elle, olhando para o relógio, e eu tenho de me ir.

— Ainda tenho mais uma coisa só a pedir-te, Augusto.

— Então o que é? vá, avia-te, depressa!

— Quero dizer-te que durante estes ultimos quinze dias tenho-me convencido de que, estando uma pessoa prestes a morrer, a pouco montam as coisas d'este mundo, comparadas com a salvação da nossa alma. Tem sido pouco proveitosa a minha vida; tenho sido por muitas vezes de-

sagradavel e má para comtigo ; mas o meu unico desejo agora, é que o Bom Pastor venha buscar-me antes que seja demasiadamente tarde.

—Então é só isso ? perguntou o marido enfiando o casaco.

— Não, ainda não é tudo ; queria tambem perguntar-te uma coisa. — Estás prompto para morrer ?

— Ainda ha muito tempo para eu pensar n'isso, tornou o marido com uma gargalhada sarcastica.

Todavia a expressão inquieta do seu rosto era um indicio de que a resposta não era satisfatoria a uma tal pergunta.

— Oh Augusto, mal sabes tu, o tempo que te resta ainda de vida, tornou tristemente a pobre mulher.

— Bem, como a vida é tão curta, tornemol-a o mais divertida que podermos !

— E o que será então da outra vida, da vida eterna que a esta se segue ?

— Ora, essa que se arranje lá como podér, respondeu desdenhosamente o marido ; e depois de accender o cachimbo ao lume do fogão, despediu-se de sua mulher desejando-lhe uma jornada alegre e feliz ; em seguida fechou a porta, e desceu os degrãos da caravana. A doente voltou-se no travesseiro cheia de pezar, e desatou a chorar. Tinha feito um grande esforço para fallar a seu marido, e tudo debalde. Tão exausta estava de forças, que se não tivesse Rosalia entrado no mesmo instante, dando-lhe uma gota de caldo, a pobre enferma, teria de certo desmaiado pela extrema fraqueza em que se achava.

D'ali a pouco tempo ouviu-se o ranger de muitos carros ; era a companhia do theatro que seguia na derrota, e Rosalia e a mãe ficaram sós.

## CAPITULO X

### Jessica

À tarde veio Tobias á caravana, e contou a Rosalia que a «Companhia Real dos Anões» estava em ordem de marcha, e que á mãe pequena desejava despedir-se d'ella.

— Não te esqueças, Rosalia, de lhe agradecer muito em meu nome, recommendou a doente, e dá-lhe recados meus.

— Fique descansada, minha mãe, que não me hei de esquecer.

Quando Rosalia lá chegou, estavam as quatro anãsinhas todas sentadas no carro coberto em que tencionavam fazer a jornada. Deixaram entrar Rosalia, usando de todas as precauções, e fechando cuidadosamente a porta.

A mãe pequena, disse-lhe adeus, com os olhos turvos de lagrimas. A feira para onde se dirigiam não era a mesma para onde ia o pae da menina, e não sabiam quando se tornariam a encontrar.

Deu a anã a Rosalia explicações minuciosas sobre a maneira de fazer o caldo, metteu-lhe no bolso um pequeno embrulho, que lhe recommendou entregasse a sua mãe, e em seguida segredou-lhe ao ouvido:

— Olha que não me tem esquecido pedir ao Bom Pastor que venha em minha procura, menina; e tu á noite quando orares não te esqueças tambem de pedir por mim. N'isto deitou-lhe os braços á roda do pescoço e beijou-a. Voltou Rosalia para casa, e deu á mãe o embrulho que lhe havia sido recommendado. Era um sobrescripto em branco e dentro estava meia libra em oiro. Como a mãe pequena era boa! Foi maior a alegria que ella teve em tirar a meia libra do saquinho das suas economias e dal-a, do que o contentamento da mãe de Rosalia quando a recebeu, dizendo:

— Já temos bastante para mais alguns caldos, Rosalia.

— Sim, tornou a menina, e eu vou já em procura da carne.

Não foi só na oração d'aquella noite que Rosalia se lembrou da mãe pequena, nem n'aquella occasião que ella ajoelhou e pediu ao Bom pastor procurasse e salvasse a sua boa amiga. Durante aquelle dia todo, Rosalia não deixou nunca a sua mãe: tratou d'ella com o maior desvelo e carinho, e procurou imitar a mãe pequena no modo de arranjar mais commodamente as almofadas da cama. E assim decorriam lentamente as horas. A doente dormia quasi sempre, mas de vez em quando percebia a menina que sua

mãe murmurava baixinho o ultimo verso do hymno. Chegou a noite, e Rosalia sempre sósinha permaneceu ao lado da doente; receiava adormecer, tinha medo que sua mãe accordasse, e lhe fosse preciso alguma cousa. E que noite tão comprida aquella! Reinava um silencio profundo. Só se ouviam, de quarto a quarto, as badaladas regulares na torre da egreja da aldeia.

No quarto a luz ardia frouxamente, Rosalia não abandonava o seu posto senão para atear o lume, ou cuidar no caldo de sua mãe. Olhava muitas vezes para o quadro pendurado na parede, e desejava poder estar no lugar d'aquelle cordeiro, repousando no seio do Salvador. Estava abatida e prostrada, tinha vontade de descançar.

Na manhã seguinte, logo ao romper do dia, ouviu a voz de Tobias que a chamava, dizendo:

—Posso entrar um instantinho, menina Rosinha.

A creança apressou-se logo em abrir-lhe a porta, e Tobias ficou muito contristado por vel-a com o parecer tão apoquentado e doentio.

—Veja lá não adoença, menina Rosinha, veja lá o que faz!

—Hei de ter muito cuidado, disse-lhe a menina, talvez o ar do campo me faça agora bem.

—Talvez faça, minha menina. Parece-me que será melhor nós partirmos agora, porque não quero ir muito depressa, quanto mais devagar nós formos, melhor será para a patrãoa, e poderemos descançar abi algures esta noite. Se chegarmos a uma aldeia, sempre hei de encontrar algum celleiro em que possa dormir, e se não depararmos com uma aldeia perto onde possamos pernoitar, ha de sempre haver uma pilha de feno. Olhe que o feno faz uma bella cama, menina Rosinha!

D'ali a meia hora já tudo estava prompto, e a caravana em ordem de marcha. O Tobias guiava a com toda a dextreza e muito cautelosamente; todavia, apesar do seu cuidado, a tosse da doente aggravava-se a cada solavanco do carro, e a respiração tornava-se-lhe penosa e difficil. Tiveram de a amparar com almofadas, mas isso mesmo de pouco allivio lhe serviu. Rosalia abriu a porta da caravana e

poz-se a conversar com Tobias. Este já nem assobiava nem animava com gritos os cavallos segundo o seu costume. Parecia pensativo e triste.

Perto da tarde adormeceu a doente; parecia um somno tão doce e tranquillo que a meniua só desejou a prolongação d'elle, e receiava que algum balanço a viesse accordar. Notou tambem com alegria que tinha cessado a tosse importuna, e que o respirar era menos difficil.

—Diga-me menina Rosinha, o que acha, ficamos aqui esta noite? perguntou Tobias. Tinham chegado a um lugar socegado e solitario, nas proximidades de um grande bosque. A um lado estendia-se um vasto pinhal, cujas arvores á luz esquiua da tarde se apresentavam negras e tristes. Perto d'esta matta havia uma muralha de pedra. Tobias chegou para junto d'ella a caravana, para que ficasse abrigada do vento, e depois foi tratar de escolher para si um alojamento. Não tardou em achar ali perto um cantinho escondido pela urze que ali crescia em grande abundancia, e depois voltou a fallar com Rosalia.

—Não tenha medo, lhe dizia elle, se precisar de alguma coisa durante a noite eu fico aqui pertinho. Não terá mais do chamar-me, gritando:—Tobias! Ter me-ha logo ao seu lado. Apesar de ter um dormir bastante pesado, accordo sempre logo que oiço gritar pelo meu nome.

—Vae dormir, vae, respondeu Rosalia, parece-me que não hei de ter medo algum.

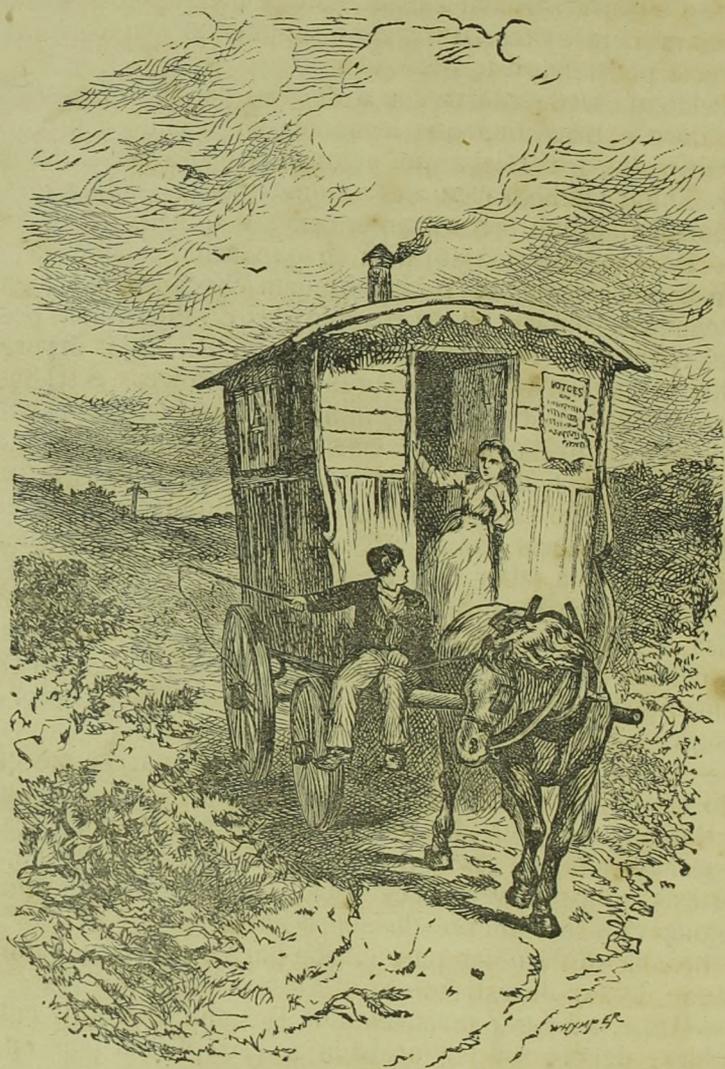
Mas enquanto assim fallava, olhava com temor para o seu acampamento. As arvores projectavam sombras phantasticas sobre a vereda estreita, e os ramos estalavam e balouçavam-se á mercê do sopro da tarde.

Rosalia só de olhar para ellas e para o negro pinhal não poude deixar de estremecer.

—Olhe, sabe que mais, menina Rosinha, disse-lhe então Tobias, depois de ter acabado a ceia; d'aqui hoje eu já não passo, ficarei sentado nos degraus da caravana para tomar conta na menina e em sua mãe.

—Nada não, o deixarei lá.

—Não me ha de fazer mal nenhum eu estar de vigia toda a noite!



A cafila atravessando uma planície

Mas Rosalia não o consentiu, e obrigou-o a ir deitar-se sobre a urze, e insistiu para que elle levasse um chale forte de sua mãe, com o qual se cobrisse, porque estava uma noite muitissimo fria. Em seguida trancou cautelosamente a porta da caravana e as janellas todas, e chegou-se para perto de sua mãe, que ainda dormia profundamente. Sentou se na cama, encostou-se ao travesseiro e procurou imital-a. Mas qual! O silencio completo enchia-a de temores, e fazia-lhe doer a cabeça, que ella estava sempre levantando, e, com o ouvido á escuta, procurava algum ruido que viesse quebrar o encanto d'aquelle socego aterrador.

Afinal pareceu-lhe ouvir um rumor, e Rosalia tremia de medo. Era o vento que açoitava as arvores, e fazia estalar os ramos que se agitavam por cima da caravana. Pobre menina! As insomnias das ultimas noites tinham-n'a tornado nervosa, e não podia dormir. Foi em procura dos fosforos e accendeu uma vèlla, para ver se se distraía.

Depois, lembrou-lhe ler um pouco, e foi á arca buscar o seu Novo Testamento. Emquanto lia, sentia-se bem. Pareciam-lhe realisadas as suas orações, julgou estar effectivamente na presença do Bom Pastor, e por um sentir milagroso imaginava ser levada por Elle ao seu seio.

Se não fôra isto, teria gritado de susto, quando, meia hora depois, ouviu uma pancada á porta. Levantou-se logo e foi espreitar por entre as cortinas de cambraia. A noite era escura e só lhe foi possível enxergar um vulto agachado no ultimo degrau da caravana.

—E's tu Tobias? perguntou ella, abrindo uma greta da janella.

—Nada, sou eu, respondeu uma voz de rapariga. Tens o lume ainda acceso?

—Quem és tu? perguntou Rosalia timidamente.

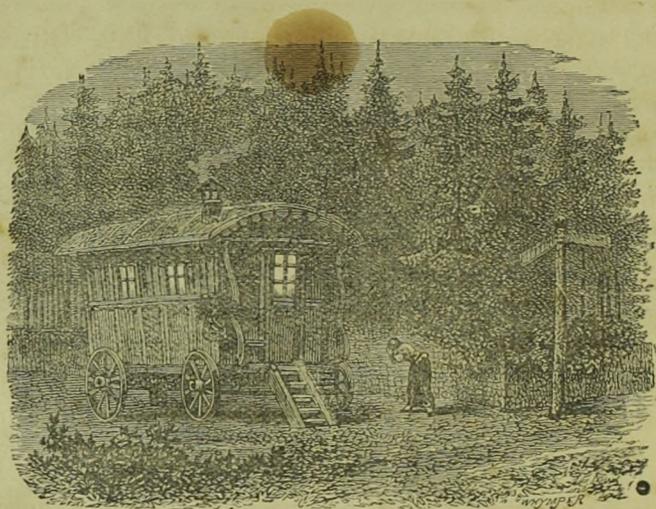
—Depois t'ó direi, deixa-me entrar, quero aquecer-me ao teu lume!

Rosalia não sabia o que havia de fazer. Receiava abrir a porta sem saber a quem era que dava entrada. Tinha já quasi deliberado chamar Tobias, quando um som abafado de soluços fel-a mudar de tenção.

—O que te afflige? perguntou ella á rapariga.

—Tenho frio e fome, sou muito desgraçada, respondeu esta ainda soluçando; divisei uma luz por entre as tuas janellas, e julguei que talvez me deixasses entrar.

Rosalia não hesitou por mais tempo. Destrancou a porta, e o vulto negro da escada entrou. Vinha embrulhada n'um grande capote que deixou cair, e viu então Rosalia que a sua visita era uma rapariga ainda bastante nova de cerca de dezeseite annos de idade; e que de muito chorar trazia os olhos vermelhos e inchados. Vinha tambem tran-



sida de frio, as mãos eram gelo, estavam roxas e dormentes, e batia-lhe o queixo quando foi sentar-se n'um banco ao pé do fogão.

Rosalia deitou n'uma panellinha uma gota de chá frio que tinha ficado, e pol-o a aquecer. Depois da rapariga o ter bebido disse que se sentia melhor, e mostrou disposições para conversar.

—Aquella é a tua mãe? perguntou, olhando para o leito onde a doente continuava sempre dormindo socegada.

—E' sim, lhe tornou em segredo Rosalia; mas falla baixinho para a não accordares, está muitissimo doente. Foi por isso que nós não partimos com o resto da companhia, e o medico deu-lhe um remedio para fazel-a dormir emquanto estivessemos viajando.

—Tambem eu tenho mãe, proseguiu a rapariga.

—Tens, então aonde está ella? — Mas a rapariga nada respondeu a esta pergunta: escondeu o rosto entre as mãos, e começou de novo a chorar.

Rosalia observava-a tristemente. «Dize o que tens, e quem és?»

—Pertença á gente do Circo ambulante, não me viste passar sentada em cima do ultimo carro? Trazia um vestido branco com uma facha escarlata.

—Bem me lembro agora de ti, exclamou Rosalia, trazias na mão um garfo muito grande, a que chamavam um tridente. Mas então o que fazes tu agora aqui?

—Fugi, já os não podia aturar; vou outra vez para minha casa.

—Onde moras tu? perguntou a menina.

—Moro d'aqui muito longe, não tenho esperanças de lá chegar nunca; estou sem vintem na algibeira, e sinto-me já sem forças para proseguir, andei toda a noite e todo o dia.

Depois desatou outra vez a chorar, e tão alto, que Rosalia teve medo que ella accordasse a doente e a assustasse.

—Não chores menina, lhe dizia ella, conta-me o que é que te succedeu.

—Trata-me pelo meu nome, chama-me Jessica como dizia minha mãe.—E ao lembrar-se outra vez de sua mãe, a rapariga vertia ainda mais abundantes lagrimas.

—Então Jessica, não me dizes o que tens? proseguiu Rosalia, pondo a mão sobre o seu braço.

A rapariga enxugou os olhos e depois de ter socegado mais, começou a sua historia n'estes termos:

—Minha mãe é tão boa, é a lembrança d'ella que me faz assim chorar!

—Então a tua mãe não pertence tambem ao Circo?

— Isso sim! — exclamou a rapariga, e um sorriso ainda que triste se lhe divisou nos lábios. — Se conhecesses minha mãe, não terias decerto feito essa pergunta! Ella mora n'uma aldeia muito distante d'aqui, e eu estou agora em caminho para ir ter com ella, isto é, se não me faltar a coragem, porque parece-me que não terei animo bastante para lhe apparecer.

— Porque? lhe perguntou Rosalia, tens medo de tua mãe?

— Não, não tenho medo d'ella mas tenho sido tão má, que me envergonho agora de lhe apparecer. Ella ignora o sitio onde presentemente me acho. E' provavel que desde que eu fugi ella nunca mais tenha dormido.

— E quando fugiste tu?

— Ha de fazer agora tres semanas, mas teem-me parecido tres mezes. Poucas noites tenho dormido, desde que entrei n'esta desgraçada vida; passo-as sempre banhada em pranto.

— E o que te levou a saires de casa?

— Foi o Circo. Tinha chegado a uma villa, proxima á nossa, esta companhia de Circo, e todas as raparigas da terra foram vêr essa gente trabalhar, porém minha mãe não consentiu que eu fosse.

— E porque?

— Porque disse ella que sempre havia n'aquellas occasiões uma grande concorrência de gente, e alguma de muito má catadura, e que seria melhor eu lá não ir.

— E foste ainda assim? perguntou Rosalia.

— N'aquelle dia não fui, mas á noite quando chegaram as raparigas minhas amigas, contaram-me maravilhas de tudo quanto tinham visto, e quando me disseram que os homens da companhia estavam todos vestidos de uma maneira tão brilhante, e que as senhoras trajavam vestidos de oiro e de prata, chorei desapontada por ter ficado em casa. Disseram-me ~~tambem~~ que só se demoravam ainda mais um dia, e depois que se retiravam.

Antes de me deitar n'aquelle noite resolvi definitivamente que no dia seguinte, dêsse lá por onde dêsse, eu tambem os havia de vêr.

— E tua mãe deu-te licença para lá ires?

— Qual licença! eu sabia já que era escusado pedir-lhe; e por isso deliberei sair furtivamente sem ninguem dar por isso. Aconteceu que n'esse dia vieram chamar minha mãe para ir ter com uma tia minha que estava muito doente; aproveitei a occasião d'ella sair para satisfazer o meu desejo, e menti-lhe porque fiz o contrario do que havia promettido, continuou a rapariga, e as lagrimas e os soluços rebentaram de novo. Toma muito sentido na Margaridinha e no bébé, emquanto eu estiver fóra, minha Jessica, disse minha mãe, para que lhes não aconteça mal algum? Sim?

— Vá socegada, minha mãe, lhe respondi eu, mas o sangue subiu-me todo ao rosto, e tive de voltar-me para lhe não dar a conhecer a minha perturbação.

Ella porém nada tinha percebido, beijou-me, despediu-se dos pequenitos e saiu. Fiquei á porta até ella se perder de vista, e depois entrei, vesti o meu fato melhor e tambem sahi, mas em direcção á villa onde havia o Circo.

— E o que fizeste de Margarida e do bébé, levaste-os tambem?

— Não, pois isso é que foi o peor, deixei-os sósinhos, deitei o pequeno no berço, disse á irmã que tomasse conta n'elle, empurrei a mesa para defronte da lareira, fechei a porta por fóra e puz a chave no peitoril da janella. Julguei que só me haveria de demorar meia hora.

— E quanto tempo estiveste por lá?

— Quando cheguei á villa passava justamente em cortejo pelas ruas toda a companhia equestre, não pude resistir á tentação de ir vel-os trabalhar e entrei no Circo. Acabada que foi a funcção, reparei então que no relógio da villa já tinham dado as cinco da tarde. A'quellas horas já minha mãe deveria ter voltado, pensei no que ella me diria por ter deixado sós os meus irmãos, e envergonhei-me de apparecer-lhe em casa. Puz-me a passeiar em volta do Circo, e parei para vêr mais de perto os carros dourados que ali estavam em exposição ao publico. Emquanto ainda os examinava chegou-se para mim um velhinho

que me perguntou, que tal eu tinha achado o Circo. Respondi-lhe que tudo me tinha parecido esplendido, e que tinha gostado muito das senhoras trajando oiro e prata que iam sentadas nos carros que nós estávamos vendo.

— Então o que lhe captivou mais a imaginação foram os vestidos d'ellas? Gostava tambem de ter para si outros eguaes?

— Muito! disse eu, olhando com menospreso para o meu fato domingueiro, que ainda havia pouco me tinha parecido tão bom.

— Pois bem, continuou o velho, um tanto mysterioso, não quero dar-lhe a certeza, mas talvez eu encontre meios de poder satisfazer os seus desejos, queira esperar-me aqui um bocadinho, eu volto já.

Fiquei então só e toda tremula, sem saber bem que partido tomar.

Voltou o velho afinal, e disse-me que o seguisse. Entrei com elle n'um quarto onde estava uma senhora muito bem vestida, pelo menos assim me pareceu, e a qual me perguntou se eu queria escripturar-me no Circo e andar tambem em carros sumptuosos. Respondi-lhe que achava gloriosa a vida que ella me offerecia, e que acceitava a sua proposta. Era tal a exaltação em que eu me achava, que nem pensava bem n'aquillo que me propunham. Estava tão ufana como se me houvessem conferido as honras de uma rainha. Afastei para longe de mim todas as recordações tristes e os remorsos, e só á noite depois de deitada, é que tornei a pensar em minha mãe, e chorei então amargamente, apesar de que, havendo no mesmo quarto mais seis ou sete raparigas, e não querendo dar parte de fracca, metti a cabeça debaixo da roupa da cama. No dia seguinte partimos em direcção para outra terra, e ainda que extenuada da fadiga e do canção da jornada, apenas lá chegámos construíram de novo o circo e andámos em procissão de um lado para o outro.

— E d'isso gostavas? perguntou Rosalia.

— Nada. Era bem differente a realidade do quadro rissonho que a minha imaginação havia formado. Fazia muito frio, e eu trazia um vestido de cambraia muito leve, e

depois era tal a altura do carro, e as tonturas que eu sentia que julguei a cada instante cair. Além d'isso tratavam-me todos muito mal; e quanto mais eu chorava constricta e arrependida de ter fugido a minha mãe, tanto mais as minhas companheiras se riam de mim, chacoteando alegremente entre si. Segundo o que ellas diziam, não me parecia eu nada com a minha predecessora, que era uma rapariga folgazã, que só as deixou porque ia casar-se; dando isto logar a que estivessem procurando alguém que podesse substituil-a na occasião mesmo em que toparam casualmente comigo, e não foram tanto os meus modos, diziam ellas, como a minha cara que lhes agradou, e como n'ella agora transluzisse a tristeza e o desgosto que me ia n'alma, estavam continuadamente a contender comigo e a ralhar-me. As demais raparigas tambem andavam sempre á bulha, e mesmo depois de deitadas, alta noite continuavam gritando umas com as outras. Por fim decidi-me a fugir-lhes. Já não me importava que se zangassem; não queria mais aquella vida por quanto dinheiro me dêssem; estava farta, achava-me cançada e doente, e já eram muitas as saudades que eu tinha da minha familia.

Uma noite enquanto todos dormiam, sahi da caravana com todo o cuidado, e desde então ainda não cessei de andar. Trazia comigo um pouco de alimento, mas isso já se foi; e não sei agora como hei de chegar a casa de minha mãe.

— Pobre Jessica! tornou a menina condoida.

— E o que me não dirá minha mãe, quando eu por fim lá chegar! tenho a certeza de que ella me não ha de ralhar — mas eu antes o queria; não posso vêr chorar minha mãe.

— Mas ella vae ficar muito contente por tornar a abraçar-te, disse Rosalia. — Eu nem sei o que a minha querida mãesinha faria se eu lhe fugisse!

— O que me tem dado mais cuidado, todo este tempo, tem sido a lembrança de que deixei a sós aquellas creancinhas; oxalá lhes não tivesse acontecido algum mal! quantas vezes me não tenho accusado a mim mesma da grande imprudencia que commetti, em deixal-as!

Depois, como se estivesse completamente exausta, Jessica encostou a cabeça, e d'ahi a pouco estava immersa em somno profundo. Rosalia foi de novo encostar-se ao leito de sua mãe. Não se ouvia outro ruído senão o sussurro do vento por entre as folhas resequidas dos negros abetos; mas, a menina já havia perdido todo o medo, e não sentia mais a solidão. Pouco tardou que não fosse acometida do somno, cerraram-se-lhe insensivelmente as palpebras, e esqueceram-lhe as magoas todas n'um dormir reparador.

## CAPITULO XI

### ● sonho da mãe

Quando Rosalia acordou, a mãe estava sentada na cama, e tinha os olhos fitos n'ella. Com uma das mãos comprimia um lado; parecia soffrer muito, e a respiração tornara-se-lhe difficil. A vella estava a acabar-se, e a luz tibia da manhã penetrava já no interior da caravana. Jessica ainda dormia no canto, com a cabeça encostada á parede.

—Rosalia, murmurou apressadamente a enferma, diz-me aonde estamos nós, e quem é aquella rapariga?

—Aquella rapariga é a que nós vimos sentada no carro dourado, fazendo parte da companhia do circo; fugiu porque estava já desgostosa d'aquelle modo de viver.—E Rosalia em seguida contou a sua mãe, a triste historia que a sua hospede ainda ha pouco lhe tinha acabado de referir.

—Coitada! coitada! exclamava a doente, fizeste muito bem em lhe abrires a porta, minha filha, olha; dá-lhe um bom almoço e insiste para que ella coma. Tem muito juizo em voltar para a sua mãe, é a melhor coisa que ella pôde fazer. Ella estará a dormir, minha Rosinha?

—Está sim, querida mãe, adormeceu muito antes de mim.

—Julgas que se cantares um hymno, ella pôde accordar?

—Nada, não minha mãe, parece-me que dorme bem profundamente, e se quizer cantarei baixo.

—Pois sim, quero tornar a ouvir c teu hymno costumado. Toda a noite tive a musica d'elle na cabeça; cantam'o lá, minha filha.—E Rosalia cantou o seu hymno favorito.

A sua voz era pura e dôce, apesar de pouco forte; ella tinha muito bom ouvido, porque um hymno que ouvisse cantar uma vez, nunca mais lhe esquecia. Quando Rosalia acabou de cantar, Jessica voltou-se e abriu os olhos com um tal sorriso nos labios, como se accordasse a meio de um agradável sonho. Depois reparando no logar onde estava vendo a mulher doente e a creança, lembrou-se do acontecimento da vespera, e começou de novo a chorar.

—Que tens? perguntou-lhe a menina correndo para ella, e lançando-lhe os braços em volta do pescoço; o que tens, estavas a pensar em tua mãe?

—Não, eu estava a sonhar!

—Pergunta-lhe o que foi que ella sonhou, interrompeu a mãe, dirigindo-se a Rosalia.

—Sonhei que estava em casa de minha mãe, era n'um domingo, e que estavamos na classe da Biblia, cantando o hymno com que sempre começamos. Estava ainda a cantal-o quando accordei, e choro agora porque vejo que era um sonho.—Talvez fosse por eu estar a cantar que sonhas-te isso, disse Rosalia.

—Estive cantando, a pedido de minha mãe.

—Ai então foi de certo isso! O que estavas tu a cantar? Tornas a cantal-o para eu tambem te ouvir?

E a menina obedecendo a este pedido tornou a cantar o primeiro verso do seu hymno, mas com grande surpresa d'ella e de sua mãe, não tinha ainda acabado, quando Jessica levantando-se lhe agarrou vivamente na mão.

—Quem te ensinou isso? perguntou ella agitada. E' exactamente o que eu em sonhos tambem agora mesmo acabo de cantar!

—Tenho-o eu impresso n'um cartão:—e a menina assim dizendo, tirou-o da parede e foi-lh'ò mostrar.

—É como o meu exactamente! mas quem t'ò deu? Até a côr e as fitas são eguaes. De onde te veiu isto?

—Deu-m'o uma boa mulher com quem fallámos em certa villa, onde estivemos detidas meia hora, e que se pôz á porta da sua cabana entoando estes versos.

—Não foi de certo senão na minha terra! Não me parece que hajam d'estes cartões em mais parte alguma! Dá-me signaes d'essa tal mulher?

—Era ainda nova e de rosto agradável; tinha comsigo um pequenito de cerca de dois annos, que se entretinha brincando com uma bola adiante da casa. A mãe tratounos com muita bondade, veio dar-nos pão e leite.

—É a sr.<sup>a</sup> Barbara, não pôde deixar de ser; ella mora mesmo pertinho de nós; a nossa casa é só um pouco mais adiante, e ella costuma emquanto trabalha, estar sempre cantando. E pensar eu que já estiveram na minha terra! Ó quem dera que tivessem visto a minha mãe!

—Conheceu lá uma certa sr.<sup>a</sup> Leal? perguntou a doente, erguendo-se na cama.

—Ora se conheço, é a mulher do nosso ministro, é uma excellente senhora; eu, e outras minhas companheiras iam todos os domingos de tarde a sua casa, para recebermos instrucção religiosa. Conhece-a? perguntou ella dirigindo-se para a doente.

—Conheci-a ha muitos annos, mas já ha bastante tempo que eu a não vejo.

Rosalia aproximou-se de sua mãe, e affagou lhe com ternura uma das mãos; sabia que a lembrança da irmã lhe havia de avivar tristes recordações do passado. A doente porém não mostrava signal algum da mais leve perturbação, estava immovel, e com os olhos meio cerrados e fitos em Jessica, parecia alegrar-se de ter ao pé de si alguém que tivesse conhecido a sua querida irmã Luzia.

Perto das seis horas, assomou Tobias á porta da caravana, e depois de se ter informado do estado de saude da doente, perguntou-lhe se tudo estava disposto para continuarem na marcha. Surprehendeu-se de vêr na caravana uma pessoa desconhecida. Rosalia porém, tratou logo de o pôr ao facto de como ella havia ali chegado, perguntando-lhe ao mesmo tempo se ainda lhe faltava muito para chegar ao seu destino, e qual a direcção que ella deveria to-

mar. Tobias que era bom conhecedor dos caminhos todos n'aquelles arredores, assegurou-lhe que o melhor seria ella ir junta com elles na caravana, porque na distancia de dez milhas o caminho ainda seria o mesmo, e assim Jessica adiantaria terreno. Mostrou-se a rapariga muito reconhecida e satisfeita por esta vantagem, e esmerou-se durante a manhã toda, em cuidar da pobre doente que ardia em febre, e sem poder dormir voltava-se em delirio de um lado para o outro, ora proferindo phrases soltas que Rosalia mal podia comprehender, ora fallando incoherentemente na mãe e na irmã. Tinha tambem intervallos de perfeita lucidez em que repetia e tornava a repetir as palavras do hymno, ou pedia a Rosalia que lhe tornasse a lêr a historia do *Bom pastor* e da *ovelha desgarrada*.

Depois da menina ter acabado, voltou-se a mãe para Jessica, e disse-lhe mui seriamente :

—Jessica, pede ao Bom pastor que venha agora em tua procura, olha que nunca terás motivo para te arrependes d'isto.

—Sou tão má, disse a rapariga chorando. Quantas vezes não me exhortavam minha mãe e a sr.<sup>a</sup> Leal, e afinal cahi eu em fazer isto ! Nem ousa agora pedir ao Bom pastor que venha procurar-me.

—E porque ? tornou a doente, porque lhe não has de pedir ?

—Porque de certo já nada de mim quer saber:—e chorava com o rosto occulto entre as mãos.—Oxalá eu tivesse ido ter com Elle n'aquelle domingo !

—Qual domingo ? perguntou Rosalia.

—O ultimo antes de fugir de minha casa. A sr.<sup>a</sup> Leal tinha fallado muito comnosco, e tudo sobre a nossa vinda a Jesus. Perguntou-nos se lhe tinhamos pedido que nos perdoasse os nossos peccados, e disse: «Se ainda não viestes ter com Elle, vinde hoje.» E aquellas que ainda o não conheciam, exhortou-as a que fossem para casa, que ajoelhassem nos seus quartos, e pedissem n'aquelle mesmo domingo á tarde a Jesus que lhes perdoasse. Eu que entrava no numero d'estas ultimas, deliberei fazer o que nos aconselhava a nossa boa mentôra, mas

apenas saímos, começámos logo todas a rir, e a fazer comentarios sobre o chapéu d'uma, a capa d'outra, das que tinham assistido á classe. Quando cheguei a casa não pensei mais em vir a Jesus, nem nunca fui realmente a Elle; e oh! quanto agora o lamento.

—Mas ainda é tempo, acudiu a mãe de Rosalia.

—E' escusado, tornou a rapariga tristemente; se eu antes visse alguma esperança, se eu julgasse que Elle me havia de perdoar, percorria duas vezes a distancia que me separa de minha casa!

—Elle vae em busca da ovelha que perdeu até que a ache, tornou a doente. Tambem te desgarraste, e andas perdida do rebanho de Deus, Jessica?

—Sim, estou certa que sim.

—Então deixa estar que Elle irá em tua procura, continuou a mãe de Rosalia.

Por fim chegaram a um ponto onde se encruzavam quatro caminhos, e Jessica acompanhada por Tobias dispoz-se a partir. A mãe e a filha no entretanto conversavam juntas baixinho. Deliberavam repartir com a rapariga o donativo generoso da mãe pequena.—«Has-de precisar de dinheiro antes de chegares ao termo da tua jornada,» lhe disse a doente, á despedida, «toma lá esta modesta quantia, e vae direitinha aos braços de tua mãe. Olha que ninguém mais te quer como ella! E quando vires a Sr.<sup>a</sup> Leal conta-lhe que encontraste n'uma caravana, uma pobre mulher chamada Leonor que a conheceu ha já bastante tempo. Dize-lhe tambem que lhe mando muitas lembranças, e que pouco tempo já tenho a viver, mas que o Bom Pastor me procurou e me achou, e que não receio agora morrer. Não te esqueças, não?»

—O recado será entregue, respondeu Jessica.—A pobre rapariga despediu-se d'ellas com bastante pesar, beijou repetidamente a mãe e a filha, e enquanto descia a estrada voltava-se de vez em quando para lhes acenar com o lenço, até que finalmente perdeu de vista a caravana.

—Vês tu minha filha, aquellas raparigas nada sabiam.

—Nada sabiam de que, minha mãesinha?

—Da vida de Jessica. Lembras-te do que ellas diziam

quando passava a companhia do Circo? Chegaram a invejar a sorte d'aquellas mulheres infelizes, e a julgar-as muito alegres e satisfeitas.

—É verdade! tornou a menina, bem pouco sabiam ellas do que era aquella vida e como Jessica se achava ali infeliz.

—Assim me enganei eu tambem quando primeiro encontrei esta carreira, Rosalia, mas depois, como foi diferente a minha triste experiencia da vida atraz dos bastidores! E tal é a realidade quando ella se chega a conhecer, minha queridinha; o mundo não é mais do que um composto de crueis desapontamentos e de esperanças baldadas!

Era um domingo o dia seguinte, dia tão ameno e tão cheio de solemnidade, que até o mesmo ar parecia participar da tranquillidade e socego pertencentes a elle. As creanças todas vestidas com os seus fatos domingueiros, dirigiam-se para a escola dominical quando a caravana se poz de novo em andamento. A quietação e silencio do domingo pareceram trazer á doente o repouso de que ella tanto precisava, e adormeceu. Foi largo e profundo o seu dormir: quando acordou decorridas horas, já descançada chamou para junto de si a filhinha, e disse-lhe:

—Não imaginas, querida Rosalia, o lindo sonho que tive!

—Então que sonho foi, minha mãe?

—Imaginei que via o céu por entre as grades dos portões de ouro; e que a gente da cidade celeste, toda vestida de branco, passeiava pelas ruas: de repente appareceu um que os chamou a todos, e tomando logo a mesma direcção de commum accordo, como se lhe houvessem dado alguma boa noticia, entoaram um hymno bello e cheio de alegria. A um que passava perto de mim, radiante de contentamento e de jubilo, lhe perguntei porque se apressava a ajuntar-se aos demais, e o que havia succedido de novo?

—E que lhe disse elle minha mãe?

—Respondeu me:— «E' o Bom Pastor que nos chama; quer que nós nos alegremos com Elle; acaba de achar uma ovelha que anda desde muito procurando.» Em seguida continuaram a cantar e eu não sei bem porque, mas

pareceu-me que aquelle jubilo era por *mim*, e que era *eu* a ovelha que tinham estado a procurar. Foi tal o contentamento que então senti, que estremeci de alegria e acordei! E ai! minha Rosalia, conheço agora que foi verdade o meu sonho, porque tenho pedido tanto e tanto a Deus que me procure; e estou convencida de que assim o tem feito mesmo antes de eu lh'o pedir.

—Quanto estou contente minha mãe, minha querida mãesinha!

E por aqui terminou a conversa: mas a mãe encostada para traz nas almofadas, segurava entre as suas as mãos de Rosalia, e de vez em quando sorria como se ainda lhe soassem aos ouvidos a musica dos canticos celestiaes e a voz do bom pastor, que dizia:—«Alegrae-vos comigo porque achei a minha ovelha que se havia perdido.»

Em seguida atravessaram outra villa onde os sinos da igreja tocavam para chamar os fieis para a oração da tarde. A doente poz-se a escutal-os com attenção e disse tristemente:

—Nunca mais tornarei a entrar n'uma igreja, Rosalia.

—Ah minha mãesinha, minha querida mãesinha, não me falle assim! Quando estiver melhor havemos de ir juntas á oração. Iremos sentar-nos nos bancos de traz, onde ninguém nos poderá vêr.

—E' escusado Rosalia, desengana-te minha filha; tu sim, poderás lá ir muitas vezes, mas eu é que já não entrarei mais n'uma igreja.

—Mas, porque não, minha mãe?

—Não sabes que te vou deixar minha filha? que dentro de pouco tempo não terás mãe? — e dizendo isto apertava-a contra o seio n'um paroxismo de dôr.

Rosalia com a cara escondida na almofada da mãe, soluçava amargamente.

—Oh minha mãe, não me diga isso, minha mãesinha querida!—não me diga isso!

—Mas se esta é a verdade e é mister que tu a conheças Rosalinhã! Olha, a minha morte não te venha surpreender. Vamos não chores mais queridinha; não chores tanto, quero dizer-te uma cousa em quanto ainda posso fallar.

E como a creança continuasse sempre a chorar, lavada em pranto, affagava-lhe com ternura o cabello, que mais não lhe permittia o seu estado de fraqueza e prostração.

—E agora meu amor, proseguiu ella, depois de ter conseguido tranquillisal-a um pouco, estás disposta a dares-me attenção?—Rosalia só poude apertar-lhe a mão em signal affirmativo, e a mãe acceitou esta resposta.—Não tenhas pena de tua mãe, minha filha; o Bom Pastor achou-me, e eu parto para vel-o; vou-lhe agradecer o seu cuidado constante; não chores por mim, queridinha. Quero tambem dizer-te o que has-de fazer depois da minha morte. Pedi a teu pae que te deixasse sahír da caravana, e ir viver para alguma aldeia socegada, mas elle não quiz annuir aos meus rogos, e diz que não pôde passar sem ti, meu amor. Portanto Rosalia, conserva-te sempre uma memina muito socegada. Quando ficares a sós na caravana, entretém-te com a leitura do teu pequeno Testamento, não vás passeiar para a feira. Tenho estado a pedir ao Bom Pastor que tome sempre em ti muito cuidado, lembrei-lhe que dentro em pouco já não terias mãe, nem ninguem que olhasse por ti, e pedi-lhe que te levasse no seu seio, e que nunca te abandonasse; e estou agora consolada Rosalia, o Senhor é bom, parece-me que não te deixará, nem nunca te acontecerá mal algum. Todavia pede-lhe todos os dias isto mesmo minha filha; promette-me, promette a tua mãe Rosalia, não te esqueceres de dirigir a *Elle diariamente* as tuas supplicas; dize lá que promettes,

—Prometto, sim, minha mãe, prometto, respondeu a creança.

—Se tiveres algum dia ensejo de ires ter com a tua tia Luzia, entrega-lhe a carta que está onde sabes, e dizelhe querida, que espero algum dia enconral-a na cidade do meu sonho. Teria já renunciado a esperanza de a tornar a encontrar se não fôra o amor do Bom Pastor; mas teve tanto trabalho para achar-me, sem todavia desistir nunca das suas pesquisas, que por fim conseguiu pôr-me aos hombros, e levar-me para o aprisco. Já estou muito cansada, Rosalia, mas tenho ainda tantas recommendações a fazer-te! Olha não mostres nunca a teu pae o desejo de

ires para casa de tua tia Luzia, elle nunca annuiria a esse plano, e se lhe chegar ao conhecimento a morada d'ella, não se fartará de escrever-lhe pedindo-lhe dinheiro. Mas se acontecer passares per aquella terra outra vez, corre lá n'um instantinho e entrega a carta tu mesma a minha irmã. Também não sei se este será o melhor expediente, continuou com tristeza a doente, todavia Deus de certo te proporcionará os meios. Tenho quasi a certeza de que algum dia has-de vir a encontrar a tua tia. Mas estou tão cançada, minha querida filhinha, já me vae custando tanto a fallar. Dá-me um beijo, meu amor.—E a pobre Rosalia, a quem uma aguda dôr acabava de ferir, levantou tristemente o rosto juvenil mas descórado e beijou apaixonadamente sua mãe.

—Se me cantasses o teu hymno filhinha!

Quiz a menina acceder a este pedido, e tentou cantar; mas a voz embargou-se-lhe na garganta e findo o primeiro verso rompeu n'uma torrente de lagrimas. A pobre mãe debalde procurava socegal-a; estava tão fraca e exhausta que só poude affagar-lhe os cabellos em desalinho, e segredar-lhe ao ouvido palavras carinhosas.

Eram bem pezarosos os pensamentos da pobre Rosalia sentada ao lado do leito de sua mãe. Que ella estava muito doente, já havia tempos o sabia e algumas vezes até havia pensado no futuro com receio, porém até ali não havia nunca expressado a outrem os seus receios mais intimos, e só então conheceu que o seu doloroso presentimento era uma triste realidade. «Dentro de uma semana tu já não terás mãe,» e ella propria, a sua querida mãe lh'o havia dito. E sem ella o que havia de Rosalia fazer? Tinha pae, mas era como se o não tivesse, porque elle nunca lhe tinha dispensado nem affeição, nem cuidados. Mas sua mãe, —sua mãe houvera sido sempre e seu tudo desde o dia em que nascera. Nem podia imaginar o que o mundo seria para ella sem a sua querida mãe. Depois d'ella morta o que lhe restaria na terra dos viventes? Ninguem a quem ella fallasse, ninguem que d'ella cuidasse, ninguem que lhe dedicasse amor!

## CAPITULO XII

**Uma ovelhinha triste**

Era um domingo á tarde quando a caravana chegou ao termo da sua jornada.

Esta praia de banhos onde devia ter logar a feira era um local muito concorrido pelos banhistas, e apenas lá chegaram, Augusto veiu-lhes ao encontro e indicou-lhes o ponto de paragem, n'um sitio perto do mar, afastado das barracas e dos vendilhões, e onde Rosalia toda a noite, emquanto velava ao lado de sua mãe, ouviu incessantemente o rugir das vagas, que se iam despedaçar de encontro aos rochedos.

Logo que amanheceu, a menina vendo que sua mãe dormia socegradamente, abriu de mansinho a porta, e partiu n'um passeio de exploração. A gente das differentes barracas ainda estava toda recolhida, e Rosalia depois de ter vagueado algum tempo por entre os recifes, e ter contemplado os botes de pesca que saiam alegremente tripulados, voltou tristemente para a caravana silenciosa e achou a doente já acordada, mas muito abatida e n'um estado de fraqueza extrema. Durante o dia todo raras vezes fallou, e apezar dos pedidos sollicitos da filhinha, nada mais quiz tomar do que alguns golos de agua. A vida fugia-lhe rapida e a morte aproximava-se.

Rosalia, com os olhos abertos finalmente á verdade, conheceu que estava junto de sua mãe moribunda! Moribunda, ella, a sua querida mãe! Sim, já tinha chegado a esse ponto; a expressão singular do rosto e a sombra que sobre ella pairava o vinham attestar! E como havia ella de abandonar n'este transe! Como poderia Rosalia desprender das suas a mão que tão seguramente apertava as d'ella, emquanto os olhos supplicantes de sua mãe a fitavam cheios de angustia e de amor, parecendo pedir-lhe que a não deixasse, que a não abandonasse um instante, pois que tão escasso o tempo já se tornava.

Mas por outro lado tambem não ousava demorar-se. Era

n'esta feira que se tinham firmado as esperanças todas do pae durante o anno inteiro, e d'ella tinha a certeza de colher grandes lucros. Não lhe tinha dito n'aquella noite mesmo, que se ella ali tornasse a perder-se no seu papel, como o havia feito a ultima vez que tinha representado, elle nunca na sua vida lh'o haveria de perdoar? Pobre menina, nem o perigo de sua mãe lhe serviria de desculpa. O pae era cruel, a nada attendia, seria mister Rosalia cumprir o seu mandado, seria mister deixar sua mãe, aquelle ente querido, n'um leito de morte! Demorou a sua ida emquanto demorar-se poude, e á ultima hora enfiou o vestidinho branco e sentou-se no leito da mãe. Pegou-lhe na mão, e acariciou-a com ternura. Como estava humida e regelada! N'um abandono de dôr uniu o rosto banhado de pranto, ao rosto extenuado da mãe, que dizia:

—Ai minha filha, minha pobre filha, e é preciso que tu me deixes, vaes deixar-me.

—Minha mãe, minha querida mãe, quanto me custa! custa-me tanto, ai, tanto!

—Não chores Rosalia, não chores meu cordeirinho, é forçoso obedeceres. Levanta-me um pouco, minha filha.—E a creança arranjou-lhe as almofadas commodamente e com ternura. —Vou-me aproximando das aguas profundas: já oiço o murmurio d'ellas, estou perto do rio da morte, Rosalia, terei de o atravessar, mas nada temo; o Bom pastor leva-me aos hombros, e visto que tão fraca estou, Elle que é bondoso levar-me-ha até á margem opposta. Depois de dizer isto com grande difficuldade, a cabeça da moribunda cahiu para traz.

Rosalia nada dizia, beijava a mão regelada d'aquella mãe tão querida e as lagrimas cahiam-lhe silenciosas. Depois, ouviu-se a voz do pae que a chamava, recommendando-lhe que se apressasse e que entrasse para o theatro. Rosalia lançou um olhar de ternura a sua mãe, e banhada em pranto, desenlaçou dos seus, os dedos da moribunda; sufocando no peito os soluços que a despedaçavam, fechou a porta, e deixou-a, deixou-a só!

O que n'aquella noite aconteceu no theatro nunca Rosalia o soube contar; dir-se-hia que para ella tudo aquillo foi

um sonho horrivel, em que apenas proferia palavras e se movia automaticamente no palco diante dos espectadores. Seus olhos só viam o rosto desfigurado da mãe, e sentia ainda o seu derradeiro aperto de mão. Todavia dançava e cantava, havia até muitos d'entre aquella turba de gente que a julgaram invejavel e ditosa, e que teriam de bom grado trocado a sua occupação pelo modo de vida d'essa pobre creança. Oh, mal sabiam elles quanto n'aquelle momento ella soffria; longe estavam de conceber as profundas angustias que dilaceravam aquelle pequeno coração! E as scenas que se passavam por detraz dos bastidores lhes eram todas desconhecidas, viviam ignorando as existencias penosas que abi de dia para dia se arrastavam em miseria.

Levada pelo excesso da sua dôr, Rosalia, apenas viu cahir o panno pela primeira vez, saiu furtivamente do theatro, encaminhou-se apressada para a caravana, caminhando por entre o povo agglomerado, que lhe abriu passagem, olhando admirado para a carreira desenfreada que a menina levava.

Ainda não estava morta sua mãe; quão grande foi o prazer de Rosalia! Todavia a moribunda pareceu não dar por ella, e estava respirando com grande difficuldade. Rosalia curvou-se sobre o seu leito, beijou-a, acariciou-a, e tão apressada como tinha vindo, voltou para o theatro, chegando na propria occasião, em que seu pae perguntava por ella.

A horas mortas da noite tornou a entrar na caravana, onde reinava um silencio profundo. Sua mãe dormia socegada, já se não ouvia a respiração irregular e abafada, e a menina em cujo espirito se incutiam novas esperanças, decidiu que estava melhor a doente. «Morta, não está,» pensava ella, «as mãos ainda estão quentes, e descança tão tranquillã!» Pobre creança! mal sabia que n'aquelle momento mesmo já não tinha mãe!

O corpinho fatigado doia-lhe de canção, e cedendo à somnolencia que a accomettera depois de tantas e tão diversas agitações, adormeceu, sentada n'uma cadeira junto ao leito. Quando acordou estava tudo em completa obscu-

ridade, mas apalpando a mão de sua mãe, recuou sobresaltada. Estava fria de gelo. Não havia duvida, nem Rosalia poude mais duvidar, estava morta sua mãe. Tomada de tanto pavor, quasi não chegava a avaliar a extensão da sua dôr, abriu ás apalpadellas a porta da caravana, e tremula de frio e susto, saiu para dar parte do succedido a seu pae. Augusto e o resto dos homens da companhia, dormiam estendidos no chão do theatro, e tão profundamente, que apezar dos brados continuados de Rosalia, pareciam não ouvil-a. Bateu, fartou-se de bater contra o madeiro das paredes, mas vendo que tudo era debalde, voltou só, e cheia de frio para a caravana isolada.

Depois, como cedendo á attracção irresistivel, correu ao leito e abraçando a morta, rompeu n'um grito dilacerante que profundamente expressava a sua dôr e angustia.

As suas magoas todas porém, já não poderam tornar a mãesinha á vida; a sua alma que tanto padecera já tinha voado para uma região bem distante, onde nunca se ouve o pranto. O Bom pastor tinha-a ajudado a passar o rio a salvo, e emquanto Rosinha chorava no quarto tão escuro, estava-a recebendo na mansão dos céus; e repetia ainda, em tom mais alegre do que d'antes, estas palavras jubilosas de saudação: «Alegrae-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido!» Assim Rosalia, a pobre Rosalia ficou desamparada, e orplã de mãe! Esquecer-se-hia o Bom pastor d'ella, entregue tão desoladamente á sua tristeza? E deixal-a-hia Elle immersa em profunda magoa e tão só? Não teria para offerecer-lhe consolação nenhuma, para golpe tão acerbo? Nem benção nem cuidado que dispenser sobre aquella pobre ovelhinha que a adversidade viera tão cedo ferir? Ai sim, bem sabia ella que quanto mais negra a cerração, tanto mais o Deus misericordioso se approxima dos seus; e quanto mais solitarias estão as ovelhinhas, tanto mais carinhosamente Elle lhes prodigalisa os seus affagos e o seu amor, emquanto lhes segreda aos ouvidos, palavras de animo e de consolação suprema. Por isso a menina, abraçada a um cadaver, sentia-se acompanhada e feliz. Sabia que ainda havia alguém que a amava, e que lhe queria, muito e muito. Por intuição ditosa re-

pousava nos braços do Bom pastor, e Este, mais ternamente do que sua mãe, a apertava ao seio, cumprindo assim aquellas graciosas palavras tão cheias de amor: «Elle apascentará como pastor o seu rebanho: ajuntará pela força do seu braço os cordeiros, e os tomará no seu seio.»

ISAIAS XL. 11. †

## CAPITULO XIII

### A feira da vaidade

—Posso fallar-lhe menina Rosalia? dizia Tobias no dia precedente ao enterro.

—Pois não, entra Tobias, tornou tristemente a creança.

—Menina Rosalia, queria dar-lhe uma coisa, mas ha de prometter me que não se offende, sim? Olhe, trouxe-lhe isto.

E mettendo as mãos nos bolsos depois de muito procurar, e de muito remecher, tirou das profundidades d'um d'elles um leuço vermelho muito grande atado pelas quatro pontas. Em seguida desatou os nós, e tirou de dentro muito cuidadosamente, um pequeno envolucro que depoz no regaço de Rosalia.

—Ha de desculpar a minha ousadia, menina, mas como ninguem fallou em trazer-lhe alguma coisa preta, eu lembrei-me trazer-lhe estas coisinhas para a minha menina levar amanhã ao enterro.

E sem dar tempo a que esta lhe agradecesse, saiu pela porta fóra. Quando Rosalia desenrolou o embrulho achou um bocado de fita preta larga, e um lencinho de seda. Era o melhor que Tobias lhe tinha podido arranjar. As lagrimas caíam novamente dos olhos da pobre creança, emquanto ella punha a fita no chapéu e preparava tudo mais para o dia seguinte. A companhia toda do theatro, acompanhou á sepultura o feretro da mulher de Augusto; poucos havia d'entre elles que não se commovessem ao ver o rosto triste esolemne de Rosalia, que silenciosa caminhava ao lado de seu pae. Este conservou a mesma expressão fria e indifferente durante todo o serviço; e não mostrou pelo

menor movimento a mais leve commoção. Se o remorso, durante aquelles dias, lhe tinha vindo ferir o coração, Augusto tinha conseguido apagal-o. A voz da consciencia, que o chamára ao arrependimento, calcou-a elle aos pés, abafou-a, extinguiu-a. Tinha o espirito calejado pelas paixões ruins e o coração empedernido pelo negrume dos vicios. Aos brados admoestadores do espirito de Deus tinha elle resistido, e a consciencia d'este impenitente tinha se tornado insensivel. E a filhinha, quando voltavam para casa, separou-se um pouco do cortejo, e deixou se ficar atraz; pesava-lhe a desolação, guardava silencio e não chorava, mas vinha muito triste, pobre creança, se ella já não tinha mãe!

E Tobias? Coitado, no rosto franco e leal d'esse, patenteava-se bem claramente, a dôr que elle sinceramente sentia. Caminhava ao lado de Rosalia, e como testemunho de respeito para com a filhinha do seu patrão, trazia gravata preta, e no chapéu uma banda estreita de fumo. Tal prova delicada de sympathia, compenetrou vivamente Rosalia, e aquelle indicio de lucto fez-lhe rebentar o pranto em abundancia. Depois de muito chorar sentiu um pouco alliviado o seu opprimido coração; ella sentia como se o canto dos anjos ainda não tivesse acabado, como se elles ainda estivessem cantando de alegria sobre a alma de sua mãe, e como se o Senhor, o Bom Pastor, estivesse dizendo: «Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que havia perdido.» E em seguida pensou na mãe, e no lugar onde ella estava passando aquella noite.

Rosalia tinha estado a ler de tarde antes de se vestir para o spectaculo. Pensou nas ruas de oiro em que sua mãe passeiava, oiro puro, não como o brocatel e o doirado do theatro; pensou no vestido branco que a mãe tinha agora vestido, tão differente do seu roupõesinho amarrotado e sujo; lembrou-se dos novos canticos que sua mãe entoava, tão diversos das canções que ella costumava cantar no theatro. Pareceu-lhe ouvir a musica que a mãe escutava, a voz dos harpistas que entoavam canticos ao som das harpas, e pensou como tudo isto era differente da tumultuosa gente que estava perto d'ella e da musica estron-

dosa que tocava a companhia do pae. Recordou-se tambem das palavras que a mãe cantava ao Bom Pastor; «Digno és Senhor, de tomar o livro e desatar os seus sellos, porque tu foste morto e nos remiste para Deus pelo teu sangue.» Apoc. v. 9

Como eram diferentes das palavras loucas e profanas que ella mesma repetia! Oh! Sua mãe pensaria n'ella? Rosalia perdia-se em mil conjecturas. Quantas vezes suspirava por estar com a mãe na cidade de oiro, em lugar de estar no theatro já fastidiosa! Não havia mudança alguma na vida da creança, excepto o ter encontrado uma nova occupação em que se comprazia. Era ensinar Tobias a lêr.

—Menina Rosinha, disse elle um dia, eu desejava saber lêr o Testamento.

—Pois tu não sabes ler, Tobias?

—Nem palavra, minha rica menina. Quando podia ter aprendido, não aprendi; e agora quizera remediar este mal. Olhe lá, Rosaliuha, quer a menina encarregar-se de ensinar-me.

E assim ficou contractado. Quem observasse a vida de Rosalia, tel-a-ia muitas vezes visto empoleirada no estrado ao pé de Tobias com o seu livrinho na mão; e emquanto a caravana seguia lentamente o caminho, preparava ella as palavras que ainda com difficuldade elle começava a lêr por cima; quando o seu discipulo se enfastiava, lia-lhe ella então uma historia da Biblia: a que parecia porém agradar mais a ambos, era a parabola da ovelha perdida. Essa, nunca Rosalia se enfastiava de ler, nem Tobias de escutar.

Havia muito tempo que Rosalia sentia grande empenho em tornar a encontrar a anãzinha, a mãe pequena. Todavia por mais que houvesse procurado em todas as feiras, que haviam percorrido, tinham sido sempre baldadas as suas pesquisas, pois nunca havia deparado com a barraca da sua amiga. Um dia disse-lhe Tobias: «Sabe, menina Rosalinha, encontrei hoje a barraca da Companhia Real dos Anões. Ah! tem, pôde agora ir visitar a mãe pequena.»

—Ai, ainda bem, disse Rosalia.

—Mas será melhor ir immediatamente, porque já se demoraram o tempo que tencionavam, e partem esta mesma noite.

—Então como foi que só agora descobriste que a Companhia estava cá!

—Eu fui lá, menina, e d'ahi os meus passeios são poucos. Mas olhe se a menina quer lá ir, eu acompanho-a.

—Nada, não; que não posso deixar a caravana, meu pae tem a chave, e com tanta gente por ahi, parece-me não seria muito seguro; o que achas?

—Que a menina tem razão. É verdade, muito seguro tambem me não parece; seriam capazes de roubar-lhe alguma coisa, menina!

—Então que hei de eu fazer?

—Sabe que mais, se não tem medo, vá só, vá, que eu fico de guarda.

—E para que lado está a barraca?

—Para a extremidade do campo. A menina Rosalinha ouve aquelle barulho lá muito longe?

—Oíço sim, parece que levaram para ali todas as bandejas de lata e chocolateiras que encontraram e que se puzeram a tocar n'ellas todas ao mesmo tempo!

—Pois a menina siga sempre na direcção d'aquella musica, que não pôde enganar-se, ha de lá ir ter direitinha.

A muito custo abriu Rosalia passagem por entre a turba compacta, e sem attender aos convites dos vendilhões das differentes barracas, que lhe offerciam para comprar de suas mercadorias, seguiu sempre seu caminho, guiada pelo som estrondoso das fanfarras. Por fim chegou á tenda de lona, á morada conhecida da boa mãe pequena.

—Vae começar, meus senhores! Vae começar! A funcção brilhante da Companhia Real dos Anões! O espectáculo nunca visto, dos homens mais pequenos do mundo!—dizia berrando o truão que estava á porta.

—Agora, pensou comsigo alegremente Rosalia, agora vou ver a mãe pequena! — Pagou o dinheiro da entrada e esperou até que os espectadores saíssem todos, para dirigir-

se a um gigante muito alto e esguio, que parecia ser o mestre de ceremonias.

—Meu senhor, disse ella, posso ver a mãe pequena?

—Quem és tu menina? disse o gigante magestosamente.

—Sou a Rosalia, sou a Rosalinha Mendes. Não se lembra d'aquella noite em que a minha mãe estava muito doente, e ficou com ella a mãe pequena?

Os labios da creança tremiam, e os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas ao recordar-se d'aquellas scenas passadas.

—Ah! bem me lembra, sim é verdade. recordo-me d'isso agora, porém menina tem paciencia, a mãe pequena já cá não está. Fez uma fortuna rasoavel, e vive dos seus rendimentos; já não toma parte na Companhia.

—E onde mora ella?

Móra n'uma terrasinha lá para o sul. Alugou dois quartos, e vive, segundo parece, muito commodamente; vá lá vê-la.

Rosalinha suspirou. Foi tão grande o seu desapontamento!—Sinto tanto, tanto, que ella cá não esteja!

—Coitadinha,—exclamou o homem já compadecido; e em seguida indicou-lhe o caminho mais curto e menos frequentado para ella voltar para casa. D'esta vez foi com bastante tristeza que Rosalia voltou para a caravana onde Tobias já a estava aguardando com cuidado.

—Julguei que nunca viesse, minha querida menina; e quando me lembrei que era tão pequenina e que tinha de romper por entre aquella multidão, assustei-me devéras, porque se podia ter perdido!

—E não vi a mãe pequena, Tobias; imagina!

E contou-lhe o que o gigante lhe havia referido.

—Que pena! então deu o seu passeio sem conseguir o fim desejado!

—E' verdade, disse Rosalia; e desejarei não tornar mais a atravessar a feira!

## CAPITULO XIV

## Anna

Depois de Tobias ter sabido, Rosalia como ainda não fossem horas de ir vestir-se para o theatro, sentou-se n'uma cadeira, e poz-se a meditar tristemente sobre tudo quanto tinha visto na feira. Como tudo ali era mentido e falso,—que brilho tão ficticio aquelle!—E quando mesmo fosse verdadeiro tudo quanto fingia aquella gente, isso mesmo lhe não assegurava o contentamento e a paz interior. «Quantos d'entre esta turba, serão realmente felizes?» pensava lá comsigo a menina.

Estava ainda absorta n'estas reflexões, quando pareceu-lhe ouvir um ruido differente d'aquelle vozear constante dos pregoeiros, e do tumulto invariavel dos vendilhões de barraca. Poz o ouvido á escuta e percebeu que estavam cantando. Chegou á porta da caravana, que estava situada n'uma das extremidades do campo, e viu que se tinha reunido na estrada um grupo de homens, e tão perto d'ella que poude perceber distinctamente tudo quanto elles diziam. Cantavam um hymno. Um começava, e os outros acompanhavam-o e como se repetia muitas vezes, Rosalia por fim já o sabia de côr.

Eil-o! Jesus! comnosco está!  
Em nossas almas entrará!  
Recebe os desgraçados, sim,  
Chama os afflictos—Vinde a mim!  
Espalha a fama! Eis o Senhor!  
Passa Jesus! o Salvador.

Tinham apenas concluido o primeiro verso, e já estavam agglomeradas centenaes de pessoas, attrahidas talvez pelo contraste entre a melodia suave e solemne do hymno, e o som desagradavel e constante que resoava por toda a parte da feira. Um de entre elles tomou então a palavra e começou n'estes termos:

—Meus amigos, tenho esta noite um convite a fazer-vos; quereis escutal-o? Não sou eu o unico que vos estou convidando. Raras vezes passaes junto de uma barraca ou de um theatro, sem que alguem vos procure attrahir com estas palavras: «Vinde, vinde! vinde agora! que agora é que vindes a tempo!» Amigos, tambem eu esta noite, como já disse, vos estou fazendo um convite. Eu tambem, vos dirijo estas palavras: «Vinde! Vinde! Vinde agora! Agora é que vindes a tempo! Foi Jesus Christo, meus amigos, que me constituiu seu mensageiro. Foi Elle quem me ordenou que vos convidasse. É pois da parte do Senhor que eu torno a repetir-vos.—Vinde, vinde agora. É Elle quem vos diz: «Vinde a mim todos os que estaes em trabalho e carregados, e eu vos farei descansar.» Quer Elle dizer com isto que deveis vir agora. Ora vinde, diz Elle, vinde e segui-me: Se os vossos peccados forem como a escarlata, elles se tornarão brancos como a neve; se forem vermelhos como o carmezim, far-se-hão brancos como a branca lã.

Eis aqui o convite meus amigos; e quão differente é d'aquelle que vos está fazendo além o dono d'aquella barraca; acaso vos diz elle: «Entrae porque tendes aqui á vossa disposição todas as minhas quinquilharias, e aquella que quizer pode bem entrar, porque nada tem a pagar?» Não, elle vos convida, dizendo: «Vinde! Vinde, agora! Agora é que deveis vir, é só um pataco; a entrada só custa um pataco! Vinde, vinde pois! E' um pataco só!» E quando não apresenteis o dinheiro, julgaes que elle vos deixa entrar? Ou que insiste para que venhaes, se fôr tanta a vossa pobreza que nem um pataco possueis? —Não, meus amigos, podeis estar certos de que nunca isso chegará a acontecer.

Porém não é assim que Jesus Christo vos está convidando. Eis aqui o que Elle diz: «Todos vós os que tendes sêde, vinde. Vinde sem prata! Vinde sem commutação alguma! quem quizer que venha!» Sim, meus amigos, estas palavras «Todo o que quizer:» —estão inscriptas sobre a porta por onde o Senhor quer que vós entreis. Este *quem quizer* entende-se a todos, é para todos, é livre e gratuita a entrada. A vossa vinda depende mera e exclusivamente da

vontade de cada um. Eis aqui a grande generosidade do convite, é n'isto que existe a differença entre o do Senhor, e a arenga que vos estão por toda a parte fazendo n'esta feira os donos dos theatros, das barracas e das tendas.

Cantemos porém agora outro verso do hymno, e em seguida mostrar-vos-hei a differença entre a insistencia toda interesseira d'estes, e a vantajosa proposta de Jesus Christo. E logo todos começaram a cantar:

Ah! quão perverso o coração,  
 Que engeita esta alta compaixão!  
 Quando em juiz o Rei vier,  
 Que grito então tem de se erguer!  
 —E' tarde! Oh brado de terror!  
 —Pois já passou o Salvador.

Restabelecido que foi o silencio, continuou o orador: «Meus amigos, havia uma vez na Russia, certo palacio curiosissimo, cuja construcção era toda de gelo. As paredes, os tectos, até a mobilia, —os sofás, as cadeiras, os fogões n'uma palavra, —tudo, tudo era gelo. Elles davam cores á agua antes de gelar, de fôrma que tudo parecia verdadeiro e solido.

A' noite illuminavam-se os differentes quartos, que despediam jorros de luz, e brilhavam como se fossem encastoados em brilhantes. Todos que viam o palacio exclamavam: «Que esplendor, não pôde haver coisa igual!» mas tudo isto durou, pouco, meus amigos, o palacio pouco durou! Veiu o sol, houve derretimento e aquillo tudo desapareceu como por encanto. Dentro em pouco tempo, de tanta magnificencia nada restava senão um charco de agua immunda. Aquelle edificio tão bello, tão assombroso, não tinha nada de solidez; com muito pouca coisa se desfez e passou como um sonho.

E tal qual o palacio de gêlo é a feira, meus amigos. Aqui onde tudo brilha, onde tudo são esplendores que ofuscam e que prendem, não pôde nada durar. Amanhã de tantas coisas e de tão raras, talvez já nada reste, — ter-se-ha tudo dissipado como se fôra um sonho. Por toda a

parte haverá poeira, immundicia e miseria. Amanhã por estas horas muita gente se ha de queixar de dores de cabeça, a muitos lhes ha de pesar o coração.

Creiam, meus amigos, que as grandezas do mundo não são mais que desapontamentos afinal. E por isso Christo não nos faz convites brilhantes e cheios de preambulos. Elle simplesmente diz—Vinde; e esta palavra só encerra mil promettimentos, mas promettimentos solidos, promettimentos duradouros, e a que Elle nunca poderá faltar.

Convida-nos, e nada pede; tem para dar-nos perdão, paz, e o ceu que Elle proprio habita. E todas estas dadivas são sublimes; nenhuma d'ellas é transitoria; antes pelo contrario durarão eternamente, porque são solidas, porque são verdadeiras, porque estão muito além de tudo quanto pôde conceber a vossa imaginação limitada. Quereis pois acceitar o convite, meus amigos? quereis concorrer á chamada d'Elle? Vinde pois! Vinde agora emquanto é tempo! Para todos ha logar! Para todos hoje ha entrada, mas pôde ser que vindo amanhã já alguns venham tarde! quereis pois vir a Elle ainda esta noite, quereis?

N'isto ouviu Rosalia a voz do pae que a chamava para o theatro; fechou a porta da caravana, e começou a vestir-se com toda a pressa. Mas as palavras do hymno e as do sermão ficaram-lhe gravadas no espirito para nunca mais as esquecer. Foi aquella a ultima feira que visitaram n'esse anno. Já se approximava o tempo frio, e começava a cair geada e alguma neve; o vento soprava pela chaminé abaixo e ameaçava extinguir as brazas da lareira.

Augusto achou conveniente ir em busca de aquartelamento para o inverno. Contractou-se com o empregario de um theatro mediocre na cidade, e delibrou immediatamente estabelecer-se ali perto, e despedir a gente toda da sua companhia até á primavera. Durante o trajecto encontraram varias outras caravanas que, semelhantes ás andorinhas, iam em procura de pousada para os dias rigorosos que deviam seguir-se. Chegado ao seu destino, Augusto tratou logo de alugar um alpendre devoluto onde metteu a caravana. Depois, dizendo á filhinha que o espe-

rasse ali, partiu em busca de hospedagem para elles dois. Não tardou muito em encontrar o que procurava; e voltando, levou para lá a mobilia toda que guarnecia o interior da caravana. Depois de tudo arranjado disse á filhinha que o seguisse, e tornaram ambos por um numero infinito de ruas estreitas e escuras.

As casas pela maior parte eram arruinadas, e muitas das janellas, sem vidros e cheias de farrapos.

A creança, a grande custo, mas sem dizer palavra, procurava acompanhar seu pae que caminhava a passos largos.

Por fim pararam diante de uma casa ainda mais triste e alta do que as outras. Augusto bateu á porta. Sentadas nos degraus, estavam algumas creanças, descalças e muito sujas, que apenas viram Rosalia e o pae, trataram logo de fugir.

Veiu abrir a porta uma rapariga de cerca de quinze annos de idade, de rosto comprido, e triste que demonstrava uma vida cheia de cuidados. O vestido roto e cheio de nodoas já não tinha nem um colchete, e era todo pregado com enormes alfinetes brancos.

— Onde está tua ama? lhe perguntou Augusto Mendes.

A rapariga conduziu-os por um corredor fóra, e abriu a porta de uma sala tristonha que exhalava um cheiro detestavel de tabaco. O papel que forrava as paredes estava sujo e manchado; o estofado das cadeiras cheio de nodoas gordurentas, e o tapete rasgado em diversas partes. Os quadros que guarneciam as paredes poucos eram e muito ordinarios; sobre a meza estava um ramo de flôres de papel,—uma extranha mistura das côres do arco iris em que predominava o vermelho, o azul, e o verde; espalhados pelo sofá um numero infinito de folhetos e de jornaes baratos, que parecia que alguem tinha estado recentemente a ler. Pouco depois abriu-se a porta e entrou a dona da casa. Rosalia apenas a viu conheceu logo n'ella uma actriz. Trajava um vestido de seda desbotado com uma grande cauda. Á maneira que andava, levantava do chão um turbilhão de poeira, e saudou os seus hospedes com

um cumprimento rasgado. Em seguida dizendo a Rosalia que lhe ia mostrar o quarto em que ella devia dormir, subiram ambas varias escadas, e em quasi todos os patamares se abria alguma porta e apparecia a cabeça de um curioso que mirava a recémchegada de alto a baixo.

Chegados ao ultimo andar pararam; porque tambem já não haviam mais escadas! Rosalia correu a vista em volta de si, e achou-se n'um pequeno sótão cheio de trastes velhos, e de mobilia partida que estava ali para arrecadação. No unico canto devoluto, tinham feito uma caminha á pressa para Rosalia, e sobre um caixote estava uma bacia com agua. Do outro lado da cama viu tambem a sua arca, que o pae para ali tinha levado antes d'ella chegar. Parecia ninguem lhe ter mechado e a menina notou com satisfação que ainda conservava as mesmas cordas que ella tinha amarrado. Haviam n'aquella caixa thesouros que era mister que ninguem os visse! A dona da casa disse a Rosalia que dentro em poucos minutos estaria prompta a sua ceia, e que portanto se aviasse e descesse sem demora. Rosalia despiu o casaquinho, tirou o chapéu, e transpondo de novo as íngremes escadas, encaminhou-se para um quarto situado na frente da casa, e onde tinham preparado o chá para aquelles hospedes que comiam com a senhora da casa. Terminada que foi a refeição, a menina até respirou alliviada. Os ditos pesados e os gracejos ordinarios vinham magoal-a; incommodavam áquelle temperamento fino e delicado as gargalhadas estridentes. Tão depressa poude levantar-se do logar que occupava ao lado de Augusto, voltou para a sua pobre mansarda. Ali ao menos estava só, e podia estar socegada. Abriu a arca, e como fizesse muito frio, tirou de dentro o chále da mãe e embrulhou-se n'elle. Em seguida sentou-se no chão e dispoz-se a desarumar os seus thesouros. Abriu a medalha e poz-se a contemplar o rosto meigo que ella encerrava. Oh! quanto Rosalia desejou n'aquelle instante poder estar ao pé de sua tia desconhecida! E onde havia ella de esconder aquella reliquia preciosa, de maneira que nunca ninguem viesse a dar com ella? Poz-se a meditar. Na porta não havia cha-

ve nem tão pouco fechadura; a caixa d'ella tambem a não tinha.

E quem lhe assegurava que durante o tempo que ella estivesse no theatro, não viria alguém da muita gente que pernoitava n'aquella casa, e lhe remecheria o contheudo da sua arca? Era claro pois que para conservar sempre a medalha, seria mister escondel-a algures. E quanto não sentiria, se, depois da mãe a ter guardado tantos annos, fosse ella, Rosalia, quem a chegasse um dia a perder. Só tal idéa a fazia estremecer, affligia-se e perdia-se em mil planos, até que enfim acertou! Atal-a-hia ao pescoço, e escondida entre o vestido, a medalha acompanhal-a-ia de noite e de dia. Mas custou-lhe pôr isto satisfactoriamente em pratica, porque tambem queria guardar juntamente a carta que lhe déra sua mãe e isto já tornava mais volumoso o involucro. Resolveu a diffculdade, fazendo um saquinho, e mettendo tudo dentro, atou-o ao pescoço.

Em seguida, mais socegada, desdobrou e saccudiu os poucos vestidinhos que possuia, e foi dependural-os atraz da porta n'uns pregos que lá encontrára. Tirou da algibeira o seu pequeno Testamento e chegou-se para a janella afim de aproveitar a escassa luz que ainda lhe restava. Mas a noite vinha-se já aproximando e o homem na rua começava a accender os candieiros de gaz; não havia tempo a perder. Abriu o livro ao acaso e achou logo estas palavras: «Remettendo para elle todas as vossas inquietações, porque elle tem cuidado de vós.» Não poudé continuar a leitura porque a escuridão lh'o não permittia, mas fechou o livro, e ali sentada sósinha no seu quarto, tantas vezes repetiu estas palavras até que as aprendeu de cór.

Vinham trazer-lhe o socego e a esperança, era o Bom Pastor, quem as segredava, cheio de ternura, ao coração da pobre ovelhinha fatigada que descancava encostada ao seu seio. E por isso Rosalia, confiada na doce promessa que encerravam, tambem já não temia nem a escuridão nem o isolamento, e foi deitar-se na sua caminha. Não podia dormir, mas poz-se a ponderar n'aquillo que acabava de ler, e repetia sempre estas palavras:—«Remettendo para

elle todas as nossas inquietações, porque Elle tem cuidado de vós.» «Todas as *vossas* inquietações,» pensava a menina, isto quer dizer toda a minha inquietação, todos os meus desgostos, tudo aquillo que eu senti quando perdi a minha mãesinha, e tudo o que ainda sinto por ter de morar aquí n'esta casa desagradavel e por ter de ir representar para o theatro. Tambem quer provavelmente dizer toda a inquietação que eu tenho em trazer sempre escondida a minha medalha e a carta. Este Elle é decerto o meu Bom Pastor, aquelle que tanto me ama. Mas a primeira palavra é que eu não percebo bem! O que quererá ella dizer! Ai, se eu cá tivesse a minha querida mãesinha, essa sim, decerto me havia de explicar tudo quanto eu lhe pedisse. E porque não hei de eu tambem dirigir-me de igual modo ao meu Bom Pastor? Vou experimentar.» E ajoelhando-se na cama, Rosalia começou a dizer: «Attendei a esta ovelhinha, ó meu Bom Pastor. A minha mãesinha morreu, e eu tão só, tenho medo que alguém me venha furtar a medalha; guarda-me tu, meu Bom Pastor. Tambem tenho medo de estar ás escuras aquí sósinha n'esta casa turbulenta. Livra-me de todo o mal, e guia-me só para o bem. Eu quero amar-te, e quero encontrar no céu a minha querida mãe, permite-me isto, e purifica-me dos meus peccados no sangue de Jesus. Amen.» Depois deitou-se outra vez para baixo. Como ficou tranquillo o seu coração e como ella se sentia ditosa! — Elle tem cuidado de vós! Como eram tão consoladoras aquellas palavras. Emquanto Rosalia se lembrasse d'ellas, apesar de já não ter mãe, sabia que havia quem pensasse e olhasse por ella. O Bom Pastor tinha-lhe amor; não havia pois de consentir que lhe chegasse mal algum. Estava ainda mergulhada n'estas reflexões, quando sentiu mexerem-lhe na cama, e pouco depois sentiu contra a mão uma coisa muito fria. Ao principio a menina teve medo, mas logo lhe volveu a serenidade ao espirito, quando viu que não era mais do que o focinho muito frio de um pobre gatinho, que tinha entrado pela abertura da porta. O animalsinho parecia ter vindo açoitado lá de baixo, e Rosalia logo o tomou nos braços e o aconchegou a si, porque adivinhou

instinctivamente que era tão triste e desprezado como ella. Affagou-lhe com ternura o pello macio, e dentro em pouco teve o prazer de lhe ouvir um ran-ran de satisfação e de bem estar. Tinha já estado assim algum tempo abraçada ao seu amiguinho, quando ouviu passos na escada, e pouco depois a voz de Augusto que bradava:

—Rosalia, Rosalia, onde estás tu?

—Estou aqui, meu pae. Estou na cama.

—Bem, é que eu andava á tua procura ha muito tempo. Boa noite.

E desceu de novo as escadas deixando outra vez só a filha, que por mais esforços que fizesse não conciliava o somno. Nunca noite nenhuma lhe havia parecido tão comprida, a gente da casa ria e fallava, fazia uma bulha horriavel, e pareciam querer prolongar a ceia e a galhofa até alta noite. «Quanto tempo durará isto?» pensava ella lá comsigo, e as horas corriam lentamente. Por fim pareceram ducidir-se a recolher aos seus quartos, apagaram os bicos de gaz na escada e caiu tudo em silencio. O gatinho dormia já profundamente nos braços de Rosalia, e esta tratou de seguir o seu exemplo, e entregou-se a um somno profundo. Havia muito que Rosalia dormia, pelo menos assim lhe parecia, quando acordou de repente, e abrindo os olhos, viu junto á cabeceira da cama, com uma vella na mão, uma rapariga que a olhava attentamente. Era a creada que tinha vindo abrir a porta n'aquelle mesmo dia, a Rosalia e a seu pae.

—O que é? lhe perguntou a menina sentando-se na cama; já são horas de me levantar?

—Qual! tornou a rapariga, sou eu que venho agora para a cama.

—A estas horas tão tarde!

—Tarde! julgo que é tarde, disse a pobre rapariga, é sempre tarde quando me deito. Tenho ainda de lavar a loiça depois de virem cá para cima; ahi que sempre me doem hoje as costas! É escada acima, escada abaixo todo o santo dia! não ha descanso!

—Quem és tu? lhe perguntou Rosalia.

—Sou a creada da cosinha e durmo no quarto junto ao



Já são horas de me levantar?

seu. Mas porque veio a menina metter-se na cama ainda de dia?

—Queria estar só, faziam lá em baixo tanta bulha!

—Bulha! ora essa! Que faria se os ouvisse algumas noites, não se pôde parar! hoje parece-me que estiveram bastante socegados.

—Gostas de aqui estar? perguntou-lhe Rosalia.

—Ora esta não é má! pois a menina quer saber se eu gosto d'aqui estar? Eu detesto esta casa; quem me dera poder morrer! Não é mais do que trabalhar desde pela manhã até á noite, e ouvir ralhar continuamente.

—Coitada! Como te chamas?

—Chamo-me Anna,—tornou a rapariga, e ajuntou com uma gargalhada;—é um nome muito bonito, não acha?

—Nada, não gosto d'elle.

—Deram-m'o na casa dos engeitados; foi lá que eu me baptizei; morreu a minha mãe quando eu nasci, e nunca na minha vida tive um momento só de felicidade; ó! quem me dera morrer!

—E julgas que irás para o céu quando morreres?

—Ora essa, eu não sei; mas é provavel.

—Então o Bom Pastor já te achou? Porque bem sabes sem Elle te achar, não podes ir para o céu.

A rapariga olhou para Rosalia com um certo ar de espanto.

—Não sabes quem é o Bom Pastor? proseguiu a creança.

—Ora essa! eu não sei nada. A mim só me ensinaram a regra do A.

—Pois se tu queres aprender quem Elle é, eu te vou ler a historia d'Elle; estás muito cançada?

—Lá muito não, mas é preciso que a tal historia não seja comprida.

—Nada, é bem pequena e o livro está aqui debaixo do meu travesseiro.

A rapariga pousou o castiçal sobre uma das arcas e prestou-se com toda a attenção á leitura da parabola da ovelha perdida.

—É muito linda,—disse ella, apenas Rosalia acabou,—mas não percebi nada do que quer dizer.

—O Bom Pastor é Jesus, esse conheces tu?

—Pois decerto; é Deus, não é?

—É, e muito teu amigo, tornou a menina.

—Amigo meu? duvido; nunca ninguem gostou de mim, nem creio que haja quem goste!

—Mas Jesus sei eu que te ama, disse Rosalia.

—Ora essa! então onde está Elle? Com quem se parece? Que tal é?

—Está no céu e está tambem n'este quarto; e o que eu te affianço, Anna, é que Elle é muito teu amigo.

—Como sabe a menina isso? Foi Elle quem lh'o disse?

—Foi: disse-me aqui n'este livro que te amava, e que morreu para que tu podesses ir para o céu; se Elle não tivesse morrido, tu não podias ir ter com Elle.

—Ora vejam lá! O que eu queria era saber tanto como a menina.

—Pois se me quizeres ouvir ler, vem ter comigo, vem cá acima algumas vezes.

—Esperem por essa! Olhem lá a minha ama não me deixe! Ella nem para respirar quasi me dá tempo! Não tenho nunca um minuto de meu.

—Então não sei o que te faça, olha, não podes vir aos domingos?

—Quaes domingos, para mim não os ha! É o dia em que eu tenho mais que fazer; os hospedes estão todos em casa, e querem todos bom jantar.

—Então não vejo meio, tornou Rosalia.

—Olhe, sabe menina? Se quizer levanto-me um pouco mais cedo, e deito-me um pouco mais tarde, e n'aquelles minutos, já a menina me pôde ler uma historia do seu livrinho, e contar-me alguma coisa ácerca de alguem que goste de mim. Dez minutos pela manhã, que sejam, e dez á noite: vamos, já não é mau; faz vinte minutos por dia!

—Isso seria bem bom! tornou Rosalia,

—Pois cá por mim não seja a duvida; apenas eu perceber a luz da manhã, salto logo para fóra da cama; agora o peor é que talvez a menina não goste que a venham acordar tão cedo?

—Qual! isso não me faz differença; o que eu quero é que tu venhas.

—Póde contar comigo, que eu cá não faltarei. Gosto muito da menina!

Dizendo isto pegou na vela e dispunha-se a partir, quando deparou, com o gatinho a espreitar da almofada de Rosalia.

—Ora esta! Então querem lá ver o gato!

—Deixa-o Anna; é para me fazer companhia.

—E co no elle está todo regalado! Esta noite, ao menos; gosará de socego; durante o dia, não leva senão pontapés. Tambem já não tem mãe, foi encontrada morta na carvoeira; desde então muito tem penado.

—Pobre bichano! disse Rosalia e estreitou o mais contra o seio; entre ella e o gatinho firmára-se mais um elo de sympathia; ambos eram orphãos do amor materno. D'ahi para o futuro tratál-o-ia o melhor que podesse; em compensação de todos lhe baterem, havia ella de o afagar muito e muito.

Anna despediu-se da creança, e, pegando na vela retirára-se para a sua mansarda, arrastando os miserrimos sapatos, Rosalia tornou a adormecer.

## CAPITULO XV

### A vida na hospedaria

Fiel ao seu promettimento, Anna logo na manhã seguinte, faltavam dez minutos para as cinco, estava já no quarto de Rosalia. Pobre rapariga, apenas tinha dormido quatro horas, e antes de acordar a sua pequena mestra, esfregou os olhos bem esfregados, para não incorrer no defeito de os ter ainda meio cerrados. Depois pousou a vela e poz-se a contemplar a creança que dormia com um dos braços debaixo da cabeça e o outro em volta do pescoço do gato. Parecia quasi uma barbaridade ir despertá-la, mas os dez minutos corriam velozes, e era o unico ensejo que se offerencia a Anna d'ella escutar a continuação do que a tinha interessado tanto na noite autecedente, e de ouvir Rosalia repetir que existia alguém que a amava devéras. O ser amada era para a pobre rapariga uma idéa inteira-

mente nova. Tinham-n'a sempre sustentado, vestido e calçado, tratado d'ella até um certo ponto, mas nunca ninguém houvera feito isto por muito lhe querer; essa experiencia ainda lhe estava reservada. Todavia nas palavras proferidas n'aquella noite por Rosalia havia uma fascinação irresistivel e poderosissima. «Elle é muito teu amigo,» lhe tinha dito a menina, e Anna anhelava por conhecer mais de perto a historia do Bom Pastor. Tocou-lhe levemente na mão que pousava sobre o gatinho e disse: «Acorde menina, olhe que se vão os dez minutos!»

A creança ainda a dormir voltou-se para o outro lado e balbuciou: «Lá vou, meu pae, lá vou, já vou, já começaram?»

—Nada, sou eu, é a Anna, tornou a rapariga.—Já se não lembra do que nós tínhamos combinado hontem á noite? E se eu soubesse não a teria acordado, está com uma cara tão abatida!

—Ai é verdade, bem me lembro!—Rosalia poz-se logo de pé;—já estou acordada; quantos minutos temos nós?

—O muito sete ou oito.

—E então não ha tempo a perder:—e tirando debaixo do travesseiro o seu Testamento, começou a folheal-o.

Anna entretanto olhava para ella com admiração, e suspirava:—Ai quanto não daria eu para ser tão letrada como a menina!

Rosalia achou por fim o verso que desejava.—«Porque sabeis a graça de Nosso Senhor Jesus Christo, que sendo elle rico se fez pobre por amor de vós, afim de que vós fosseis ricos pela sua pobreza.»—Não é um verso tão lindo? perguntou Rosalia; costumava lel-o quando a minha mãesinha era viva, e ella gostava muito d'elle.

—Mas é preciso que m'ó explique, menina, olhe que assim eu não o entendo.

«Sabeis,» assim é que começa—«sabeis,»—tu ainda não sabes, mas has de aprender, pois não has de, Anna?

—Ai decerto,—pelo menos assim o espero.

—«Sabeis a graça,»—tambem não comprehendo muito bem o que isto quer dizer; estive a pensar n'esta phrase ainda outro dia, mas depois que morreu a minha mãe

não tenho ninguem a quem pergunte; graça, provavelmente quer dizer amor, e é isso o que mais convem,—porque bem sabemos que Elle nos ama, e portanto esta explicação não pode ser muito errada, pois não Anna? «Sabeis o amor de nosso Senhor Jesus-Christo!»—d'aquelle de quem fallámos hontem á noite, e que te ama;—«que sendo rico,» —e que vivendo no céu, e tendo para o servir anjos e tudo quanto quer e do maior esplendor e brilho, se fez pobre por amor de vós, de ti.

—Ora não ha! exclamava a rapariga.

—«Se fez pobre!»—tão pobre, repetiu a creança, que nem casa tinha em que habitasse. Andava a pé de terra em terra, trabalhava n'uma officina de carpinteiro e soffreu muitas vezes fome, assim como nós.

—Ora não ha!—E porque fez Elle tudo isso?

—O fim do texto nol-o vae explicar: «Afim de que vós fosseis ricos pela sua pobreza». Isto quer dizer, que Elle veio á terra, se fez pobre, e morreu, afim de que nós podessemos ser ricos e subissemos ao céu,—á Cidade de Oiro, onde teremos os anjos para servir-nos e por companhia o proprio Jesus.

Anna abriu desmarcadamente os olhos, de admiração:

—Ora não ha! E eu que nada sabia! Porque não havia alguém já m'ò ter contado?

—Lá isso não sei, tornou Rosalia;—Já passariam os dez minutos?

—Ainda não, mas pouco falta. E eu que tenho tanto que fazer antes da senhora levantar-se! Tenho de varrer as casas, de accender os fogões, de pôr a mesa, e de engraxar todas as botas!

—Não podes esperar ainda um minuto mais?

—Espero até dois ou tres se a menina quizer. Descalço depois os sapatos que é para andar mais ligeira, e é um instante emquanto eu desço as escadas.

—Bom, então ainda teremos tempo, antes de tu ires, de fallarmos com o Senhor Jesus Christo.

—Fallar-lhe! Ora não ha! então como se faz isso?

—Primeiro ajoelhemos, porque Elle está no quarto, a apezar de nós não o vemos, Elle vê e ouve tudo: depois

dirás comigo: «O' Senhor Jesus Christo, aqui vimos nós esta manhã. Muito vos agradecemos por nos terdes promettido a Cidade de Oiro. Tambem vos agradecemos por vos terdes feito pobre, e nos terdes amado, e morrido por nós. Fazei com que a pobre Anna tambem aprenda a amar-vos, salvae-a e perdoae-lhe os seus peccados. Amen.»

— Já não hei de pensar n'outra coisa todo o dia; ora não ha!—e dizendo isto Anna largou os sapatos e poz-se a correr pelas escadas abaixo. N'aquella tarde estava a pequena Rosalia sentada no seu quarto, e ouviu um sapatear no corredor; pouco depois entrava Anna, e dizia-lhe:

— Menina, está lá em baixo um rapaz que diz que quer fallar comsigo, póde lá ir?—Apressou-se a menina em ir ver quem a procurava, e achou Tobias de chapéu na mão á porta da escada.

— Peço perdão de a incommodar, Rosalinha, mas eu quero despedir-me da menina.

— Então tu vaes deixar-nos Tobias?

— E' verdade, o meu patrão já não precisa de nós este inverno; não tem trabalho para dar-nos que fazer. Estamos despedidos, com bastante magua minha, porque me custa deixal-a.

— E para onde vaes tu agora?

— Isso é que ainda não sei, tornou o rapaz, encolhendo os hombros. Mas vou esquecer-me de tudo quanto sabia já; o mais que poderei fazer é vir outra vez offerer os meus serviços ao sr. Augusto na primavera, talvez que acceite, e a menina depois se quizesse podia continuar a ensinar-me.

— Pois não, Tobias; mas entretanto trata de não te esqueceres d'aquillo que te tenho recommendado tantas vezes!

— Seguirei os seus conselhos o mais aproximadamente que puder. Olhe que eu, menina Rosalinha, já não costumo praguejar e jurar assim como d'antes. Muitas vezes encoleriso-me, e tenho vontade de proferir más palavras, mas não chego nunca a ter coragem para dizel-as. A ultima vez que roguei uma praga, ha já bastantes semanas, tinha eu tido uma rixa com um dos meus companheiros; e

antes de reflectir, saíram-me as terriveis palavras pela bocca fóra em turbilhão umas apoz outras : porèm n'um instante cahi em mim, e o meu arrependimento então foi grande e lembrei-me, que o Bom pastor entretanto andava em minha procura, porque muito me amava, — e eu a fazer exactamente aquillo que mais devia contristal-o e feril-o! — Tão envergonhado fiquei que fugi da caravana. Quiz esquecer-me do mal que tinha feito, mas parecia-me que o Bom Pastor me estava olhando sempre com tristeza. Não podia sentir alegria, menina Rosalinha, e só depois de ter pedido a Jesus que me perdoasse e me ajudasse a seguir o bem, é que consegui emfim que o socego entrasse de novo no meu espirito.

— Quanto me alegra isso, Tobias! Se tu realmente tiveres pena de magual-o, é porque certamente Elle já te achou.

— Assim o espero, menina, mas não tenho d'isso a certeza. São horas de me separar, — mas não podia ir sem lhe dizer adeus. Menina Rosalinha, tem sido sempre tão boasinha para comigo, e tem-me ensinado tudo quanto eu sei.

Depois d'isto a vida da creança seguiu o mesmo rumo costumado. Todas as manhãs vinha a mocita acordar Rosalia, e esta lia e explicava-lhe um verso do seu Testamento, que tinha sido escolhido e marcado na vespera, a fim de não perder um só dos dez minutos tão preciosos, e poder começar a leitura logo que abrisse os olhos.

Anna escutava-a sempre com admiração. E não foi de balde que a escutou.

Pouco a pouco se iam desvanecendo as trevas d'aquelle espirito inculto, para entrar n'elle um raio de luz, pequeno é verdade, mas fecundo de esperança, e de alegria, e que fazia mudar o character da sua existencia, até ali tão negra, tão triste emfim. «Eu sou amada do Bom pastor; era esta a idéa que mais profundamente se havia enraizado no seu espirito. Amou-me tanto que chegou a morrer por mim.» Este pensamento era sufficiente para tornar mesmo aquella hospedaria tão fria, e tão falta de confortos, um lugar agradavel para ella.

Pouco a pouco até Rosalia chegou a notar, que havia uma transformação na rapariga. Estava mais meiga do que d'antes, mais quieta, mais docil e paciente. E era tambem mais feliz. Já não queria morrer, mas procurava seguir os passos do Bom pastor, que havia feito tanto por ella.

Estas conversas intimas e matutinas, constituíam a parte mais feliz da vida de Rosalia. Ella não gostava de associar-se á outra gente tambem ali hospedada. Eram todos muito turbulentos, e a creança evitava-os o mais que podia. Eram quasi todos actores e actrizes, e ficavam na cama até á hora do jantar. As horas da manhã eram por conseguinte as mais socegadas do dia; muitas vezes nem mesmo a dona da casa se levantava cedo. Rosalia ia então sentar-se na sala, diante do fogão, com o gatinho no regaço, a pensar na sua querida mãesinha, e na tia, e de vez em quando mettia a mão dentro do vestido, para se certificar de que lá tinha ainda a medalha preciosa, e a carta sagrada.

## CAPITULO XVI

### **Dias tenebrosos**

Rosalia estava lendo uma manhã, sentada no seu quarto, quando a porta se abriu de mansinho, e Anna entrou, e foi sentar-se n'uma arca com ar bastante perturbado.

—Que tens? lhe perguntou a menina.

—O que tenho! Nunca na minha vida senti desgosto maior!

—Então o que foi?

—Se fosse outra pessoa não me importava tanto, mas ella, ella, eu nem posso dizer-lhe o que ella é; passa algumas vezes a ser verdadeiramente terrivel. Oh, que tenho ainda o sangue a ferver, estou tão zangada, tão zangada!

—Mas porque? dize-me,—e a creança cada vez se tornava mais admirada.

—Eu já o tinha advinhado ha muito tempo, mas eram

tão manhosos os dois, que não pude ter a certeza senão hoje, mas agora não resta duvida!

—Mas dize-me o que foi, te peço, Anna!

—Pois bem, é melhor que o fique sabendo. Vae ter uma madraستا.

--Vou ter o que?

—Madrasta; outra mãe nova: *ella* vae casar com o seu pae.

—O' Anna! exclamou Rosalia, afflicta e cheia de tristeza, tens a certeza d'isso?

—Tenho a certeza, tenho, assim eu não a tivesse! Quem m'o contou foi um dos hospedes; e os dois lá saíram ambos de carro; foram provavelmente á igreja pôr o remate á obra. Não imagina, menina, a pena que eu tenho de si!

—O' Anna que hei de eu fazer? dizia Rosalia, suffocada em pranto.

—Nunca coisa alguma me causou tanta pena! Pobre menina! Até aqui tem-n'a tratado com a tolerancia que as circumstancias lhe empunham, mas agora, agora que *ella* já alcançou o fim que desejava, mostrar-lhe-ha outra cara, e d'ahi a menina verá! Oh! foi uma grande fatalidade! Mas não posso aqui demorar-me; ainda tenho bastante que fazer antes d'*ella* voltar; e se desperdiço o meu tempo, levarei açoutes!—Dizendo isto Anna saiu, e Rosalia ficou entregue á sua dôr tão grande como inesperada.

Chorou muito, e depois, como a cada momento parecia tornar-se mais desgraçada, estendeu a mão ao seu livrinho preto, para n'elle procurar alguma palavra que a podesse consolar, e de novo trazer-lhe a esperança.

Folheava rapidamente o seu querido Testamento sem saber bem o que devia escolher mais apropriado ás tristes condições em que se achava, quando a palavra *ovelhas* lhe veio chamar a attenção.

Depois que o velhinho lhe tinha offerecido o quadro, preferia sempre os textos em que Deus era representado como pastor, e como ovelhas os seus filhos. Foi este o verso com que depararam os seus olhos n'aquelle dia memoravel.

«As minhas ovelhas ouvem a minha voz; e eu as conheo; e ellas me seguem; e eu lhes dou a vida eterna, e el-

las nunca jámais hão-de perecer; e ninguem as arrebatará da minha mão.» S. João x. 27, 28.

—Esta é a parte mais linda do texto, dizia consigo Rosalia; se eu sou uma das Suas ovelhas e assim segura na mão do Bom Pastor, ninguem me poderá arrebatá d'ella. Quão forte deve ser a Sua mão para ter tão seguras todas as Suas ovelhas!

O Bom Pastor, exclamou Rosalia, segurae-me Lem para que ninguem me arrebate da vossa mão; nem o pae, nem a que dizem ir ser minha madrastra, nem hospede nenhum d'esta casa; não me largueis, Senhor, não me deixeis, meu Bom Pastor! Tenho tanto medo de estar aqui só! Sou uma ovelha ainda bastante pequena, e não tenho ninguem que me ajude senão vós; agarrae-me a mim ainda com mais força do que as outras. Amen.

Esta prece allivion consideravelmente o coração da triste menina, que se levantou reanimada. Segura nos braços do Bom Pastor, quem, ou o que a poderia magoar?

E bom foi Rosalia receber esta consolação, porque pouco depois fez-se ouvir a voz de seu pae que a chamava, e entrando na sala deparou logo com a dona da hospedaria, altaneira e triumphante, sentada n'uma cadeira.

—Permitte-me, Rosalia, disse o pae com modos theatraes, que te apresente a tua nova mãe!

Esperava naturalmente que ella se mostrasse admirada, mas Rosalia esforçou-se por sorrir, e simplesmente estendeu despretenciosamente a mão á dona da casa. Emquanto assim fazia, e esta lhe correspondia friamente á saudação, pareceu a Rosalia que o Bom Pastor a estava amparando, e que apertava ainda com mais segurança e firmeza a mãosinha trémula da pobre ovelha solitaria.

O pae, depois d'algumas congratulações crueis, em que a dava por muito feliz por ter de novo adquirido o carinho materno, despediu-a e deixou á sua descripção o voltar para a triste mansarda.

No dia seguinte teve logo occasião de ver realisado o prognostico de Anna. Tinha apenas descido as escadas, e logo a madrastra lhe disse:—É mister tornares-te util, Rosalia. Não consentirei nunca que uma filha minha, desperdice o

seu tempo da maneira escandalosa que tu ultimamente o tens feito. Vae buscar agua, e esfrega-me immediatamente este quarto, eu sei fazer trabalhar as raparigas!

O pae estava presente, e rira-se satisfeito, aprovando o que disséra a mulher. «É do que ella precisa,» ouviu-o Rosalia dizer, quando sahia do quarto, «um pouco de trabalho laborioso não lhe pôde fazer mal.»

E trabalho laborioso foi decerto aquelle que depois d'esse dia coube sempre á pobre creança.

Seria difficil decidir qual das duas tinha mais que fazer, se ella, se Anna. Ainda assim talvez fosse mais custosa a vida de Rosalia, por ter de continuar a ir todas as noites ao theatro, e apezar de fatigada e com os pés doridos, ter de desempenhar o seu papel, como de costume, no espectáculo. E quando á noite voltava para casa, tão exausta estava que só a grande custo conseguia subir a escada do sotão para deitar-se na caminha tão pouco commoda.

Mas o trabalho incessante não era o que mais lhe custava; o que pesava a Rosalia eram os ralhos desde pela manhã até á noite, sem que nuca uma palavra de approvação lhe viesse servir de estímulo; as phrases injustas e crueis, e muitas vezes açoutes. E alem d'isto o que ainda muito mais a affligia era ter de servir os hospedes quasi sempre bulhentos e grosseiros, e que faziam e diziam coisas tão más e improprias que até a idéa d'ellas a fazia estremecer quando ajoelhava á noite para orar no seu quarto. Teria ella sempre a força necessaria para abster-se do mal n'um logar tão malvado? Ás vezes até chegava a acreditar que seriam baldados todos os seus esforços; mas o braço do Bom Pastor estava em volta d'ella; ninguém a poderia vir arrebatá-la da Sua mão. Nenhum mal lhe havia de chegar; a ovelhinha do Bom Pastor, sob a protecção divina, estaria sempre livre de todos os perigos.

Rosalia, n'aquelles dias tão agitados raras vezes chegava a encontrar-se com seu pae. Elle estava fóra quasi toda a tarde, e só vinha para casa a horas de as acompanhar ao theatro; muitas noites nem regressava com a mulher e a filha, mas mandava as duas sósinhas para casa n'um trem, e seguia n'outra direcção com os seus amigos e collegas.

Tudo isto, como se pôde facilmente imaginar, vinha mais augmentar a tristeza de Rosalia. Ella teria feito tudo de bom grado, todo e qualquer sacrificio, para poder fazer com que seu pae tambem pensasse na sua alma. Mas seria inutil o fallar-lhe n'este assumpto.

Augusto Mendes, depois da morte de sua mulher, parecia ter o coração ainda mais endurecido, e ter deixado enterradas na sepultura com ella, as suas ultimas convicções do peccado. Resistira em tempo e com tenacidade ao Espirito de Deus; esse Espirito parecia ter cançado de tanto lutar com elle. O Bom Pastor desejou, e anhelou por achal-o; mas aquelle viajante teimoso recusára ouvir-lhe a voz; preferiu o campo vasto e as devezas do peccado, ao aprisco resguardado e aos braços do pastor. Todos os sentimentos bons achavam n'elle uma completa resistencia, e Augusto recusara pela derradeira vez os convites misericordiosos de Deus!

Uma noite estava Rosalia deitada, e junto d'ella o gato na almofada. Ambos descansavam da muita fadiga, e dos maus tractos, quando a menina acordou sobresaltada. Sentira alguém que a abanava, e uma voz que chamava: Rosalia, Rosalia, o que será?

Levantou-se apressada e no mesmo instante viu a seu lado Anna que, segundo denotava a pallidez do seu rosto, estava muito assustada.

—Rosalia, tornava ella, não ouviu nada?

—Não ouviu o que?

—A campainha da porta da rua; eu estava a dormir profundamente e o barulho acordou-me.

—Tens a certeza d'isso? perguntou Rosalia, eu nada ouvi.

—Nem tão pouco a senhora, pelo que vejo; todos em casa ha muito tempo que dormem; mas sou eu, bem vê, que tenho de correr á porta todas as vezes que tocam durante o dia, e estou tão acostumada ao som da campainha que mesmo que ella toque quando eu estou mais aferrada ao somno, desperto logo.

—Parece-me que seria sonho teu, insistiu ainda Rosalia. Mas como se fôra para certificar-as, a campainha tocou

outra vez, e com tão grande alarido, que não deixou d'vidas.

—Porque não vem comigo, Rosalia? perguntou Anna, preparando-se para descer a escada.

—Pois vou, disse Rosalia, não tenho medo.

Assim as duas raparigas vestiram-se á pressa e desceram as ingremes escadas.

Chegadas ao fundo, quem quer que fosse, tocou ainda com mais força e pertinacia, tanto que a dona da casa correu do seu quarto, e perguntou encolerizada, o que aquillo vinha a ser.

—É que tocaram, minha senhora, e eu e Rosalia viemos ver o que era.

—Ai, não é nada, provavelmente alguém que chegou pelo comboio da noite, e enganou-se no numero da casa.

Emquanto ainda fallava, a campainha tocou outra vez e mais imperiosamente; Anna não titubeou mais, e abriu a porta. A noite estava escurissima, todavia ainda poude distinguir um vulto de homem no ultimo degrau.

—Mora aqui a sr.<sup>a</sup> Mendes? perguntou uma voz desconhecida.

—Mora, sim senhor.

—Diga-lhe que é precisa; que se despache e que venha já.

—O que aconteceu? perguntou Rosalia.

—Um desastre, minha menina, o marido está no hospital, foi atropellado por um carro. Se ella quizer aviar-se, acompanhal-a-hei até junto d'elle. Sou um collega do Mendes e aconteceu-me passar por ali na occasião mesmo do sinistro.

Rosalia ficou immovel, sem poder fallar nem mecher-se, Anna correu pela escada acima para dar o recado a sua ama.

—Tudo resultado da bebida, tornou o homem, fallando mais comsigo mesmo do que com Rosalia. Não ha nada peor; e nem viu o carro, mas mettu-se mesmo debaixo das rodas. Eu que passava, disse comigo: Aquelle não pôde deixar de ser o Mendes. Seguiu-o logo á enfermaria, e vim aqui de caminho dar parte á mulher. O negocio é mau e o caso sério!

X

Dentro em poucos minutos descia a madrastra, prompta para sair. Rosalia chegou-se a ella e pediu-lhe encarecidamente que a deixasse tambem acompanhal-os. Por unica resposta disse-lhe que fosse metter-se na cama, e ella e o homem partiram.

Quão comprida pareceu aquella noite a Rosalia! Quizera que o dia amanhecesse, e que algum som, chegando-lhe aos ouvidos, continuamente á escuta, viesse avisal-a de que já tinha voltado sua madrastra.

Já o primeiro raio matutino se introduzira na mansarda, quando de novo ouviu tocarem a campainha, e Anna desceu para abrir a porta. Rosalia sentia-se sem forças para ir lá abaixo ouvir o que tinha succedido.

Não tardou porém o sapatear de chinellas no corredor, e appareceu Anna.

—Dize-me depressa, interrogou vivamente a creança, o que foi que aconteceu?

—Que seu pae está morto, replicou a criada solemne-mente; quando os dois lá chegaram, já elle nem respirava sequer; não tornou mais a recuperar os sentidos, depois das rodas terem passado por cima d'elle. Foi uma morte terrivel.

Rosalia não podia nem fallar nem chorar, ficou deitada inerte e inanimada. O que seria da alma de seu pae? Eis o pensamento que n'aquelle instante mais vinha preoccupal-a. Oh, onde estaria elle agora? Estaria salvo? Existiria alguma esperanza por mais tenue que fosse de que elle teria ido juntar-se com sua boa mulher lá no céu?

Que desfecho tão tragico e terrivel para uma vida de iniquidades e de profanações! Arrebatado no meio dos seus peccados, sem ter tido tempo para d'elles se arre- pender, sem ter tido tempo para ir depor o seu fardo pec- caminoso no seio d'aquelle Salvador, cujo amor houvera escarnecido e rejeitado! Oh! quantas vezes não o tinha chamado e convidado, o Bom Pastor com voz compassiva, e elle não o quizera escutar, e agora já era tarde.

## CAPITULO XVII

**Só no mundo**

No dia seguinte ao enterro do pae, Rosalia estava occupada em varrer as escadas, quando a madrastra saiu da sala e chamou-a lá para baixo.

Logo que Rosalia entrou, disse-lhe ella que fechasse a porta, e perguntou-lhe quanto tempo tencionava demorar-se n'aquella casa.

— Não sei, minha senhora, respondeu-lhe a creança timidamente. — Pois se não sabes, deves saber, que não tenho obrigação nenhuma de te sustentar nem de te vestir, a mim não me és nada. — Tem razão, minha senhora. — E por isso te mandei chamar, para ficares sciente d'aquillo que te espera. Vou arranjar para tu entrares na casa da misericordia; é o logar que mais te convem, pelo menos hão de fazer-te trabalhar bastante, e mandar-te depois servir para uma casa tão boa como esta. — Oh! não, minha senhora! Não posso, não quero ir para lá. — Não quero?! Não duvido que não queiras, mas bem sabes que os pobres não podem ter vontade propria. Se fosses uma rapariga esperta, desembaraçada e forte talvez podesse tomar-te para o logar da Anna, mas uma creatura tão franzina nem ganha o que come. Nada, nada, minha menina; está decidido, acabaram-se os dias regalados; e tão certo como eu aqui estou, entrarás para a casa da misericordia. — Mas, minha senhora, começou Rosalia, parece-mê que minha mãe tinha ainda alguns parentes... — Qual parentes! Nunca tal ouvi dizer, nem creio que os tivesse, ou quando os tivesse ainda, de certo não queriam saber nada de ti. Como já disse um asylo è a casa que te está reservada; irás para lá, e dentro em pouco. E agora põe-te a andar, vae acabar de varrer as escadas.

N'aquella mesma noite, quando já todos em casa dormiam, as duas raparigas subiam as escadas; e Rosalia lançando o braço em volta do pescoço da sua fiel companheira, disse-lhe de mansinho :

— Anna, minha querida Anna, sabes, eu vou-me embora!

— O que? o que diz, menina? Isso sim! Ora não ha!

Entretanto chegaram á triste mansarda, e Rosalia convidando Anna para se assentar n'uma das arcas, contou-lhe o que a madrastra lhe tinha annuciado, mas que ella não poderia nunca conformar-se com similhante idéa, e que por isso tinha tomado a resolução de fugir no dia seguinte antes do almoço e para nunca mais voltar.

— Mas Rosalia, insistiu Anna, a menina não se pôde sustentar do ar, e o que ha de fazer? Se fugir sem ter nada de seu, vae decerto morrer á fome.

— Olha, tornou a creança em voz baixa, posso confiar em ti, Anna, por isso vou mostrar-te uma coisa.

Metteu a mão no seio, e tirou para fóra um pequeno embrulho que abriu, e depois, desembulhando a medalha, entregou-a a Anna.

— O' que linda! exclamou esta, eu nunca a tinha visto.

— Não, prometti á minha mãesinha nunca perdê-la; e não imaginas os sustos que tenho tido, receiando que alguem a visse, e depois quizesse furtal-a.

— Quem é esta linda menina?

— É a irmã de minha mãe. Uma senhora tão boa, tão meiga! Esse retrato foi tirado quando ella era ainda pequena: agora já está casada, e tem uma filhinha. Essa medalha recebi eu pouco antes de minha mãe morrer: foi ella propria quem m'a entregou, recommendando-me que a fosse entregar pessoalmente a minha tia, tão depressa achasse occasião. Escreveu tambem uma carta que hei de entregar juntamente, n'ella deixou dito quem eu sou, e recommenda-lhe que se mostre bondosa para comigo: a carta está aqui, — disse a creança, tirando a do saquinho — a direcção foi feita por minha mãe.

«Senhora Leal» Que letra tão linda, não é verdade?

— Mas, Rosalia, o que tenciona fazer?

— Ir ter com minha tia e entregar-lhe o bilhete.

— É escusado; olhe que ella não a deixa ir; disse que ia mettê-la n'um asylo, e ha de cumprir a sua palavra!

— Bem sei isso, portanto parto amanhã cedinho ainda

antes do almoço. Ella nunca se levanta antes das onze, e por essas horas já eu irei bem longe.

—Mas sabe o caminho, menina Rosalia?

—Nada, não sei, supponho que terei de perguntar. Ai, quando eu lá me achar, Anna, quando eu chegar finalmente a ver minha tia!

Mas a pobre Anna rompeu em soluços, e occultou o rosto entre as mãos. Rosalia procurou consolal-a, e ella esforçando-se por recobrar animo, disse todavia com tristeza:

—Faz bem; sinto que se hão de realisar os seus desejos. Vae ainda ser feliz na companhia da sua tia. Mas eu terei de ficar aqui só! Não tornarei mais a vel-a nem a ouvil-a!

—Pobre Anna! Pobre amiga!—e a creança affagava-lhe os cabellos emmaranhados em suas mãosinhas debeis.—Que posso eu fazer?

—A sua resolução, parece-me boa, Rosalia; antes vel-a partir para casa da sua tia do que entrar para um asylo; mas nunca imaginei que tivesse de separar-me da menina tão cedo. Conte tudo ao Bom Pastor, e peça-lhe que se lembre tambem de olhar algumas vezes por mim, quando a menina já cá não estiver.

—Peço, sim, querida; podemos ambas juntas pedir-lh'o agora mesmo.

E as duas de mãos dadas, ajoelharam emquanto Rosalia balbuciou fervorosamente esta prece singella:

—Vou-me embora, meu Bom Pastor: encommendo-vos Anna. Consolae-a, e guiae-a para o bem; não a deixeis nunca na solidão e na tristeza. Vigiae tambem por mim, conduzi-me a salvo, até á casa da minha querida tia. Se eu e Anna não nos tornarmos mais a encontrar n'este mundo, permitti que no céu nos tornemos ainda a ver! Amen.

Em seguida levantaram-se ambas consoladas, e começaram a fazer os preparativos para a jornada de Rosalia. Ella pouco podia levar consigo para andar tanto, quanto menos peso melhor. Encheu um saquito com as coisas de que mais precisava; embrulhou o seu pequeno Testamento e metteu-o tambem dentro do saquinho juntamente com um par de sapatinhos azues que tinham pertencido ao seu

irmãosinho. Não se esqueceu tambem do quadro, nem do cartão que continha o hymno. Depois de tudo prompto, foram então para a cama; mas nem uma nem outra puderam dormir muito n'essa noite.

Na manhã seguinte, começava a raiar a madrugada, quando Rosalia se dispunha a partir. Embrulhou-se no amplo chale de lã que tinha sido de sua mãe, e sobraçando a trouxinha, passou ao quarto contiguo, para despedirse de Anna.

Esta estava já de pé e acompanhou-a até á porta. Rosalia ia para sair, quando a outra a deteve. Tinha-lhe parecido, que debaixo do chale da sua amiga, vira uma grande bola preta e macia.

—Ora não ha! exclamou ella, então que leva ahi?

—O meu pobre gatinho, não tive coração para deixal-o. Comeu outro dia uma posta de peixe e tua ama zangou-se muito. Disse que o havia de envenenar. Hontem á noite tornou a dizer que era hoje, hoje é que ella havia de dar arsenico ao meu gatinho!

—E como o vae levar? Olhe que elle não hade querer ir quieto todo o caminho, assim embrulhado no seu chale.

—Deixa estar, eu me arranjarei. Quando sairmos da cidade, ponho-o no chão e deixo-o andar; ha de seguir-me como se fosse uma cadellinha.

—Não leva nada para comer pelo caminho, Rosalia? Deixe-me ir buscar-lhe qualquer cousa da dispensa.

—Nada, não; tornou a creança decididamente, não quero nada, porque nada me pertence. Levo um bocado de pão que hontem guardei do almoço, e tenho um pataco que meu pae me deu uma vez, terei de contentar-me com isso até lá chegar.

Depois mettu-se a caminho, sósinha, por esse mundo tão grande, e Anna, da porta, seguia-a com os olhos turvos de lagrimas. Rosalia sem poder decidir-se a apartar-se, talvez para sempre, da sua amiga dedicada, voltava innumeras vezes, a abraçar-se com ella. Quando por fim desceu a rua, eram mais as vezes que se voltava para dizer adeus com a mão á criadita que ficava repassada de dôr parada no limiar da porta, do que os passos que dava. Vol-

tou emfim a esquina, como não podia mais ver a face amiga de Anna, é que se sentiu então verdadeiramente só. As ruas pareceram largas e tristes á pobre orphãsinha que não tinha ninguem que lhe dispensasse cuidados; olhou para o vasto firmamento azul, a esperança estava no céu. O coração cheio de tristeza ergueu-se silenciosamente n'uma prece ao Bom Pastor, invocando o auxilio divino para fazer a salvo a sua jornada, e á memoria occorreu-lhe então uma linda historia, que tinha lido no seu pequeno Testamento, a respeito do Bom Pastor quando ainda andava pelo mundo. Contava esta historia que Jesus houvera enviado dois dos seus discipulos á cidade de Jerusalem, afim de arranjar para Jesus e para elles, um quarto onde podessem comer a Paschoa. Os dois homens não sabiam a que porta deveriam bater; n'aquelle sitio não conheciam pessoa alguma que se promptificasse a dar-lhes alojamento. Dissethes porém o Senhor: que logo que entrassem em Jerusalem, haviam d'encontrar um homem, levando um cantaro d'agua; que o seguissem e que tomassem pelas mesmas ruas por onde elle fosse. Quando elle parasse defronte de nma porta e entrasse, tambem os dois discipulos deviam entrar apoz elle; porque era essa a casa escolhida pelo Senhor, aquella em que haviam de comer a Paschoa. Não sei o que seria que trouxe esta historia á memoria da creança, parada á esquina, indecisa qual o caminho que devia seguir; mas o resultado foi ella desejar ardentemente que tambem lhe apparecesse a ella um homem com um cantaro d'agua, e que servindo-lhe de guia, lhe indicasse qual a direcção que devia tomar. Olhou pela rua acima, mas não viu ninguem que se assimilhasse ao homem descrito por Jesus. Os transeuntes eram numerosos, mas nenhum d'elles levava um cantaro, nem pareciam dispostos a ensinar-lhe o rumo que devia tomar.

—Mas o Bom Pastor é o mesmo, pensou Rosalia, bondoso como sempre,—portanto dirigiu-se a Elle n'uma pequena oração mas muito sincera.

«Ó meu Bom Pastor, mandae, eu vos peço, um homem com um cantaro d'agua, mostrar-me o caminho, estou muito triste, e não sei o que deva fazer. Amen.»

## CAPITULO XVIII

**A caneca de leite**

Rosalia tinha fechado os olhos enquanto orava; quando os tornou a abrir, viu diante de si uma menina cerca de cinco annos de idade muito aceiadinha, com um vestido de chita e um avental branco, e com uma caneca na mão. Rosalia chegou quasi a convencer-se de que ella tinha caído do céu. É verdade que não era um homem, que lhe apparecera, mas sim uma creança, e que a caneca estava cheia de leite, e não d'agua; todavia foi uma coincidência bem singular ella ter apparecido mesmo n'aquelle instante.

A menina estava a olhar com muita curiosidade para a cara de Rosalia: dava-lhe que scismar ella estar com os olhos fechados. Logo que os viu abrir, exclamou:—Quer fazer o favor de abrir-me a porta d'esta loja? receio entornar o leite que trago aqui.

Rosalia voltou-se, e viu então uma lojinha com varios objectos que parecia pouco frequentada. Na vitrine estavam expostas á venda ardosias para creanças, e lapis de pedra embrulhados em papel de côr, piões de madeira, novellos de guita, caixinhas contendo jogos infantis, um cesto cheio de bolinhas de pedra, e varios outros brinquedos que, segundo parecia, tinham certamente mais idade do que a creança.

Rosalia levantou o fecho e abriu a porta como lhe tinham pedido. A menina e caneca entraram. Rosalia sentiu-se tentada a seguil-as; tinha o presentimento de que ali forçosamente encontraria alguém que lhe indicasse o caminho.

N'isto, ouviu uma voz que, partindo d'um quarto contiguo, dizia:—És tu, Perola?

—Sou eu, sim, minha avósinha, respondeu a creança, e olhe que não entornei nem pioga, nem uma pinguinha, minha avó!

—Boa menina! exclamou a avó que apparecia n'este instante a vir receber a caneca das mãos da creança.

—Minha senhora, interrompeu Rosalia aproveitando o

ensejo, pôde dizer-me se é este o caminho que conduz a Pinhão?

—Pois não; é este decerto, retorquiu a velha, não se pôde enganar; á primeira esquina que encontrar tome para a sua direita; achar-se-ha logo na estrada do Pinhão.

—Obrigada, muitissimo obrigada, tornou Rosalia; ainda terei de andar muito, antes que chegue a Pinhão?

—Oh, ainda é um bom bocado, minha querida. Perola, leva o leite ao teu avô que está á espera d'elle para almoçar. Como lhe ia dizendo, minha menina, ainda é um estirão d'aqui até Pinhão, uma distancia aproximadamente de quatorze a quinze milhas.

—Oh, tão longe, suspirou a creança.

—Quem é que lá quer ir? perguntou a velha.

—Sou eu, minha senhora, respondeu Rosalia tristemente.

—A menina! mas com quem, e como? É lá capaz de andar o caminho todo!

—Não ha remedio; obrigada minha senhora; tenho de me apressar o mais que podêr.

— Ora, a menina não aguenta o caminho todo, tenho a certeza d'isso, tão franzina, tão pequena ainda, e só! Nem sei como a sua mãe consentiu em tal coisa!

—Oh, eu já não tenho mãe, exclamou Rosalia, emquanto as lagrimas lhe cahiam em fio pelas faces abaixo; minha mãe morreu. Eu já não tenho paes!

—Pobre ovelhinha! Não chore! tornou a velha enxugando-lhe os olhos com o avental. A Perola tambem já não tem mãe, morreu-lhe; e agora tomamol-a para a nossa casa. Talvez a sua avósinha more em Pinhão?

—Nada, não minha senhora; vou em procura da irmã de minha mãe. Queriam hoje metter-me n'um asylo, mas eu lembrei-me de que, se eu podesse chegar até Pinhão, talvez minha tia quizesse recolher-me.

—Pobre creança! que caminho tem que andar! E já almoçou? A sua carinha não o indica.

—Ainda não almocei, levo aqui um bocado de pão na sacca, mas é para eu comer quando estiver fóra da cidade.

—Anda cá João! bradou a velha.—Em seguida ouviu-se o arrastar de uma cadeira no lagedo da cozinha, e pouco

depois entrou na loja um velhinho, com os olhos na ponta do nariz, um lenço azul atado ao pescoço, e collete de velludo preto. — Olha lá João, tornou a mulher, viste já uma coisa assim! Então não quer este cordeirinho ir d'aqui até Pinhão a pé, e sem ainda ter comido nada todo este santo dia! O que dizes tu a isto, João?

—O que hei de eu dizer, replicou o velho, senão que o almoço está na mesa, e o café a arrefecer.

—Tens razão, e eu digo tambem o mesmo; ande d'ahi minha menina, venha tomar alguma coisa antes de pôr-se caminho.

Não tardou nada que Rosalia se não achasse sentada a uma mesa redonda na pequena cosinha, e diante d'ella uma fatia de bolo ainda quente, e uma chavena de café, exhalando odoriferos vapores. O quarto era pequeno, mas confortavel; o lume crepitava na fornalha do fogão, sobre o qual se via outro bolo prompto e quentinho para substituir o primeiro, logo que estivesse acabado. As tenazes e o atizador pareciam de prata brunida, tudo alli respirava o aceio.

Perola estava sentada n'uma cadeira alta, posta entre os dois velhos; ao lado d'ella a caneca de leite de que se servira para temperar o café para o avô.

O velho mostrou-se muito attencioso para com Rosalia; queria que ella comesse de tudo quanto estava na mesa. Não tinha perdido uma só palavra da conversa que a creança tivera com sua mulher; a cosinha era muito perto da loja, e por isso ouvira tudo distinctamente.

Rosalia não pôde resolver-se a provar migalha sem primeiro pedir á velha licença para repartir com o seu gatinho. «Tem tanta fome, tanta!»

—O seu gatinho! exclamou a velha admirada. Qual gatinho? Onde está elle?

O bichano quiz responder directamente a esta pergunta que lhe dizia respeito, e n'isto começou a espreitar debaixo do chale da sua dona. Todos se admiraram muito de vel-o; mas quando Rosalia lhes contou que tambem era orphão de mãe como a Perola e ella, foi affagado com mimo, e despejaram logo n'um pires para elle o leite que ti-

nha ficado na caneca. Assim o gatinho tambem almoçou lautamente e depois foi enroscar-se ao pé do fogão a ros-nar de contente. Foi um almoço excellente e todos lhe souberam fazer justiça. Enquanto a Rosalia, julgou nunca ter tomado café tão delicioso, nem provado bolo melhor. Perola gostou muito do bichano, e quiz repartir com elle do seu quinhão.

Depois de todos terem acabado, Perola desceu da cadeira e encaminhou-se para uma commoda que estava n'um canto da cosinha ao pé do fogão. Era uma commoda d'estas muito antigas, e em cima d'ella dispostos com cuidado estavam varios livros não menos antiquados, e entre elles uma Biblia de familia, tambem já usada.

Perola encostou-lhe uma cadeira, trepou acima d'ella, e depois de se pôr nos bicos dos pés, conseguiu tirar a Biblia do seu lugar. O livro era bastante pesado, mas com a ajuda de ambos os braços sempre conseguiu trazel-o ao avô. O velho tinha já afastado os talheres e pratos que tinha na sua frente, e depois olhando para a consorte perguntou-lhe :

— Estás prompta, avó ?

Esta respondeu affirmativamente, e depois, arredando a cadeira um pouco da mesa, cruzou os braços. Rosalia seguiu-lhe o exemplo e fez o mesmo. Perola tinha-se sentado n'um banquinho de madeira aos pés do avô.

Houve uma pausa, enquanto o velho tirou d'um estojo de couro segundo par de lunetas que equilibrou no nariz, e depois poz-se a voltar as folhas até que achou o lugar que procurava, e começou a ler um psalmo. O psalmo parecia ter sido escolhido de proposito para Rosalia ; ella quasi que recuou quando ouviu estas palavras :

— O senhor é o meu Bom Pastor, nada me faltarã.

Tal era o primeiro verso, e aquelles que o seguiam demonstravam como o Senhor conduz as suas ovelhas aos pastos verdes e as faz descançar junto das aguas de refeição, enquanto a sua vara e o seu baculo lhes servem de cousolação.

Por aqui terminou a leitura, e o velho fez então uma pequena oração, mas muito apropriada, em que mencionava

tanto Rosalia como Perola, e as entregava ambas ao cuidado do Bom Pastor.

Quando se levantaram disse então Rosalia que era tempo de partir. A velha não consentiu porém que ella sabisse de casa sem que primeiro lhe metesse no sacco um pequeno embrulho do resto do bolo que ficara, e só depois então é que elles todos tres—o velho, a velha, e Perola—foram até á porta despedirem-se de Ro alia.

A velha não se podia resolver a deixar de abraçal-a; Perola pezava-lhe mais do que tudo a separação do gatinho; emfim terminaram as despedidas, e Rosalia partiu; porém, d'esta vez, sentia-se consolada, fortificada, e aquecida interiormente.

Eram perto das oito horas, não havia tempo a perder.

Achou, sem muita difficuldade a estrada de Pinhão e depois obedecendo ás instrucções dos dois velhos, seguiu direita por ella sem voltar nunca para a direita nem para a esquerda até chegar a Pinhão.

Na primeira parte da sua jornada, gostou Rosalia muito do passeio. O sol tornava tudo bello e tepido. De vez em quando punha o gatinho no chão, e lá ia elle a correr ao seu lado.

Depois sentou-se n'um pequeno outeiro, tirou da sacca o bolo que lhe tinham dado e poz-se a comer, não se esquecendo de repartir com o seu querido gatinho d'aquelle modesto banquete.

Mas o dia ia correndo, o gatinho já estava cansado e não podia andar, Rosalia começava tambem a cançar. Os seus passos eram mais vagarosos, e receiava não poder chegar a Pinhão antes do cahir da noite. As nuvens começaram a agglomerar-se no firmamento; encobriu-se o sol, e o vento soprava por entre as arvores e vinha arremessar-se de encontro á pobre creança que difficilmente caminhava contra elle. Para cumulo do infortunio começou tambem a chover; ao principio eram só uns chuviscos, mas pouco a pouco augmentou até que se tornou tão forte que o chale de Rosalia já estava completamente molhado, e o fato já pesado pela chuva prendia-se-lhe aos artelhos; caminhava sempre o seu caminho, mas moida e extenuada de



Rosalia descansando

forças ; a agua cahia em torrentes, e o gatinho debaixo do chale, tremia todo de frio ; Rosalia chegava-o a si para aquecel-o ; affagava-lhe o pello, ora tão macio e agora molhado, e fallava-lhe palavras de carinho e de consolação.

Como Rosalia tinha os pés doridos, as forças gastas de lutar contra o vento frio e penetrante !

Não chegaria nunca á cidade ? Não viria emfim o dia, em que ella chegasse a casa de seus tios ?

## CAPITULO XIX

### Saltão

Rosalia estava pois exausta de forças tanto moraes como physicas, e deliberava renunciar a toda a esperanza, e assentar-se na estrada, quando ouviu um ruido pouco distante. Era o rodar de vehiculos ; pouco depois duas caravanas appareceram e se aproximaram, mas tão parecidas com aquella em que costumava viajar com sua mãe, que a creança ao olhar para ellas julgou estar sonhando.

Eram pintadas ambas de um amarello muito vivo, semelhante ás que pertenceram a seu pae ; tinham tambem nas janellas cortinas de cambraia apanhadas com laços de fita côr de rosa.

Á porta da que vinha na dianteira, estava uma mulher fallando com o homem que guiava.

Apenas passara junto de Rosalia viu-a logo, e gritou-lhe : — Olá ! Para onde é a ida ? — Vou para Pinhão, mas não sei quando de facto lá chegarei. — Dá-lhe uma ajuda, João, tornou a mulher, o dia está de respeito, e a creança não póde contra o vento e a tempestade. — Pois não, respondeu logo o interpellado, encurtando as redeas ; por mim não seja a duvida, se a menina quizer entrar.

Rosalia accitou logo a offerta muito grata, e subiu para a caravana.

A mulher abriu-lhe a porta e logo á entrada lhe tirou o chale molhado de sobre os hombros. — Então que é isso ? É um gatinho que a menina abi traz ? Ora não ha, e como elle vem molhado ! — É verdade, coitadinho ; é preciso en-

xugal-o — está com tanto frio! — Venham ambas para o pé do fogão; isto é, se derem licença, os meus filhos.

Rosalia procurou, mas debalde, em volta de si,—não viu creanças nenhuma na caravana. A mulher porém apontou-lhe um grande cão preto, um pombo, e um gato pequeno todos sentados no chão.—Anda cá Saltão, disse ella dirigindo-se ao gato, vem comigo. Ao pronunciar a palavra Saltão, o gato que pouco antes parecia estar dormindo, levantou immediatamente a cabeça, e saltou-lhe para o regaço. O cão foi mandado para um canto do quarto, e o pombo empoleirou-se-lhe nas costas.

Em seguida a mulher foi buscar uma cadeira baixa para a creança, e esta assentou-se junto do fogão e depois de aquecer as mãos poz-se a enxugar e a affagar o seu pequeno bichano.

Não sabia exprimir por meio de palavras o seu reconhecimento áquella boa gente por a terem recolhido. Tinha a certeza de que João era o homem com o cantaro, a quem Deus tinha mandado para ajudal-a na sua jornada.

A mulher permaneceu ainda algum tempo á porta, falando com o seu marido, e Rosalia teve tempo de olhar em redor de si. O interior da caravana era muito semelhante áquella em que ella havia nascido e vivido tantos annos. Tinham um fogão de cosinha exactamente como o que sua mãe usava; e n'um dos cantos havia tambem um armario cheio de louça em tudo conforme áquelle outro em que Rosalia tinha tantas vezes disposto as chavenas e os pires. Mas o que mais lhe chamou a attenção foi um painel que estava pregado na parede da caravana:--era o quadro do Bom Pastor e da ovelha!

A gravura era a mesma que a d'ella, e por baixo tinha o mesmo texto:

«Alegrae-vos comigo; porque achei a minha ovelha que se havia perdido. Ha alegria na presença dos anjos de Deus sobre um só peccador que se arrepende.»

Rosalia não pode deixar de apalpar no seu saquinho para ver se ainda lá tinha o quadro, tão precisamente se assimilhava áquelle que alli estava pendurado, e que apelar de velho já, porque estava todo denegrido e desbotado

do tempo, tão bello pareceu a Rosalia que os olhos se lhe arrasaram de lagrimas.

Trouxe-lhe á memoria o sonho de sua mãe, e os seus pensamentos voaram pelo espaço áquella mansão celeste, onde poderia ser que n'aquella mesma occasião o Bom Pastor estivesse convidando a sua querida mãesinha para alegrar-se com Ella sobre alguma ovelha que tinha perdido mas que tornara a encontrar.

Estava absorta n'estas reflexões quando a dona da caravana entrou para dentro, e logo começou a indagar de Rosalia, d'onde vinha, para onde ia, e o que tencionava fazer. Ella parecia ser muito amavel comquanto fosse brusca a sua voz.

Emquanto assim conversavam, Saltão conservava-se assentado no seu hombro, e o pombo subira-lhe para a cabeça. O gatinho de Rosalia que parecera ter medo do cão tão grande, trepara para os braços da creança.

Depois de terem fallado em diversas coisas, animou-se Rosalia a mencionar o quadro, e disse que era exquisito vel-o ali, porque trazia um exactamente como aquelle.

—Oh! devéras? exclamou a sua interlocutora, aquelle é do Quim, deu-lh'o um velhinho, na feira de Pinhão, ha de haver um anno.

—Tambem foi ahi que me deram o meu. Quem sabe se o velho foi o mesmo?

—Isso pôde muito bem ser; veiu visitar as caravanas n'um domingo á tarde.

—Exactamente! é indubitavelmente o mesmo, exclamou Rosalia. Trago aqui o meu quadro no sacco, não poderei nunca separar-me d'elle.

—Não? pois olhe o Quim tambem estima muito aquella gravura. Pendurou-a ali na tarde em que lh'a deram, e nunca consentiu que lhe mechessem.

—O Quim quem é?

—E' um rapaz que vive comnosco.

Em meia hora as caravanas pararam, e o celebre Quim entrou. Era baixo; pouco mais alto seria do que Rosalia, e tão corcunda que parecia não ter pescoço. O rosto, engilhado e cheio de rugas, dava mostras de uma idade

avançada. Em estatura dir-se-ia uma creança; mas quem observasse a sua apparencia tão encarquilhada e cheia de cuidados, veria n'elle um velho.

—Quim, aqui te apresento uma menina que encontrámos no caminho, disse a mulher indicando Rosalia.

—Muito folgo em vel-a, menina, respondeu Quim, cumprimentando-a,

—Tenho um quadro parecido com o seu, disse Rosalia, depois de uma breve pausa, quando viu o outro disposto a conversar.

—Oh, tem? Aquelle deram-m'o um dia na feira de Pinhão.

—Foi onde o mesmo velho me fez presente do meu.

Depois, accrescentou em voz mais baixa:

—Elle já o achou sr, Quim?

—A mim! quem? O que está a dizer? e desatou n'uma gargalhada.

—Então nunca leu a historia do quadro? Por baixo vem escripto onde ella se acha.

—Eu, sim, continuou Quim ainda a rir, deu-me um velho aquelle painel, è vae, digo eu só comigo, a estampa é bonita, vou pregal-a na parede; mas depois d'isso nunca quebrei a cabeça em pensar no quadro.

—Mas não imagina o quanto a historia é linda! Eu e minha mãe, costumavamos lel-a quasi todos os dias.

—Se ella fôr bonita tambem eu hei de gostar de ouvir-a; conte-a para abi; é para entreter o tempo emquanto estivermos a caminho.

—Tenho o livro aqui, e se me quizer ouvir ler começo já!

—Comece, comece;—e depois emquanto Rosalia tirava o Testamento do saquinho, chamava Quim pela mulher que estava á porta, fallando com o marido: —Ande cá velhota, venha ouvir ler; a pequena vae-nos nos contar uma historia que dá explicações sobre o meu quadro. Olhe que d'isto é que nada sabia!

Mas o Quim enganara-se, porque quando Rosalia terminou disse a mulher:

—Foi da Biblia que estive a ler. Eu, em rapariga tam-

bem lia muito esse livro. Costumava n'aquelle tempo assistir todos os domingos a uma classe religiosa.

—E agora já não pega nunca no livro? perguntou Rosalia.

—Oh, não sou tão má como julga, accrescentou a mulher, sem attender á pergunta da creança, penso ainda algumas vezes em todas estas coisas. Lá uma mulher como se quer, sou eu á minha moda. Conheço a Biblia soffrivelmente; ha outras muito peores do que eu.

—Então se quizer, continuou Rosalia timidamente, eu lhe procurarei o logar no seu livro, e assim poderá mais facilmente ler esta parábola como fazia antigamente.

A mulher aqui hesitou, e depois disse:

—Verdade é que não trago agora presentemente comigo a Biblia; meu marido mandou todas as coisas de que não precisavamos para casa de uns parentes que temos na Escocia; e a Biblia tambem para lá foi envolvida com varios outros objectos, ha já bem um anno, o que bastante me zangou n'essa occasião.

—Então o Bom Pastor já a achou? perguntou a creança.

—Ora, eu sei lá isso, menina; parece-me que não hei de precisar que procurem muito por mim, não sou das peores. Eu cá me tenho sabido governar a meu modo, é como se quer. O João que o diga.

Rosalia com isto ficou um pouco perplexa.

—Então entra provavelmente no numero das noventa e nove, ponderou ella.

—No numero de que? demandou a sua interlocutora.

—No numero das noventa e nove ovelhas que nunca precisaram de arrependimento; por nunca se haverem perdido, e as quaes nunca o Bom Pastor achou nem levou para casa, dizendo: «Alegrae-vos comigo; porque achei a minha ovelha que havia perdido.»

—Ora bem, interrompeu o Quim, olhando para Rosalia, com ares provocadores de riso, ora bem, se a velhota ali, pertence ao numero das noventa e nove, diga-me então lá, a que numero pertenco eu?

—O sr. Quim melhor do que ninguem o deve saber,—foi a resposta cheia de gravidade.

—Ora essa é boa! Então como hei de eu saber isso! Pois se eu não faço parte das noventa e nove, o que sou eu então?

—Tem realmente empenho em saber-o? perguntou a creança com dignidade; porque se não tem, será melhor não fallarmos mais n'este assumpto.

—Mas tenho sim, disse Quim, n'um tom inteiramente differente; tenho déveras muito empenho em saber-o, e peço-lhe mesmo me dê alguns esclarecimentos.

—Pois bem, vou contar-lhe o que me disse minha mãe, que foi o seguinte: segundo o parecer d'ella, ha n'esta parabola comprehendidas unicamente tres especies de ovelhas. Una, a das noventa e nove ovelhas que nunca se perderam, e que nunca precisaram de arrependimento, porque nunca fizeram nada que não fosse o que deviam; esses porque eram bons, santos, e puros, deviam ser os anjos. D'esses não lhe constava que houvesse n'este mundo.

—Ouve isto, velha? Olhe que pelo que diz a pequena, deve tambem ser um anjo. Mas continue menina, insistiu o rapaz.

—Em seguida ha as ovelhas perdidas, continuou Rosalia; essas, estão cheias de peccados, e erraram para longe do aprisco, não amam ao Bom Pastor, muitas vezes nem chegam a perceber que realmente *andam perdidas*. Desviaram se do caminho que deviam ter seguido não seguem o que é bom nem o que é santo.—Essa é a das ovelhas que se haviam perdido, mas que o Senhor tornou a achar.

—E que taes são ellas? perguntou o Quim.

—São tementes ao Bom Pastor, a quem amam e seguem, não querem nem tão pouco se lembram nunca de sahirem para fóra do aprisco.

—Então além d'essas não pôdem haver outras especies.

—Nada, não; deve haver só estas tres.

—Então, replicou o Quim pensativo: deliberei já a que especie devo pertencer.

—E então? perguntou Rosalia.

—Está decidido que não tomo parte no numero das no-

venta e nove, porque não tenho feito sempre, nem dito aquillo que devia; quantas vezes me tenho encolerizado, jurado, praguejado, e peccado de tantos mil modos! Nada, ás noventa e nove não pertengo! Á classe das achadas? tambem não me parece, porque não amo o Bom Pastor, nem sequer n'Elle penso algumas vezes. O mais certo é eu ser um d'aquelles que andam perdidos. E' triste coisa andar a gente perdida, não é, minha menina?

—Parece-me que sim, admittindo a hypothese do sr. Quim continuar sempre perdido. Mas bem sabe que logo que pertence ás ovelhas perdidas, a essas é que *Jesus veio procurar e salvar*.

—A mim só, e não á velhota tambem? perguntou Quim.

—Nada, a ella não, emquanto pertencer ao numero das noventa e nove, porque diz a Biblia: «O filho do homem veio buscar e salvar os que haviam perecido;» de fôrma que se ella não está perdida, isto não quer dizer com ella.

A mulher em vista d'este modo de discorrer ficou um pouco perturbada; custava-lhe saber que Jesus não tinha vindo tambem em procura d'ella para a salvar.

—E diga-me minha menina, proseguiu Quim, sabendo eu que sou uma ovelha das que andam perdidas, o que hei de fazer?

—Dirigir-se ao Bom Pastor, contar-lhe tudo, dizer-lhe que anda perdido, pedir-lhe que o venha procurar.

—Mas primeiro será talvez preciso a gente *preparar-se* um pouco, perder os máus costumes, tornar-se um pouco apresentavel.

—Nada d'isso é preciso! Olhe d'esse modo não conseguiria nunca voltar para o aprisco. A primeira coisa que tem a fazer é dizer ao Bom Pastor que anda desgarrado; Elle que já ha muito tempo anda em sua procura achal-o-ha então logo, pol-o-ha aos hombros, e leval-o-ha para casa. A' ovelha não compete fazer nada.

—Obrigado pequena; hei de considerar mais a questão, e nunca me hei de esquecer do que me contou esta tarde.—Depois, fazendo-lhe nova venia, Quim sahio da caravana.

Quando Rosalia e a mulher ficaram outra vez sós, disse esta a Rosalia:

—Menina, não posso pertencer ás taes noventa e nove; preciso de arrependimento, sinto-me perdida.

—Estou tão contente, exclamou Rosalia, sabe, então o Bom Pastor tambem anda em sua procura, peça-lhe que a venha encontrar, peça-lhe que a ache!

## CAPITULO XX

### As cadeiras da mãe pequena

Entretanto já se ia fazendo noite. A mulher foi tratar da ceia do marido e do Quim, e Rosalia fatigada de tanto andar, adormecera.

Quando tornou a acordar, já o candieiro de azeite estava acceso, e a mulher despejava agua de uma vasilha que estava n'um canto da caravana para d'entro da chaleira.

—Onde estamos nós? perguntou a creança ainda meia atordoada de somno.

—Já estamos perto de Pinhão, respondeu-lhe Quim que tinha entrado enquanto ella dormia, levante-se, e chegue aqui, se quer ver as luzes lá ao longe.

—Oh, como tudo está tão escuro! exclamou Rosalia.

—Mas que tem isso? Estamos em Pinhão, notou João.

Mal sabia elle que ainda a creança tinha de andar cinco milhas. Eram pois chegados ao campo da feira; ao mesmo campo onde se tinha effectuado a visita do velhinho dos quadros. As caravanas estacionaram. Rosalia tinha agora de separar-se dos seus bondosos hospedeiros, o que fez, com muitos protestos de agradecimento. Ao despedir-se da mulher, segredou-lhe ao ouvido algumas palavras, a que esta respondeu:—Sim, menina; esta noite mesmo o farei;—e depois abraçou-a n'um longo abraço, e beijou-a affectuosa-

mente na testa. Rosalia deixou-se abraçar por elles todos, depois transpoz com saudade os degraus da caravana. Consolava-a porém, uma idéa na sua solidão,— o Bom Pastor que a tinha auxiliado tão milagrosamente, não havia agora de desamparal-a.

O tempo estava frio e humido, as ruas desertas, cheias de lama, e em completa escuridão. A pobre Rosalinha, tão triste e tão só no mundo, caminhava, caminhava sempre, e ainda lhe faltavam cinco milhas de terreno para chegar a casa da tia! Como havia ella de andar ainda tanto, em noite assim escura e fria? Tremia ao lembrar-se que tinha de percorrer aquellas viellas esconsas do campo, sem nenhuma luz que lhe mostrasse o caminho, sem nenhuma mão amiga que a ajudasse a transpôr os sitios menos transitaveis; e maior ainda era o seu receio quando se lembrava de que na cidade tambem nenhuma rua lhe eram conhecidas, e que teria de andar perdida por entre os lupanares do vicio e da maldade, que ella tinha a certeza que existiam ali: proseguia pois, triste e pensativa, uma fileira de casas; quasi todas ellas tinham já trancadas as portas e janellas, mas atravez das fendas, via Rosalia as brilhantes luzes que lá dentro havia, e mais tremia de frio, e chegava mais para o corpinho debil o pobre chále que a cobria.

O ultimo predio do quarteirão era o unico que ainda não tinha disposto tudo para a noite; approximando-se Rosalia, viu sair da porta uma figura infantil, que se chegou para as janellas afim de fechal-as por fóra, mas o fecho tinha-se prendido n'uma escapula na parede, e a creança era tão baixa que lhe não podia chegar, apesar de se ter posto nos bicos dos pés; Rosalia correu logo a offerecer os seus serviços, e sem difficuldade nenhuma desprendeu o postigo.

— Muito obrigada, menina; disse então uma voz que fez Rosalia recuar de espanto. Não era uma creança que falava; era uma mulher, e o timbre d'aquella voz era familiar á menina, tinha-o ouvido mais de uma vez, e ultimamente tinha desejado muito ouvil-o. A voz era a da mãe pequena! Rosalia soltou um grito de intimo jubilo, e lançou os braços em volta d'ella.

A mãe pequena ao principio recuou ; era escuro, e não podia distinguir o rosto de Rosalia, mas quando esta disse em tons amargurados e afflictivos :

— Mãe pequena, querida mãe pequena ; então não me conhece ? Eu sou a Rosalia Mendes, — a pequena velhinha quando tal ouviu toda ella era amor e ternura.

Levou Rosalia para dentro de casa, fel-a sentar n'um quarto confortavel, onde a mesa estava posta para o chá, e onde a chaleira chiava alegremente ao lume, e depois, puchando de um banquinho sentou-se tambem, tomando ambas as mãos da menina entre as suas.

— Agora, conta-me Rosalia, disse ella, o que te levou a vir em minha procura ?

— Não fui eu quem a procurava, exclamou Rosalia, a mãe pequena é que deu comigo !

— Como pôde isso ser ?

— Ora, mas se eu nem tive a minima lembrança de poder aqui encontral-a. Só depois do fecho desprendido é que reconheci que era a mãe pequena que estava por detraz de mim !

— Então, menina, o que te trouxe aqui a esta hora da noite ? A tua caravana está na feira ?

— Nada, não, querida mãe pequena, eu não vim á feira. Estou só no mundo, e ainda tenho de andar cinco milhas.

— Conta-me então tudo isso, Rosalinha.

E a creança tudo lhe contou, — contou-lhe como, e onde tinha morrido sua mãe, a vida que ella passara na hospedaria, — o casamento do pae, os tratos da madrasta, a morte de Augusto ; contou-lhe a historia da carta, e da medalha, a tenção que formara de ir até a casa da tia ; tudo, tudo finalmente lhe referiu, como tel-o-ia referido á sua querida mãesinha. Porque o coração da mãe pequena era compadecido e bom ; Rosalia bem o sabia, e por isso consolava-a, e tinha um certo prazer em desabafar as suas magoas, com quem, tão bem, e com tanta sympathia as sabia avaliar.

Mas no meio da narrativa, levanta se a mulhersinha apressada, dizendo : — Espera, menina, espera, então não

entrou aqui um gato estranho! e ia afugentar o visitantesinho negro, que miava debaixo da mesa, quando Rosalia, detendo-a, lhe disse:

— Deixe-o estar mãe pequena, o gatinho é meu, coitado! veio comigo todo o caminho, e é porque tem muita fome que está a miar.

Não tardou nada, que sabendo isto, a mãe pequena lhe não fosse buscar um pires de leite, que poz no tapete junto ao fogão, e que o gatinho bebeu e se fartou.

Rosalia de bom grado demorar-se-ia ali em tão grata companhia, mas a pendula do relógio que veio interromper o silencio que succedera á narrativa da sua pequena vida, veio lembrar-lhe que ainda não era aquelle o termo da sua jornada. Levantou-se pois, e disse: — O tempo urge, mãe pequena, tenho de me pôr de novo a caminho; ainda tenho de andar cinco milhas.

— Deixa-te de historias, creança! Então julgas que eu consinto em tu saires mais esta noite? Era o que faltava, digo-te eu; a velhice reserva para si certos privilegios, e eu não quero que partas.

— Mas o que quer isso dizer, mãe pequena?

— Quer dizer que vaes dormir cá esta noite, e depois amanhã podes então ir para casa da tua tia, quando tiveres descansado e tomado alguma coisa, aqui está o que eu quero dizer. E ainda não sabes a linda casita que eu tenho, anda cá, vamos vel-a,—e dizendo isto a mãe pequena fel a subir a escada, e foi mostrar-lhe um quartinho de dormir muito bem arranjado, muito aciadinho, que deitava para a frente da casa. Depois levou-a para outro quarto, sito por cima da cosinha e a que ella chamava a sua estufa; estava cheio de uma quantidade infinita de vasos, dispostos sobre caixotes, e que continham toda a qualidade de flores, de fetos e de musgos.

— Este é um dos cantos da casa em que dá sempre o sol, meu amor, disse a mãe pequena; a velhice reserva para si certos privilegios, e a minha mania, como vês, são as plantas. Moro aqui sósinha, e estas flôres veem servir-me de entretenimento. Agora vamos outra vez lá para baixo, quero mostrar-te a minha salinha.

Eram os postigos da janella d'este quarto, os que Rosalia tinha ajudado a fechar. Pendia do tecto um lampeão grande, e das janellas cortinas de cambraia branca. O que, porém, attrahiu mais a attenção de Rosalia, foi um sem numero de cadeiras dispostas todas em fileira; tanto assim, que a mãe pequena, e a sua companheira quasi que não podiam andar por falta de espaço.

— Para que servem aqui todas estas cadeiras, mãe pequena? perguntou Rosalia admirada.

A anãzinha vendo o rosto estupefacto de Rosalia, não poude deixar de rir-se.— Lembras-te, queridinha, de uma occasião em que conversámos juntas toda a noite na caravana?— Só a recordação d'esses tempos trouxe as lagrimas aos olhos de Rosalia.— Oh! se me lembro, mãe pequena, disse ella.

— E lembras-te que me contaste uma historia, ácerca de um quadro que tinhas, e de que eu gostei muito?

— Sim, muito bem me lembro.

— Olha que tambem eu não olvidei nunca a pergunta que então me dirigiste: — Elle já a achou, mãe pequena? pensei n'ella algum tempo, e depois disse-te: — Não, Elle ainda não me achou. Hoje, porém, se quizeres fazer-me a mesma pergunta: Mãe pequena, o Bom Pastor já a achou? a minha resposta será outra. Dir-te-hei que Jesus andou pela terra em busca das ovelhas que se haviam perdido, e quando as procurava veio tambem encontrar a esta velha anã!! Sim, querida, continuou a mãe pequena, — Elle já me achou a mim tambem. Tanto lhe disse que andava errante, tanto lhe pedi que viesse procurar-me, que o Bom Pastor compadeceu-se da minha triste sorte, ouviu-me, pôz-me aos hombros, e levou-me cheio de alegria para o aprisco!

Rosalia ouvindo isto não poude deixar de chorar, mas as lagrimas agora eram todas de prazer.

— Por isso renunciei ás feiras; não julguei ser esse o logar em que podia seguir ao meu Pastor; são ahi taes as distracções, taes as loucuras e as dissipacções! Deixei aquillo tudo. Disse aos da Companhia, que a velhice reserva para si certos privilegios, tinha feito algumas economias, e isto

junto a algum dinheiro que já tinha meu, proveu-me os meios necessários para pôr uma casa minha. Aqui tens tu o sucedido, menina.

—Mas quanto ás cadeiras? disse Rosalia.

—Ah, é verdade, estas cadeiras, sim já te explico. Estava eu certa noite, sentada sósinha junto ao fogão a pensar no Bom Pastor, e como Elle tinha renunciado a vida e soffrido a morte ignominiosa com o fito de poder achar-me e de reconduzir-me para o aprisco; lembrei-me de que era uma grande ingratição da minha parte não tentar fazer alguma coisa que lhe podesse mostrar o meu reconhecimento. Então envergonhei-me da minha inercia, e disse comigo: Mãe pequena, és uma velha ingrata, preguiçosa e inhabil! Mas ao mesmo tempo pensava o que poderia eu fazer? Sou uma anã, todos quantos me vêem riem-se da minha figura, correm atraz de mim quando saio, e compungia-me a dolorosa lembrança da minha insufficiencia. Uma cosia só me restava fazer, era dirigir-me ao Bom Pastor. Ajoelhei e disse: *Meu Bom Senhor não tereis vós algum trabalho para empregar uma pobre mulher que não tem mais de tres pés de altura, mas que vos ama, e que o seu maior empenho é poder servir-vos?* E o Senhor, ouviu-me, Rosalia; e bem depressa me deu que fazer; veio um dia visitar-me o sr Venceslau, e disse: «Tenciono fundar uma classe em que se explique a Biblia á pobre gente d'estes arredores; ás mães que teem filhinhos pequenos e não podem andar muito. A mãe pequena sabe d'alguem, n'este sitio, que se preste o ceder-me um quarto para este fim?» Foi tal a minha alegria, que dancei como nunca tinha dançado, desde que deixei a Companhia Real dos Anões. De fôrma que o sr. Venceslau, perguntou-me o que havia de novo. Julgou provavelmente que eu tinha perdido a cabeça!—E' que acaba de proporcionar-me um ensejo que ha muito tenho desejado, o de poder servir ao Bom Pastor, apesar de não ter mais do que tres pés de altura!—E elle percebeu logo, menina, achou que a minha sala lhe convinha muito bem, todos veem com muita regularidade, e a noite em que se reúne a classe é uma noite felicissima para mim. Agora já sabes para que são as cadeiras. O sr.

Venceslau não pôde tardar por ahi; costuma sempre tomar uma chavena de chá comigo, antes de começarem a chegar os ouvintes. É essa a razão porque retardei a hora da minha ceia; estou á espera d'elle.

Apenas tinha dito estas palavras ouviu-se uma pancada á porta, e a anãzinha correu logo a dar entrada ao sr. Venceslau. Era um velho de face rosada e alegre, e com intonações de bondade na voz.

—Viva, mãe pequena, disse elle adiantando-se para o meio do quarto.

Uma amiguinha minha, sr. Venceslau, disse a mãe pequena, indicando Rosalia.—Mas esta não precisava de apresentação, estendeu a mão ao velho e saiu do quarto, voltando logo depois com o sacco que lá tinha deixado em cima, abriu-o, e depois tirando de dentro o seu querido quadro que tanto tinha feito em seu beneficio, de sua mãezinha, e da mãe pequena, mostrou-o ao velho, e exclamou:—Ainda o tenho, olhe! Conservei-o este tempo todo, oh! e não imagina quanto lhe quero!

Porque o sr. Venceslau era o velhinho de Rosalia, aquelle que a tinha ido visitar á feira, havia então exactamente um anno. Não se lembrava já d'ella, mas reconheceu a gravura; e quando Rosalia lhe contou onde o havia encontrado pela primeira vez, veio-lhe então á memoria a doente, e a bonita creança que tratava d'ella com tanto carinho. Enquanto estavam pois todos tres sentados á mesa tomando chá, contou-lhes Rosalia que aquelle mesmo quadro tinha sido para sua mãe moribunda um mensageiro de paz; e o velho ao escutal-a sentiu uma commoção tão intima de jubilo, que o rosto se lhe illuminou ainda mais, de uma alegria inexprimivel.

Finda a refeição, começaram os concorrentes a chegar.

Era um prazer vêr a mãe pequena saudal-os um por um á maneira que iam entrando. Tinha tantas perguntas a fazer a todos! A uma pedia noticias da tosse do Fredericozinho, a outra do rheumatismo do avô, do sarampo da filhinha mais nova. E todos tinham tambem tanto que contar-lhe! Uma, que o Guilherme sempre havia obtido o em-

prego que desejava; outra, que a velha senhora Joanna tinha finalmente recebido uma carta da filha ausente; que a pequena do Pereira tinha quebrado uma perna, e que a mulher mandava pedir á mãe pequena que lá fosse fazer-lhe uma visitinha de vez em quando.

A anãzinha tinha um coração bom e sensível, e por isso as magoas d'aquella gente eram as suas, partilhava com elles dos seus poucos prazeres, assim como dos seus desgostos. Todos finalmente tinham já chegado, e as cadeiras estavam todas tomadas. O relógio deu as oito horas e todos guardaram profundo silencio emquanto o sr. Venceslau leu um hymno. A isto seguiu-se uma préce, e depois levantou-se o velho para fallar.

Rosalia sentada ao lado da mãe pequena, escutava com attenção, tudo quanto dizia o seu bom amigo. «Se os nossos peccados forem como o carmezim, elles se tornarão brancos como a neve,» era este o texto da pratica, e o sr. Venceslau começou a expô-lo da seguinte maneira:

—D'aqui muito longe, meus amigos, n'um paiz muito remoto chamado a Palestina, ha uma linda montanha cujo cimo está sempre coberto de uma camada da mais branca e purissima neve. Ha muitos annos passados, dormia ali certo dia n'aquella montanha o apostolo João e dois dos seus amigos, e quando despertaram, milagrosa foi a vista que se apresentou aos olhos d'elles.—O Senhor Jesus em toda a sua gloria, e trazendo vestes brancas, brancas como a branca neve.

Decorreram mais alguns annos e permittiu Deus a este mesmo apostolo João o ser arrebatado ao céu; tudo quanto elle ali viu tinha tambem a mesma côr, era tudo branco, tudo puro e sem mancha. A cabeça do Senhor e os seus cabellos eram brancos como a branca lã. Elle estava sentado sobre um throno tambem da mesma côr, e a vasta multidão d'aquelles que o rodeavam tinham vestidos brancos, brancos como a neve, todos alvissimos, scintillantes, puros, sem mancha alguma. Nada, meus amigos, póde entrar no céu que não seja branco, puro, alvissimo, da côr da neve. Quereis saber porque? Porque o branco significa pureza, e nada tem entrada no céu que não seja puro,

santo, livre inteiramente do peccado. Vem outra côr mencionada nas palavras do Evangelho que vos propuz, completamente opposta ao branco; é o *carmezim*, o carmezim vivo; symbolo do que é impuro, do que é profano, do que é desagradavel a Deus, isto é, a iniquidade.

—Os vossos peccados são como o carmezim», diz Deus; e o carmezim não tem entrada na morada d'Elle; nada entra na morada do Senhor que não seja branco, branco como a neve! Nada menos do que a Santidade nos pôde dar entrada no céu. Se nos pozermos diante da porta dos céus e bradarmos: Estou quasi branco, estou mais branco do que o meu visinho—de nada nos servirá isso; é preciso estarmos complamente brancos, brancos como a neve. Uma só mancha carmezim será o bastante para se fecharem contra nós os portões celestes. Oh! meus caros amigos é bem solemne um tal pensamento! Qual de nós n'este quarto, qual de nós mães e filhos, poderá levantar-se e dizer: Não tenho sobre minha consciencia mancha alguma, estou livre do peccado? Os portões do céu hão de certamente dar-me entrada, nunca fiz senão aquillo que devia, estou branco, branco como a neve! Qual de vós poderá dizer isso? Qual de vós ousaria dizel-o diante das portas de Deus? Então bem vejo que já não ha esperança para mim! dizeis vós. Tenho peccado e tornado a peccar. Estou coberto de manchas carmezins, ainda mais, sou todo eu carmezim.

Então, não existe realmente nenhuma esperança, não ha para mim nem a minima esperança? Dizem-me que só o branco, o branco puro tem entrada na mansão do meu Senhor; portanto eu não poderei nunca lá entrar! E será certo? Não haverá effectivamente nem o luzir de uma possibilidade?

Meus amigos escutae-me, escutae ainda mais outra vez as palavras do texto: «Se os vossos peccados forem como o carmezim elles se tornarão brancos como a neve.» Oh, que novas tão surprehendedentes! que goso tão grande, este do evangelho!

—Mas como se faz isso? Como posso eu, que estou todo coberto de manchas carmezins, tornar-me branco como a neve?—Meus amigos ha um meio só. E' o de recorrer ao

Senhor Jesus Christo, aquelle, unico que foi castigado por nós, que tomou sobre si os nossos peccados como se fossem seus proprios; foi punido como se realmente os tivesse commettido. O Deus poderoso que nos amava tanto assim o tinha destinado. E agora já Elle nos pôde perdoar as transgressões, porque o castigo foi infligido n'um por todos. E não só pôde perdoar, mas sabe tambem esquecer. Pôde lavar-nos e purificar-nos; tornar-nos brancos, brancos como a neve. Aqui tendes pois esta noite a offerta d'Elle. É o Senhor Jesus Christo quem vos convida, dizendo:—Ora vindel! Aceitae a sua offerta, aceitae-o a Elle por Salvador, pedi-lhe que vos lave no seu sangue; basta reconhecerdes, pela fé, que Elle morreu por vós, para que os vossos peccados, ainda que sejam como o carmezim, se tornem brancos como a neve. Ainda esta noite mesmo, se o quizerdes, podeis ficar tão brancos, que, se estivesseis diante das portas do céu, ellas se abririam de par em par para vos receberem: tão brancos, que não tereis pejo em vos collocardes entre os que constituem a grande multidão que ninguem pôde contar, e que lavaram as suas vestiduras, e as branquearão no sangue do Cordeiro.

—Meus queridos amigos, quereis aceitar a offerta de Deus? Quereis vir ter com o Senhor Jesus Christo, para que elle vos torne brancos, livres do peccado? Lembrae-lhe pois esta promessa, a promessa contida no mesmo texto, e dizei-lhe, ainda antes de vos deitardes.—Reconheço, ó meu Bom Senhor que são como o carmezim os meus peccados, tornaes-os brancos no sangue de Jesus Christo. Quereis fazer isto? Torno a perguntar-vos, quereis aceitar a offerta de Deus? Quereis, ou não quereis?

## CAPITULO XXI

## + O termo da jornada

Acabada a pratica, e dispersa a gente, o sr. Venceslau, Rosalia e a mãe pequena ficaram sós junto do fogão a conversarem. O velho estava animado por tudo o que lhe contava a creança. Tinha algumas vezes duvidado de que as suas visitas á feira fossem proveitosas, mas este exemplo de quanto Deus tinha abençoado a dadiva de um simples quadro, alegrava-o o vinha-lhe servir de estímulo para novos esforços em beneficio dos pobres vagabundos, de cujas almas tão poucos se occupavam. No proximo domingo dizia elle, era o dia destinado para ir ás barracas e caravanas da feira, mas agora havia de entrar n'ellas com mais esperanza, e mais fé. Rosalia, ouvindo isto pediu-lhe fosse tambem fallar á mulher que tinha encontrado no caminho para Pinhão, e para melhor dar com a barraca d'ella, explicou-lhe que tinha um letreiro por cima que dizia,— «Lord Fatimore e outras variedades interessantes;» lá, tinha ella a certeza de que seriam fructiferos os seus conselhos. Fallou-lhe tambem no Quim, e recommendou-lhe com especialidade, se não esquecesse de perguntar por elle. Pouco depois retirou-se o sr. Venceslau, e a mãe pequena obrigou Rosalia a ir deitar-se, porque a creança estava fatigada pela longa viagem d'aquelle dia. Dormiu profundamente toda a noite, e no dia seguinte quando acordou já a mãe pequena estava junto da sua cabeceira com uma chavena de chá nas mãos.

—Anda menina, disse ella, — toma isto antes de te levantares.

Rosalia tomou a chavena, dizendo:—Ó minha querida mãe pequena, como é tão boa para comigo!

—O que eu quizera meu amor, era poder gozar sempre da tua companhia, reterquiu a meiga anãzinha; mas

olha Rosalia, se te não deres bem em Meltão, ou se vires que a tua estada lá não é agradável a teus tios, volta immediatamente para Pinhão. Podíamos viver tão bem juntas! Sinto-me algumas vezes muito só, e quizera ter alguém que me fizesse companhia; o pouco dinheiro que possuo, chega para nós ambas. Por isso repito, menina, se não gostares de ficar em Meltão, ou se te parecer que a tua chegada incommoda aos que lá tens, põe-te logo a caminho para esta casa. Olha o que digo, e quando eu digo uma coisa é porque o sinto, a velhice reserva para si certos privilégios, e eu exijo que me obedeças!

— Minha bondosa, minha querida amiga! exclamou Rosalia lançando-lhe os braços em volta do pescoço, não posso, não, não poderei nunca manifestar-lhe o meu agradecimento.

Depois do almoço recomeçou então Rosalia, a sua jornada. O gatinho preto occupava o lugar costumado nos seus braços, e além do saquito levava mais um embrulho contendo o lunch que a mãe pequena lhe tinha obrigado a levar para comer quando sentisse fraqueza.— Lembra-te, lhe gritou ella quando Rosalia descia já a escada, se não encontrares tudo conforme em Meltão, eu cá estou á tua espera.

No seu caminho passava ella pelo campo da feira, e não poude resistir á tentação de passar por ali e ir um instante á caravana agradecer outra vez aos donos d'ella, a bondade que lhe tinham dispensado na vespera. Encontrou a mulher á porta ensaboando roupa d'ella, do marido, e do Quim, emquanto este ultimo se occupava em ir estendendo as peças já lavadas n'uma corda presa ás duas caravanas.— Viva! exclamou elle avistando Rosalia, para onde é a ida?— Contou-lhe a creança que tinba passado a noite na villa; e que proseguia agora na sua jornada.

— Olhe lá menina, ainda não me esqueceu o que me disse hontem ácerca do quadro; agora gosto muito mais d'elle, do que d'antes!—Aproximou-se em seguida da mulher, mas esta não a viu senão depois de Rosalia ter já transposto as escadas da caravana: todavia pareceu á menina, ver brilhar lagrimas nos olhos d'ella, apesar de não

poder ter a certeza, porque estava a lavar e tinha a cabeça baixa.

— Ah és tu! disse ella por fim, vendo Rosalia,—estava agora mesmo a pensar em ti.

— Em mim? e porquê?

— Por causa da conversa que tivemos hontem sobre as ovelhas perdidas.

— E lembrou-se hontem á noite de pedir ao Bom Pastor que viesse procural-a? perguntou Rosalia.

— Pedi-lhe sim, não me esqueceu, todavia em lugar d'Elle me ter encontrado, sinto-me cada vez mais afastada do aprisco; e nunca, como hoje, me senti tão grande pecadora.

— Então é porque o Bom Pastor anda já em sua procura, tornou Rosalia; Elle espera só que nós cheguemos a conhecer que realmente andamos perdidos, e depois está prompto a vir encontrar-nos.

— Oh! se isso assim fôra, volveu a mulher já esperançosa, lembre-se algumas vezes de mim, sim menina?

— Pois não! hei de lembrar-me de si muitas vezes.

Não quer entrar e descansar um pouco?

— Nada, não, muito agradecida tornou Rosalia; vou-me já embora; mas primeiro quero agradecer-lhe a bondade que teve hontem para comigo.

— Não tem de que agradecer-me, só fiz o que pude, e dizendo isto abraçava Rosalia cordialmente,—o que lhe peço é que se lembre algumas vezes de nós.

Rosalia saiu então do campo da feira e dirigiu-se para a estrada de Meltão. Como era estranha a perturbação que sentia! Faltava só andar cinco leguas, e depois veria a sua tia que ella desejava havia tanto ver! Quantas vezes não tinha anhelado contemplar pessoalmente o rosto querido que apresentava a effigie na medalha! Quantas vezes não tinha suspirado por entregar-lhe a carta de sua mãe, e ver a tia lê-la! O encontro da tia, e a entrega da carta, tinham-lhe occupado muitas, muitissimas vezes os seus pensamentos durante o dia, e se misturavam nos seus sonhos durante a noite.

E todavia agora, agora porque se tinha approximado a hora

desejada, sentia Rosalia assaltarem-lhe o espirito mil receios e inquietações vivas. Olhou para o pobre vestidinho que trajava, e pareceu-lhe mais usado, mais velho e desbotado que nunca. Tirou o chapéu, e notou com assombro quanto a fita preta que lhe dera Tobias estava engilhada e russa da muita chuva que apanbára. O que diria a tia Luiza quando visse entrar pela porta do jardim uma creança tão pobrememente vestida! A imaginação de Rosalia reproduzia-lhe com traços vivos o fato que trajava a creança que vira n'aquelle mesmo jardim havia um anno; o fato de sua prima, tão elegante, tão bom, tão differente do d'ella! Seria bem ou mal aceita! O que iriam pensar d'ella? Os tios tiuham tido repetidos dissabores com o pae; poderiam receber a filha com agrado? Rosalia esteve quasi tentada a renunciar ao seu proposito, e voltar para casa da mãe pequena. Mas lembrou-se das palavras de sua querida mãesinha que lhe dissera: «Se tiveres algum dia ensejo de ires ter com a tua tia Luiza entrega-lhe esta carta.» E custasse o que custasse, Rosalia havia de dar cumprimento ás ordens de sua mãe. Mas quanto mais se aproximava da villa tanto mais acanhada se sentia, e tanto mais devagar andava.

Era perto do meio dia quando a creança chegou a Mel-tão. Os operarios comiam o parco jantar, e pouca gente se achava nas ruas. O coração de Rosalia palpitava tumultuosamente. Passava junto da mesma casa onde parara a caravana havia um anno. Lá estava o tecto colmado, a cabana tal qual d'antes, respirando o aceio e a tranquillidade; o jardim com as ruas varridas, com as mesmas flores, os mesmos arbustos.

Não tardou nada que não chegasse á casa grande perto da igreja, que sua mãe desejára tanto ver. Abriu os portões de ferro, com mão tremula de commoção, e subiu o passeio largo e areiado que conduzia até á porta, no centro da qual se via uma argola; de um dos lados havia um cordão de campainha, Rosalia ficou indecisa sem saber se devia bater ou tocar; quizera que alguém tivesse a lembrança de chegar á janella e lhe perguntasse o que ella queria. Mas os minutos passavam, e não apparecia

ninguem. Animou-se a levantar a argola e deu uma pancadinha tão tímida, tão tremula, que ninguém dentro de casa a ouviu. Reanimou outra vez as forças, e tocou a campainha. D'esta vez foi tão grande o alarido, que Rosalia poz-se a tremer mais do que nunca. Seguiu-se um momento de silencio, depois ouviu um pequeno ruido; soaram passos ligeiros na casa de entrada e a porta abriu-se, deixando apparecer o vulto de uma rapariga talvez de dezoito annos de idade, que trajava um bonito vestido de chita, um avental muito branco, e que tinha pousada graciosamente sobre a cabeça, uma touquinha redonda de cambráia branca. Rosalia ficou tão embaraçada que não ousou levantar os olhos do chão e nada disse.

—O que pretende, menina? perguntou-lhe affavelmente a rapariga.

—Quero saber se a sr.<sup>a</sup> Leal está em casa; disse emfim Rosalia; trago aqui uma carta que desejo muito entregar-lhe.

—Não, a minha ama não está agora em casa, disse a creadinha, mas se quizer deixar-me a carta, eu me encarregarei de lh'a entregar pessoalmente.

—Não pôde ser, proseguiu Rosalia timidamente, se me deixasse esperar até que ella viesse! Eu antes quizera dar-lhe eu mesma o bilhete.

—A senhora não se pôde demorar. Quer a menina ir esperal-a n'aquelle caramanchão? Ali não dá o sol.

—Obrigada, então esperarei lá, respondeu Rosalia.

—Vou mostrar-lhe o caminho, é por detraz d'aquellas arvores. — Rosalia, desde que começara o dialogo com a rapariga, notára que aquella voz não lhe era de todo estranha, e agora que ousou olhar-lhe para a cara emquanto ambas caminhavam juntas, reconheceu nos grandes olhos castanhos, no cabello negro e nas faces rosadas, as feições de uma antiga amiga. Parou de repente e exclamou:

—Diga-me é a Jessica, pois não é?

—Então a menina conhece-me?

—Pois não se chama Jessica?

—Chamo-me, sim menina; o meu nome é Jessica, mas quem lh'o disse, e d'onde me conhece?

—Então não se lembra de mim? Não se lembra d'aquella noite tempestuosa passada na caravana quando a minha mãesinha estava tão doente?

—Pois é a Rosalia! és tu? exclamou a rapariga admirada. E eu sem te conhecer, quando se não fosses tu e tua mãe, não estaria agora aqui? Quanto me alegra tornar a encontrar-te! qual é o teu destino, querida? A tua caravana está na feira de Pinhão?

—Não, Jessica, não está; agora já não moro n'uma caravana; vim aqui a pé para dar esta carta á sr.<sup>a</sup> Leal da parte de minha mãe!

—Então a tua mãe sempre melhorou? Quanto folgo! disse Jessica. Ella n'aquella noite estava tão doentinha!

—Oh! não melhorou não; e a pobre creança desatou a chorar; esta carta já ha muito tempo que foi escripta!

—Pobre Rosalia! quanto sinto por ti! Não chores, queridinha, dizia Jessica, lançando-lhe o braço em volta do pescoço e chorando tambem com ella.

—Olha, Jessica, volveu a creança por entre lagrimas, lembraste-te de dar a tua ama o recado de minha mãe?

—Se me lembrei! Então julgas que eu teria sido capaz de olvidar uma coisa que ella me houvesse dito, quando, se não fosse pelas palavras d'aquella noite eu não estaria agora aqui?

—Ainda te lembras do que disseste á sr.<sup>a</sup> Leal, Jessica?

—Lembro-me. Logo na primeira vez que ella foi a minha casa, contei-lhe tudo quanto tinha feito, e onde tinha estado. Depois, disse-lhe que havia encontrado uma mulher que a tinha conhecido havia muitos annos, mas que, a não via ha muito, muito tempo, e que me tinha incumbido de lhe dar um recado. Perguntou-me quem essa mulher era, e qual o recado que mandára. Respondi-lhe que se chamava Leonor, outro nome não lhe conhecia, e que essa Leonor lhe mandava muitas lembranças, e me tinha pedido para lhe dizer que pouco tempo já tinha a viver, mas que o Bom Pastor a tinha procurado e achado, e que não receiava morrer. Quando ouviu isto chorou muito, e foi-se embora. D'ali a meia hora, porém, voltou e fez-me varias perguntas ácerca de tua mãe, ás quaes eu respondi

tanto quanto sabia. Disse-lhe que a tal Leonor estava gravemente doente e que tinha gostado do hymno. Fallei-lhe em ti, e contei-lhe o desvelo com que tratavas a enferma; contei-lhe tambem as lindas fallas que tua mãe teve comigo, e como ella insistira tanto para que eu pedisse ao Bom Pastor que me procurasse, até que eu seguindo os conselhos d'ella, pedi ao Senhor viesse em minha procura, e Elle parece que me ouviu e leva-me agora aos hombros; contei-lhe tambem a bondade com que me trataram, dando-me dinheiro e fazendo-me prometter que indagaría o caminho que levava a caravana, e o nome da feira em que ella havia de parar. Sobre isso fez-me a minha ama varias perguntas, entre ellas se eu sabia qual era a cidade em que se demorariam em seguida áquella para onde se dirigiam quando eu as encontrei. Mas a isto não lhe soube responder. E lá me ia esquecendo que tenho de tratar do jantar! Logo que chegar a senhora eu a avisarei, de que estás aqui. — Rosalia resolveu sentar-se emquanto esperava, mas era tal o seu estado de exaltação, que se não poude conservar socegada, e só achava quietação quando de vez em quando levantava a alma n'uma préce ao Bom Pastor, pedindo-lhe que preparasse o coração da tia para recebê-la e amal-a.

## CAPITULO XXII

### **O encontro do cordeiro perdido**

O tempo parecia a Rosalia correr lentamente emquanto esperava por sua tia. Os minutos eram como horas. O minimo ruido vinha sobresaltá-la, a queda de uma folha, o vôo de um passaro, ou outra qualquer bulha igualmente insignificante, parecia exagerada aos ouvidos de Rosalia, tal era a agitação do seu espirito. Por fim ouviu passos e um roçar de vestidos de pessoa que vinha já perto; Rosalia ficou immovel, agora que o encontro tão desejado se ia realisar sentia voltarem-lhe todos os antigos receios. Os passos eram apressados e quasi que de repente appareceu a

tia Luzia que a estreitou n'um longo e carinhoso abraço.

—Ah! querida Rosalia! exclamava ella cheia de jubilo, até que enfim te encontro.

Porque Jessica já tinha dito á sr.<sup>a</sup> Leal que era a filha de Leonor quem a esperava no jardim.

A commoção embargou a voz de Rosalia e não lhe permittia pronunciar palavra. Porém a tia Luzia repetia, e tornava a repetir cheia de alegria, «Rosalinha, minha querida Rosalina, até que enfim eu te encontrei!»

—Tinha andado em minha procura, minha querida tia? perguntou por fim a creança.

—Ha muito tempo que eu te busco, depois que Jessica voltou não tenho affrouxado nas minhas pesquisas. O meu mais ardente empenho era ver tua mãe, mas quando cheguei ao sitio que me indicaram, já ella tinha morrido. Visitei-lhe a sepultura, Rosalia, que mais já me não era permittido! O meu marido acompanhou-me, e pelas indagações d'elle é que soubemos que ella havia expirado na feira. Desde então, pobre creança, os meus esforços todos teem sido para descobrir o teu paradeiro; e muitas vezes tenho perdido o fio, até que ultimamente, desalentada, tinha renunciado á esperança de encontrar-te. Quanto me sinto agora reconhecida!

Acabados os primeiros transportes tirou então Rosalia a carta preciosa do sacco e deu-a a sua tia. Como a mão d'esta tremia, desdobrando o papel! Era como se recebera aquella mensagem do outro mundo! Começou a ler, mas eram tantas as lagrimas que lhe arrazavam os olhos, que lhe custava a distinguir os caracteres. O conteudo da carta era o seguinte:

«Minha estremecida irmã: Traço estas linhas na esperança duvidosa de que Rosalia as faça algum dia chegar ás tuas mãos. Disse na esperança duvidosa, mas duvidosa não deve ella ser, pois que tantas vezes tem sido o thema das minhas orações fervorosas. Oh! quantas vezes não tenho pensado em ti, desde o ultimo dia em que te vi! Quantas vezes, desde então, em sonhos me tens tu apparecido e fallado! A minha doença e a extrema fraqueza em que me acho, não permitem que seja tão extensa como eu de-

sejaria; todavia quero dizer-te que não teem sido baldadas as préces numerosas que tens formulado por tua desditosa irmã; o Bom Pastor encontrou a ovelha que se havia perdido, e na sua bondade encaminhou-a para o aprisco. Estou convencida de que sou uma das maiores peccadoras que teem existido, mas sei por outro lado que as minhas iniquidades foram todas lavadas no sangue de Jesus.

Estou tão exausta; ainda quizera dizer-te tanta coisa; mas não póde ser. O que te peço é que, se te fôr possível, salves a minha filha, a minha querida Rosalia, da sorte de sua mãe. É uma creança tão meiga! Estou certa de que não poderais deixar de gostar d'ella, sinto uma dôr que me atravessa o coração por ter de deixal-a no meio de tantas, de todas estas tentações. Bem sei que não mereço de ti favores; não imaginas o que me tem custado as vezes que te teem pedido dinheiro em meu nome! Essa tem sido uma das amarguras da minha triste vida. Mas se poderes salvar a minha Rosalina, oh, querida irmã, até no céu parece-me que o hei de saber e minha alma se ha de alegrar; sei bem que não mereço mais do que a vergonha e o castigo, peço-te, porém, isto em nome d'aquelle, que disse: «Todo o que receber em meu nome um d'estes pequeninos, a mim é que recebe.» Tua irmã dedicada, Leonor.

—Quando foi que tua mãe escreveu esta carta, Rosalia? perguntou-lhe a tia Luzia afinal quando poude fallar, depois de acabar a leitura.

Disse-lhe a creança que tinha sido escripta poucos dias antes de ella morrer; e depois mettendo a mão dentro do vestido tirou para fóra a medalha, e entregou-a á sr.<sup>a</sup> Leal dizendo:

—Conhece esta medalha, minha tia?

—Se conheço! Fui eu quem a dei a tua querida mãe ha já bastantes annos, oh! ainda ella estava comigo em casa. Lembra-me que andei muito tempo a ajuntar o dinheiro preciso para compral-a.

—E por isso a minha mãesinha lhe queria muito e muito. Disse-me que lhe houvera promettido guardal-a emquanto vivesse, e recommendou-me dissesse á tia que ha-

via sabido guardar a sua palavra, ainda que para isso se tinha visto obrigada a escondel-a com medo que alguém lh'a furtasse. Eu tambem a tenho sempre trazido aqui pendurada ao pescoço, e encoberta com o vestido, com muito medo de a perder; durante o inverno estivemos sempre n'uma grande hospedaria, e o meu receio todo era que alguém a visse e m'a quizesse tirar.

—E teu pae, onde está elle agora, Rosalia? perguntou-lhe a tia com uma anciedade indivisivel.

—O meu pae morreu, respondeu a menina; ha de haver já uma semana.

E em seguida narrou o desastre e a morte no hospital.

—Então és minha, só minha, Rosalia! e a sr.<sup>a</sup> Leal abraçava-a com effusão. És a minha sobrinha, serás tambem a minha filha; e ninguem de cá te virá arrebatat dos meus braços!

—Ah, minha querida tia Luzia, posso eu realmente ficar comsigo?

—Ficarás sim, minha Rosalinha, ha muito tempo que te procurava por toda a parte; o meu unico receio era que teu pae não consentisse em separar-se de ti. Mas agora ponhamos ponto á conversa, e anda comigo que te quero apresentar a teu tio, que está com bastante vontade de conhecer-te.

Rosalia tornou a assustar-se quando ouviu dizer isto, mas levantou-se e dispunha-se a seguir a tia para casa, quando repentinamente se lembrou do gatinho, que tinha coberto com o chále e que dormia enroscado a um canto do caramanchão.

—Que lindo gatinho! exclamou a tia; como a Mimi vae ficar contente, quando o vir; ella é tão amiga de gatos! Ainda no outro dia me fez prometter que eu lhe havia de arranjar um. Vamos dar-lhe alguma coisa de comer.

Ao ouvir estas palavras Rosalia respirou, porque sentiu o peito alliviado do enorme peso que o opprimia. Teria sido um grande desgosto para ella o separar-se do seu fiel companheiro.

O tio recebeu-a com muita affabilidade, e disse-lhe com um sorriso de bondade que muito se alegrava por terem encontrado a flor das campinas, que d'ali em diante passaria a florescer no seu jardim. Em seguida Rosalia acompanhou sua tia ao andar superior, afim de se arranjar para o jantar. A creança julgou nunca ter visto um quarto tão lindo como era aquelle em que dormia sua tia. Das janellas viam-se campos, arvores, e tudo de uma verdura encantadora. A tia foi a um guarda-roupa que estava a um canto do quarto e tirou de dentro um embrulho. Abriu-o e viu então Rosalia um lindo vestidinho preto, muito bem acabado.

— Este vestidinho, disse a tia, chegou hontem para a minha filhinha Mimi, mas parece-me que te ha de servir; queres vestil-o Rosalia?

— Como é bonito! exclamou a creança, mas, minha tia, elle é da Mimi, e ella certamente ha de precisar d'elle.

— Não te afflija isso, querida; a Mimi está de visita em casa do tio Gerardo, e antes d'ella voltar tenho eu muito tempo de lhe mandar fazer outro.

Rosalia quasi se não conhecia, no seu trajo, depois de effectuada a mudança; o vestido da prima ia-lhe ás mil maravilhas, era como se fosse feito de proposito para ella.

A sr.<sup>a</sup> Leal não se fartava de mirar a sobrinha, e para completar a toilette foi buscar uma fita preta e atou-lhe a medalha ao pescoço. Já não era mais preciso a menina trazel-a escondida.

Desceram então á casa de jantar, e Rosalia tomou logar á mesa entre o tio e a tia. Jessica ficou muito admirada quando lhe mandaram pôr um talher para Rosalia, mas a ama que lhe adivinhara o espanto, apressou-se em chama-la para um quarto contiguo, onde lhe contou a historia da menina, e fel-a prometter guardar segredo, e não dizer a pessoa alguma na villa, onde ella havia já encontrado a creança. A rapariga prometteu isto promptamente. Não havia nada que Jessica não fizesse por amor de Rosalia, disse ella, porque se não fôra a pobre creança e sua mãe, não estaria ella agora a servir n'aquella casa.

N'aquella mesma tarde estava a menina sentada n'um

banquinho aos pés da tia Luzia e parecia conversar animadamente. Estava-lhe contando a historia da sua vida, isto é, do que podia recordar-se. A sr.<sup>a</sup> Leal escutava avidamente tudo quanto dizia respeito á sua pobre irmã; e muitas foram as lagrimas que derramou, e muitas as perguntas que dirigiu a Rosalia. Depois da menina ter acabado, disse-lhe a tia que estava muito e muito satisfeita por poder tel-a sempre na sua companhia, e mais ainda porque tinha a certeza de que Rosalia amava ao Bom Pastor, e não prejudicaria em nada a sua prima Mimi, antes em tudo a havia de encaminhar para o bem. A creança agradeceu tão bondosa confiança com um sorriso, acariciando ao mesmo tempo a mão da sua tia.

—Portanto Rosalia, continuou a sr.<sup>a</sup> Leal, é preciso que me consideres como tua mãe; que me contes tudo quanto te affliger, e me peças quanto precisares.

-- Parece-me, tia Luzia, que o pasto é bem verde!

—O que queres tu dizer, filhinha? perguntou a tia.

—Quero dizer que ultimamente tenho-me sentido muitas vezes só, e tão infeliz, mas o Bom Pastor conduziu-me finalmente ás verdes pastagens; não acha?

A sr.<sup>a</sup> Leal só pôde responder, tomando a menina nos braços e beijando-a affectuosamente.

Na manhã seguinte quando Rosalia abriu os olhos, ao principio não se lembrava onde estava. Tinha sonhado que morava ainda na hospedaria, e que Anna lhe tocara na mão para despertal-a para a leitura durante os dez minutos da manhã, mas era só o gatinho, que estranhando a sua nova residencia, tinha saltado para cima da cama, e lhe lambia as mãos. — Pobre gatinho! exclamou Rosalia affagando-o carinhosamente; não sabes onde estás? — O bichano rosnavava de contente, sentindo-se assim consolado; Rosalia teve tempo de olhar em volta do quarto, era o da prima Mimi: a tia tinha dito a Rosalia que dormiria ali, até que estivesse prompto outro quarto exactamente igual áquelle. A cama era pequena e de ferro, com cortinas de cambraia branca. Poz-se a espreitar do seu ninhosinho para dentro do quarto contiguo, que preparavam para ella. Como o Bom Pastor havia sido generoso para com a sua pobre

ovelhinha orphã de pae e de mãe! Aqui, abrigada e estimada pelos tios viveria sempre socegada e feliz: não seria mais preciso ir representar para um theatro de feira. Poz-se de joelhos e dirigiu a Deus a seguinte préce:

— Oh, meu Bom Pastor, do fundo do coração vos agradeço haveres-me conduzido para um pasto tão verdejante. Ajudae-me a servir-vos, a amar-vos; e a agradecer-vos em tudo. *Amen.*

### CAPITULO XXIII

#### O pasto verdejante

N'aquella manhã depois do almoço, foi a sr.<sup>a</sup> Leal com Rosalia a Pinhão n'um carrinho, puchado por garranos, comprar a mobilia para o quarto da creança. Rosalia gostou muito do passeio, e não se fartou de admirar as compras todas que fez sua tia. Na volta para casa porém disse-lhe: Teremos tempo, minha tia de ir até a casa da mãe pequena? Deve estar inquieta por saber se cheguei bem a Meltão.

—Vamos já lá — respondeu a sr.<sup>a</sup> Leal, promptamente, porque queria tambem agradecer á boa anãsinha os favores que dispensára á sua pobre irmã e á filhinha. Mas quando lá chegaram acharam a velhinha de cama e muito doente; todavia podia conversar, e parecia estar muito contente com a visita de Rosalia. Disse que tinha adoecido durante a noite de repente com uma dôr sobre o coração De manhã pediu a uma das visinhas que fosse chamar um medico, e este logo que a viu disse que não era prudente ella estar n'uma casa inteiramente só sem ter ninguem que lhe fizesse o serviço.

—Portanto o que hei de eu fazer, minha senhora? perguntou a mãe pequena. Diz o medico que arranje eu uma rapariga para casa; eu arranjava sim, n'isso não está a duvida, mas é que não posso supportar as raparigas, cheias de vaidade e exigentes. Nada, a velhice reserva para si certos privilegios, eu não posso atural-as.

Não posso não! — e dava com a pequena mão na mesinha de cabeceira. — Ainda, se eu tivesse alguém que me indicasse uma rapariga conhecida, séria e aceiada... grande salario não posso eu dar, mas o que poderei garantir-lhe é uma casa confortavel, e bom tracto.

— Olhe tia, Anna não serviria? exclamou Rosalia, levantando-se da cadeira.

— Mas quem é a Anna? perguntou a mãe pequena.

— E' uma engeitada do asylo, — e Rosalia passou a contar-lhe a triste vida da pobre, que nunca tinha tido ninguém que a estimasse, e a quem ralhavam desde pela manhã até á noite. A boa da anãsinha não podia já reprimir as lagrimas, e logo que a menina acabou de fallar exclamou decidida:

— E' preciso que ella venha, que ella venha já. Diz-me onde ella mora, Rosalia, que é para eu pedir ao sr. Venceslau que lhe escreva.

— Mas ella não sabe ler, disse Rosalia com voz maguada: e a ama decerto não lhe entragará nunca a carta. O que havemos de nós fazer?

A mãe pequena porém affirmou que tudo se havia de arranjar; e depois de ouvir a rua e o numero da porta da hospedaria, disse que não haveria difficuldade nenhuma, em fazer chegar a Anna um recado, porque ella, a mãe pequena, tinha muitas vezes ouvido ao sr. Veuceslau dizer que tinha n'aquella rua um amigo, tambem ministro, e este certamente, fallando-lhe n'isso, não teria duvida em ir fallar com a rapariga.

O tempo corria pois ditoso para Rosalia na companhia da tia; liam, conversavam juntas, e todos os dias iam visitar os pobres á villa. A affeição entre as duas estreitava-se cada vez mais, e Rosalia todos os dias dava graças ao Bom Pastor por havel-a conduzido a pastos tão verdejantes. Passando uma semana, voltou a pequena Mimi para casa. Como era boa, meiga e alegre! Rosalia logo á primeira vista sentiu-se atrahida para ella, porque tambem o rosto sympathico da prima já lhe não era extranho. Tinha-o contemplado e analysado repetidas vezes, porque Mimi era a propria imagem da creança cujo retrato ella tinha na me-

dalha; podia julgar-se que era a sua propria photographia tanto se parecia ella com sua mãe quando tinha aquella mesma idade. Não tardou nada que as duas meninas se não fraternissem; aprendiam, passeiavam, brincavam juntas; nunca ninguem as viu altercarem, ou zangarem-se uma com a outra.

Pouco depois da chegada de Mimi, resolveram as duas, irem um dia de carruagem até Pinhão. Pediram para isso o consentimento da sr.<sup>a</sup> Leal, que logo lhes concedeu, e depois de dadas as ordens ao velho cocheiro foram parar a casa da mãe pequena. Quem havia de vir abrir a porta? Quem senão Anna, toda risonha alegre e bem vestida com um vestido de chita novo, um avental, e uma touca branca.

—Ora não ha! exclamou ella apenas avistou Rosalia; quanto folgo em vel-a!

Mas repentinamente estacionou e ficou toda confusa quando viu que tinha diante de si duas meninas elegantemente vestidas. A anãzinha porém, não se fartava de elogiar a sua creadinha, e esta sorria-se de satisfação.

—Estás contente Anna? perguntou-lhe Rosalia em voz baixa, enquanto Mimi conversava animadamente com a mãe pequena.

—Contente! Ora se estou! exclamou a rapariga. Nunca encontrei uma mulhersinha tão bôa! Pois ha mais de uma semana que já aqui estou e ainda lhe não ouvi uma palavra mais alta; é uma joia!

—Ainda bem que és feliz! disse Rosalia.

—É verdade; Elle, quero dizer, o Bom Pastor tem sido muito bom para comigo, acrescentou ainda Anna.

Rosalia não chegou nunca a faltar-se do pasto verdejante e das aguas quietas a que o Senhor a tinha conduzido. Quanto mais foi crescendo, e melhor conhecendo as desgraças de que foi poupada, tanto mais grata e reconhecida se sentia para com o Salvador. O brilho fatuo, os prazeres ficticios d'este mundo não tiveram nunca encantos para Rosalia. A vida atraz dos bastidores servira para mostrar-lhe como é ephemero e vão tudo quanto é mundano.

As lições que aprendera sobre o palco, não as esqueceu nunca! Aprendeu que não é bom fiarmo-nos nas apparencias. Aprendeu que a mascara risonha da sociedade, occulta muitos corações doridos, e isto serviu para mostrar-lhe que nenhuma felicidade n'esta vida é perfeita, real, e duradoura. Tambem aprendeu que quem quer que beba das aguas dos prazeres, e dos divertimentos d'este mundo ha de ter sêde,—emquanto que os que beberem da agua que nos dá o Senhor Jesus Christo nunca jámais hão de ter sêde, mas viverão inteiramente satisfeitos e felizes; e por isso ella procurou sempre trilhar os passos do Bom Pastor e escutar a sua voz.

FIM.

Lido por 4<sup>ta</sup> vez -

J. Paulo, 20-4-914  
11-5-916 C.

5<sup>ta</sup> vez " 14-8-921

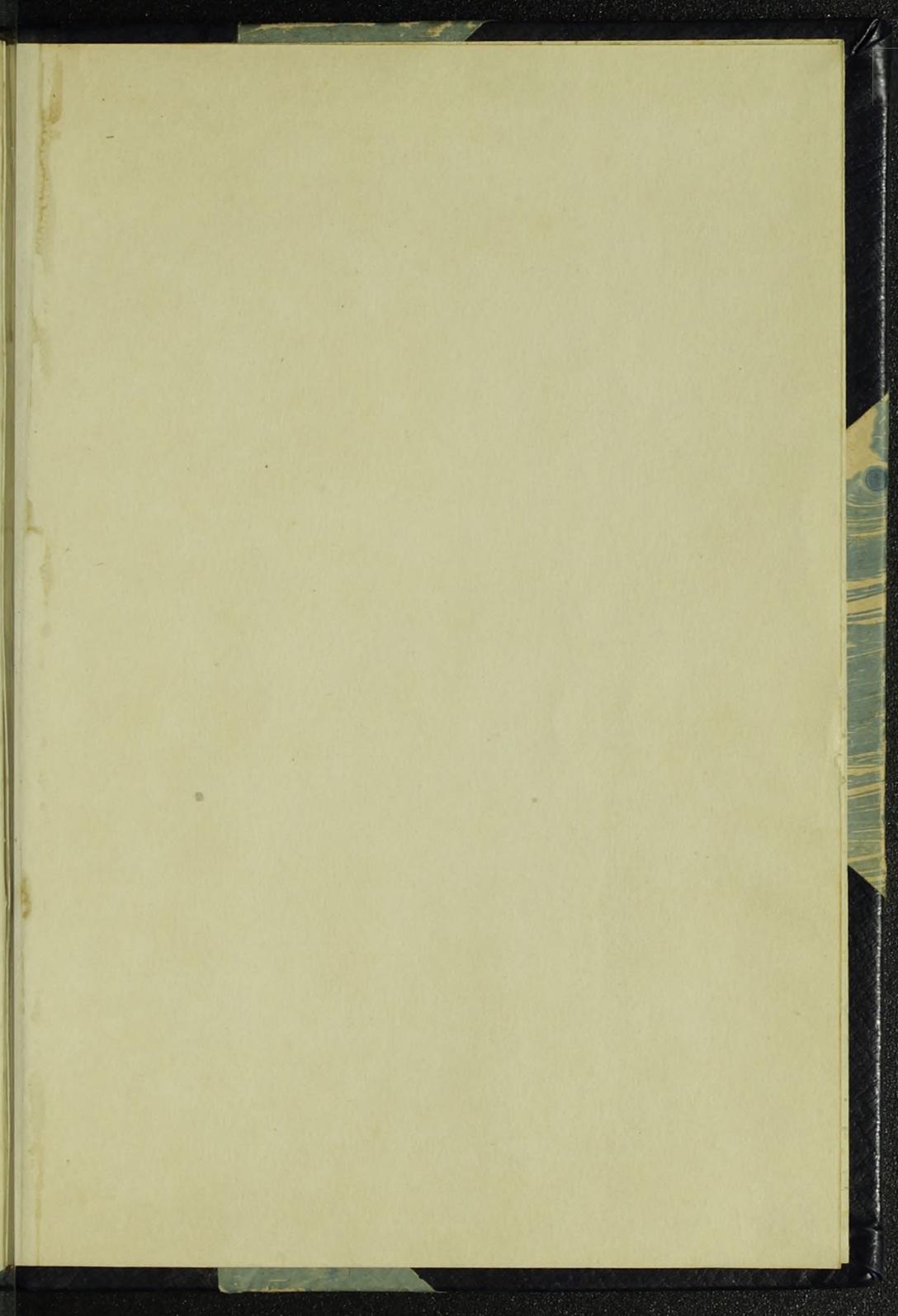
6<sup>ta</sup> vez - 26-4-928

INDICE

# INDICE

CAP.	PAG.
I Rosalia . . . . .	5
II O theatrinho . . . . .	10
III O dia seguinte . . . . .	15
IV A historia da actriz . . . . .	19
V O primeiro sermão de Rosalia . . . . .	25
VI Um segredo de familia . . . . .	31
VII A companhia do circo . . . . .	39
VIII A mãesinha anã . . . . .	44
IX A visita do medico . . . . .	53
X Jessica . . . . .	60
XI O sonho da mãe . . . . .	72
XII Uma ovelhinha triste . . . . .	81
XIII A feira da vaidade . . . . .	85
XIV Anna . . . . .	90
XV A vida na hospedaria . . . . .	102
XVI Dias tenebrosos . . . . .	107
XVII Só no mundo . . . . .	114
XVIII A caneca de leite . . . . .	119
XIX Saltão . . . . .	125
XX As cadeiras da mãe pequena . . . . .	132
XXI O termo da jornada . . . . .	142
XXII O encontro do cordeiro perdido . . . . .	148
XXIII O pasto verdejante . . . . .	154

125  
125



272

